



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Aureni da Silva Magalhães Marvila

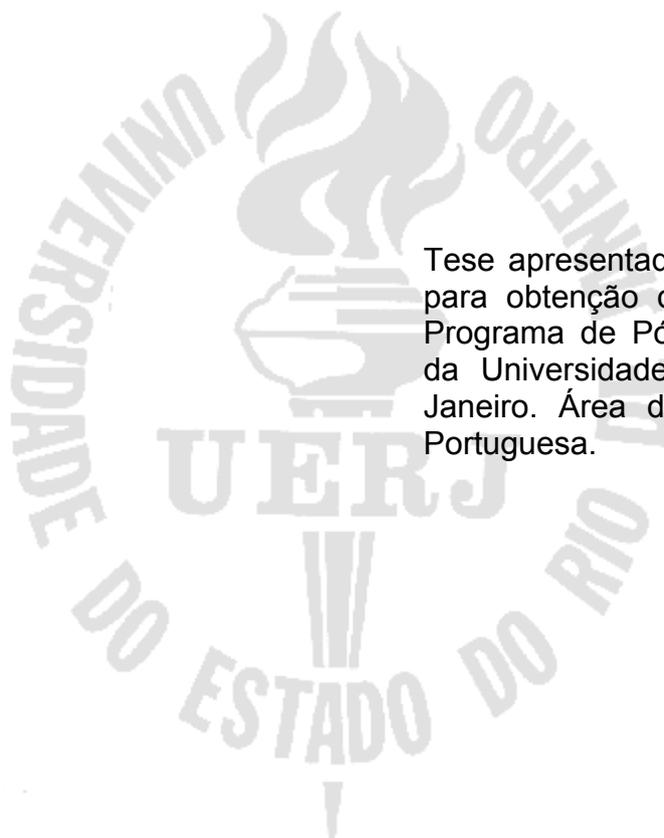
**Causalidade e explicação em português:
contribuição ao ensino produtivo da língua**

Rio de Janeiro

2010

Aureni da Silva Magalhães Marvila

**Causalidade e explicação em português:
contribuição ao ensino produtivo da língua**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Helênio Fonseca de Oliveira

Rio de Janeiro

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

M391 Marvila, Aurení da Silva Magalhães.
Causalidade e explicação em português: contribuição ao ensino produtivo da língua / Aurení da Silva Magalhães Marvila. – 2010. 166 f.

Orientadora: Helênio Fonseca de Oliveira.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Sintaxe - Estudo e ensino - Teses. 2. Língua portuguesa – Português escrito – Teses. 3. Língua portuguesa – Composição e exercícios – Teses. 4. Língua portuguesa – Verbos - Estudo e ensino – Teses. I. Oliveira, Helênio Fonseca de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90-56(07)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese

Assinatura

Data

Aureni da Silva Magalhães Marvila

**Causalidade e explicação em português:
contribuição ao ensino produtivo da língua**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 25 de março de 2010.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Helênio Fonseca de Oliveira (Orientador)
Instituto de Letras da UERJ

Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Gonçalves Pereira
Instituto de Letras da UERJ

Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques
Instituto de Letras da UERJ

Prof^a. Dr^a. Rosane Santos Mauro Monnerat
Instituto de Letras da UFF

Prof^a. Dr^a. Lygia Maria Gonçalves Trouche
Instituto de Letras da UFF

Rio de Janeiro

2010

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que sempre valorizaram meus estudos: família, amigos,
companheiros de profissão.

A todos os meus eternos alunos, aos quais sempre desejei facilitar o bom
desempenho da Língua.

A todos os que consideram a Língua um instrumento de expressão e de
comunicação do pensamento.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pela realização de meus estudos linguísticos.

Ao Prof. Dr. Orientador, pela ajuda e pela credibilidade em todas as etapas deste trabalho.

Ao meu esposo, pelo incentivo e pela compreensão.

A minha família e aos amigos, pela força durante o Curso.

Aos professores e colegas de Curso, pelo profissionalismo e pela competência.

Aos colegas de trabalho, principalmente pelo auxílio e pela força, em relação à etapa final desta jornada. Em especial, aos colegas Tomaz, Danielle e Rosa.

A todos que colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização e conclusão desta pesquisa, em particular, ao casal Gladsson e Marcela e ao André.

Feliz daquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.
Cora Coralina

RESUMO

MARVILA, Aurení da Silva Magalhães. *Causalidade e explicação em português: contribuição ao ensino produtivo da língua*. 2010. 166 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Este estudo apresenta um levantamento de estruturas sintáticas causais e explicativas e sua correlação, respectivamente, com os modos narrativo e argumentativo de organização do texto, evidenciando a frequência de tais construções nos respectivos gêneros textuais: notícia, crônica, editorial e redação de vestibular. Para a coleta de dados, analisam-se 400 (quatrocentos) textos, 100 (cem) de cada gênero supramencionado. Há o confronto de conectivos que, na tradicional escolar, representam formas de expressão da causalidade (sentido restrito) e da explicação, repensando-se aspectos da descrição e do ensino de Língua Portuguesa, com vistas à proficiência discursiva na modalidade escrita. Aponta como principais resultados: a) a existência de três grupos de conectivos explicativos: os exclusivamente causais, os exclusivamente explicativos e os que exercem dupla função; b) a correlação entre os três modos verbais e a explicação, e, no caso da causalidade, uma correlação apenas com os modos verbais Indicativo e Subjuntivo; c) uma correspondência entre causalidade (no sentido estrito) e narração, e entre explicação e argumentação; d) a relação entre Factualidade e as estruturas causais, e entre o ato de fala chamado Justificativa e as orações explicativas, expressando não apenas ordens, pedidos, convites, opiniões e perguntas. Conclui que o estudo dos conectivos causais e explicativos deve estimular a reconstrução do conhecimento e a observância dos elementos verbais (disponíveis na língua) que são responsáveis pela construção dos sentidos. Além disso, que o ensino de Língua Portuguesa deve estar centrado em uma abordagem produtiva, mais funcional, não essencialmente classificatória e conteudista, de forma que a gramática, com a contribuição de estudos do discurso, promova o desenvolvimento de habilidades e competências de produção de textos. Não se propõe com isso que a tradição escolar seja descartada. Ao contrário, é mais uma reflexão, no caso, intradisciplinar, com vistas à construção de uma prática didático-pedagógica em língua materna.

Palavras-chave: Ensino produtivo. Conectivos causais. Narração. Factualidade. Conectivos explicativos. Argumentação. Justificativa.

ABSTRACT

This study presents an assessment of causal and explicative syntactic structures and their respective correspondence with the narrative and argumentative modes of text organization, evidencing the frequency of such constructions in the following textual genres: news, chronicle, editorial and students' writing in college entrance exams (*vestibular*). For data gathering, we have analyzed 400 (four hundred) texts, 100 (one hundred) of each aforementioned genres. A comparison is made with connectives which, according to traditional educational practices, represent ways of expressing cause (restrict sense) and explanation, and thus we rethink aspects of Portuguese language description and teaching, with the purpose of improving proficiency in written discourse. The principal findings are: a) the existence of three groups of explicative connectives: those which are solely causal, those which are solely explicative and those that comprise both functions; b) the correlation among the three verb moods and explanation, and, in the case of causality, the correlation only with Indicative and Subjunctive verb moods; c) the relationship between causality (in the strict sense) and narration, and between explanation and argumentation; d) the relationship between factuality and causal structures, and between the act of speech called Justification and explicative sentences, expressing not only orders, requests, invitations, opinions and questions. We conclude that the study of casual and explicative connectives should stimulate the reconstruction of knowledge and the analysis of verbal elements (available in the language), which are responsible for the construction of meanings. In addition, the teaching of Portuguese language should focus on a productive approach, more functional, not essentially based on classifications and contents, so that grammar, with the contribution of discourse studies, may foster the improvement of skills and competences in text writing. We do not propose, with this study, that traditional school teaching should be disregarded. On the contrary, this is only another approach, in this case, intradisciplinary, with the purpose of constructing a didactic-pedagogical practice for Portuguese language as mother tongue.

Keywords: Productive teaching. Casual connectives. Narration. Factuality. Explicative connectives. Argumentation. Justification.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Gênero textual <i>Dissertação de Vestibular</i> , conectivos explicativos e o modo argumentativo de organização do discurso.....	30
Gráfico 1 – Gênero textual <i>Dissertação de Vestibular</i> , conectivos explicativos e o modo argumentativo de organização do discurso.....	31
Quadro 1 – Características semântico-discursivas dos tempos verbais.....	39
Quadro 2 – Tradutores de causalidade e de explicação.....	44
Quadro 3 – Reclassificação de conectivos tradutores de causa e de explicação.....	46
Quadro 4 – Identificação de conectivos em corpora	49
Quadro 5 – Emprego de <i>pois</i> e <i>porque</i>	57
Tabela 3 – Gênero textual <i>Editorial</i> , conectivos explicativos e o modo argumentativo de organização do discurso.....	118
Gráfico 3 – Gênero textual <i>Editorial</i> , conectivos explicativos e o modo argumentativo de organização do discurso.....	119
Tabela 2 – Gênero textual <i>Crônica</i> , conectivos causais e o modo narrativo de organização do discurso.....	120
Gráfico 2 – Gênero textual <i>Crônica</i> , conectivos causais e o modo narrativo de organização do discurso.....	121
Tabela 4 – Gênero textual <i>Notícia</i> , conectivos causais e o modo narrativo de organização do discurso.....	121
Gráfico 4 – Gênero textual <i>Notícia</i> , conectivos causais e o modo narrativo de organização do discurso.....	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A ESTATÍSTICA A SERVIÇO DOS ESTUDOS GRAMATICAIS	24
1.1 O processo de utilização do SCP (<i>Simple Concordance Program</i>)	25
1.2 O Coeficiente de Correlação de Pearson	28
1.3 Correlação entre os conectivos explicativos e o modo argumentativo de organização do discurso	33
1.4 Correlação entre os conectivos causais e o modo narrativo de organização do discurso	36
1.5 Correlação entre os modos verbais e os conectivos causais e os explicativos.....	39
2 HIPÓTESES, DESCOBERTAS E PRINCIPAIS RESULTADOS	43
2.1 Lista de conjunções em gramáticas normativas	44
2.2 Os conectivos exclusivamente explicativos, os exclusivamente causais e os que exercem dupla função.....	46
2.3 Aspectos morfossintático-semânticos e discursivos de alguns conectivos causais e explicativos	48
2.3.1 <u>O caso de JÁ QUE</u>	52
2.3.2 <u>A locução POR + INFINITIVO</u>	55
2.3.3 <u>O uso de ATÉ PORQUE</u>	56
2.3.4 <u>POIS e PORQUE</u>	57
3 SISTEMATICAÇÃO DE DADOS	60
3.1 Extratos dos <i>corpora</i> e alguns comentários.....	65
3.2 A ausência de conectivos causais e explicativos.....	86
4 PRÁTICA LINGUÍSTICA.....	88

4.1 A ótica discursiva, a tradição escolar e o livro didático.....	88
4.1.1 <u>Como os livros didáticos lidam com as noções de causalidade e de explicação.....</u>	90
4.2 Uso inadequado de conectivos em redações.....	93
4.3 Atividades didáticas para um ensino produtivo.....	97
4.3.1 <u>Desenvolvendo habilidades para a produção de textos.....</u>	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS.....	105
APÊNDICE A – Tabela e gráfico de gênero textual do modo argumentativo de organização do discurso.....	118
APÊNDICE B – Tabelas e gráficos de gêneros textuais do modo narrativo de organização do discurso.....	120
ANEXO A – <i>Corpus</i> imaturo, subgênero <i>Dissertação de Vestibular</i>.....	123
ANEXO B – <i>Corpus</i> maduro, subgênero <i>Editorial</i>.....	128
ANEXO C – <i>Corpus</i> imaturo, subgênero <i>Crônica</i>	142
ANEXO D – <i>Corpus</i> maduro, subgênero <i>Notícia</i>.....	150

INTRODUÇÃO

A motivação para a elaboração dessa tese, em continuidade à pesquisa de Mestrado, se justifica pela confluência de pensamento com os que acreditam que o ensino da língua materna deve ir além de simples técnicas e/ou regras para sua compreensão e processo de composição textual. Sendo assim, precisamos oferecer meios que garantam ao aluno/falante uma produtiva apreensão dos conteúdos ensinados, através de reflexões, análises e construções, visando a aplicações em sua atividade sócio-comunicativa.

Uma vez que a estrutura do idioma oferece variadas formas de expressão do pensamento, torna-se oportuno mais um estudo sobre as construções sintáticas que exprimem, através de modos de organização do discurso, diversos valores semânticos. Isso não significa que a forma estaria outra vez sendo privilegiada, em detrimento do conteúdo. Antes, objetivamos, principalmente, propor mais uma reflexão acerca dos moldes tradicionais de estudo e ensino de língua portuguesa, de maneira que a abordagem sintática privilegie os aspectos morfossintático-semânticos e os discursivos. Pois acreditamos que assim teremos, no mínimo, uma melhora em compreensão textual e na qualidade da expressão escrita.

O propósito inicial dessa pesquisa era tão somente comprovar cientificamente a correlação entre **causalidade** (sentido restrito) e **narração**, e entre **argumentação** e **explicação**, porquanto Oliveira¹ já dizia que

...existe uma correlação entre a **causalidade**, no sentido restrito (aquela expressa pelas conjunções causais) e o modo narrativo de organização do discurso: causalidade, nesse sentido, implica uma “cronologia”; o fato-causa tem de ocorrer antes do fato-consequência. Isso pressupõe fatos que se sucedem no tempo, o que é próprio da narrativa... Ao contrário, é próprio do modo argumentativo o ato de justificar com argumento(s) a enunciação de uma sequência que funciona como tese.

Eis a razão por que pensávamos em identificar todas as palavras e expressões por meio das quais é possível expressar **causalidade** (*lato sensu*), até mesmo porque é sabido que existe uma afinidade semântica entre os conectivos causais e os explicativos. Entretanto, surgiu a necessidade de delimitarmos qual seria o “foco maior” para esta pesquisa. Então, decidimos explorar não só as

¹ OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. Descrição do Português à Luz da Linguística do Texto. Rio de Janeiro: UFRJ/CEP, 2001b, p. 72.

conjunções e as palavras afins que aparecem explicitamente, ligando orações ou porções maiores de texto, mas também a preposição *por* + infinitivo.

No decorrer do levantamento das ocorrências, vimos que mereciam um razoável grau de atenção algumas expressões como *tendo em vista (que)* e *por esse (este) motivo*, tradutoras, respectivamente, de explicação e causa, considerando que, no caso específico da primeira, altera o paradigma semântico de que apenas preposições ou locuções prepositivas são causais. Sobre ambos os casos, não possuem **status** de locução prepositiva e/ou conjuntiva, isto é, não são itens lexicais, parecendo-nos que se trata de casos fronteiros entre vocábulos independentes (dois, três, quatro) e locução conjuntiva.

Em consonância com Oliveira, salientamos que,

No que se refere aos conceitos de *modos de organização do discurso*, *tipos de textos* e *gêneros textuais*, **também** (acréscimo nosso) adotaremos aqui a terminologia de Patrick Charaudeau, ligeiramente adaptada, a saber, ficaremos com os termos *modos de organização do discurso* e *tipos de textos*, tais quais ele os emprega na *Grammaire du Sens et de l'Expression* de 1992, e tomaremos *gêneros textuais*, que aparece com mais de um sentido em seus trabalhos, como subcategorias dos tipos de textos. Às subcategorias dos gêneros chamaremos *subgêneros* (2003, p. 41).

O “foco menor” compreende: as preposições e as locuções prepositivas que são essencialmente tradutoras de **causalidade**, exceto, como acabamos de dizer, no caso de a preposição *por* aparecer ligando orações reduzidas de infinitivo; a preposição *por* + sintagma nominal sempre de valor causal; o *porque* advérbio interrogativo de valor causal. Todos esses casos foram considerados “irrelevantes”, e, como não pretendemos explorá-los, mesmo sendo tradutores de causa, um dos valores semânticos em estudo, decidimos não anexar, ao final, textos em que eles apareceram.

Nos anexos, por amostragem, de acordo com o gênero textual em pauta, serão encontrados, na íntegra, os textos em que os casos, principalmente os excêntricos, aconteceram. Aproveitamos para informar que os textos citados neste trabalho, seguindo o agrupamento por espécie de gênero textual, foram compilados, em ordem numérica ascendente. Não obstante, a título de exemplificação.

Também não enfocaremos: as orações reduzidas de gerúndio e de participio; as construções assindéticas, inclusive as do tipo *ponto + maiúscula*, por possuírem valor causal ou explicativo flutuante, sem esquecer a afinidade semântica com as

orações temporais, aditivas, finais, etc., semelhantemente ao que ocorre com as reduzidas de gerúndio e de participio. Esses casos nem serão exemplificados.

Inicialmente, tínhamos três hipóteses: primeiramente, que haveria, nos **corpora** argumentativos, bem mais conectivos tradutores de **explicação** do que de **causalidade**, e, nos **corpora** narrativos, o inverso; em segundo lugar, que, apesar da ocorrência de **causalidade** no modo narrativo, e de **explicação** no argumentativo, o predomínio não seria tão significativamente menor. A terceira e última suposição era que, em ambos os casos, haveria alta correlação entre **argumentação** e **explicação** e entre **narração** e **causalidade**.

Em linhas gerais, confirmou-se a intuição linguística, pois, mesmo não sendo tão expressiva a correlação, em termos matemático-estatísticos, existe, sim, a relação entre os modos narrativo e argumentativo de organização do discurso e os valores semânticos de causalidade (sentido restrito) e de explicação, respectivamente.

Assim foi cumprida a primeira etapa para elaboração deste trabalho: (a) definição do **corpus**; (b) levantamento de ocorrências; (c) inclusão dos **corpora** maduros; (d) escolha e início de aplicação das ferramentas para a pesquisa. A segunda etapa aconteceu da seguinte forma: (a) definição do “foco maior”; (b) sistematização das ocorrências e conclusão da aplicação de ferramentas da Informática e de métodos matemático-estatísticos; (c) análise de dados; (d) confronto com a tradição escolar; (e) sugestão de temas para composição dos capítulos.

A fim de que comprovássemos a correlação entre **causalidade** (sentido restrito) e **narração** e, entre **argumentação** e **explicação**, precisávamos definir quais gêneros textuais, em maior ou menor grau de incidência, serviriam para representar os modos narrativo e argumentativo, lembrando que

...os textos podem ser objeto de uma categorização em *gêneros* (publicitários, científicos, de informação, de instrução, etc.), e não devem ser confundidos com Modos de Organização, já que um mesmo gênero pode resultar de um ou de vários modos de organização de discurso e do emprego de várias categorias de língua (CHARAUDEAU, 2008, p. 68).

Oliveira informa que

Charaudeau distingue tipos *tipos de textos* (publicitário, noticioso, didático, científico etc.) de *modos de organização do discurso* (descritivo, narrativo, argumentativo e enunciativo, sendo o último o que “gerencia” os outros três). Embora possa haver, segundo ele, certa correlação entre um tipo de texto e determinado modo de organização discursiva – por exemplo, editoriais tendem a ser argumentativos –, não se devem confundir as duas noções, pois cada tipo textual pode, em princípio, utilizar qualquer modo de organização do discurso. O texto publicitário é um bom exemplo disso: podemos anunciar um produto descrevendo-o, contando uma história, geralmente breve, argumentando com suas “virtudes” etc. (CHARAUDEAU, 1992 *apud* Oliveira, 1996, p. 137.)

Para compor os **corpora**, analisamos um total de 400 (quatrocentos) textos. De início, pensávamos em verificar as formas de expressão da **causalidade** e da **explicação** em redações de alunos. Foram analisadas 200 (duzentas) produções, sendo os cem primeiros textos fornecidos pelo Professor-Orientador, em 2006, quando iniciamos o Curso. De seu banco de textos, cedeu-nos gentilmente 100 (cem) cópias de dissertações de vestibular do processo seletivo UERJ-2003, numeradas de 201 a 301. Essa numeração original foi mantida, o que pode ser constatado quando da citação dos referidos textos. Os outros cem fazem parte do acervo de um colégio militar, o Colégio Naval, em Angra dos Reis/RJ, e se referem a crônicas produzidas, em 2005, por alunos das turmas de terceiro ano do Ensino Médio. A enumeração desse último grupo, bem como os da coletânea de textos do **corpus** maduro, recebeu os números de 001 a 100.

Nossa intenção era realizar a análise de dados somente com base nos primeiros textos descritos, os pertencentes ao **corpus** imaturo. Mas fomos orientados a verificar as referidas formas de expressão na modalidade escrita divulgada pela mídia impressa (um **corpus** maduro), por representar a linguagem chamada “de prestígio”. Ou seja, observaríamos o padrão sintático das estruturas causais e explicativas, na forma linguística reconhecida por “padrão”, que também não deixa de ser um retrato da língua em uso.

Assim, para a composição dos **corpora** maduros, com o auxílio da Internet, coletamos os outros 200 (duzentos) textos, sendo 100 (cem) editoriais e 100 (cem) notícias do jornal O Globo *Online*, a fim de aproveitar a versão já digitalizada. Os editoriais foram publicados nos períodos de fevereiro a dezembro de 2005 e de janeiro a abril de 2006, sendo que uns apresentam um caráter mais institucional, e outros, uma posição individual. As notícias versam sobre assuntos variados, desde

política e economia a ciência, saúde, cultura, educação, etc., com matérias nacionais e internacionais. Foram publicadas entre os meses de fevereiro e dezembro de 2008.

A proposta de Redação do Vestibular foi, a partir do tema “Os defeitos podem ser muito sérios, os erros, muito graves, as crises, muito profundas – e o que parece imaginação, às vezes, se revela apenas mentira.”, produzir um texto, em prosa, dissertativo-argumentativo, de no mínimo quinze e no máximo trinta linhas, que apresentasse elaboração própria, estrutura completa e coerente, sendo redigido em língua culta padrão.

A respeito da redação produzida pelos alunos do colégio militar, foi solicitada a composição de uma crônica, de no mínimo quinze linhas, cuja história versasse sobre um fato marcante ou pitoresco. Atribuiu-se uma pontuação ao texto, porque equivaleria a um trabalho bimestral da disciplina Literatura.

Ainda sobre os textos que compuseram os **corpora** imaturos, fez-se a digitação das versões originais, acompanhada de sua conferência, para garantir a fidedignidade das informações, inclusive por causa de alguns casos interessantes e que foram considerados nesta pesquisa. Por exemplo, a constatação de orações coordenadas sindéticas explicativas introduzidas pelo *porque*, nos **corpora** maduros, não precedidas pela vírgula, ocorrendo o contrário quando esse mesmo conectivo introduz orações subordinadas adverbiais causais.

Os manuscritos tanto das crônicas quanto das dissertações de vestibular estão disponíveis em nosso arquivo particular para consultas. Anexamos, apenas em formato digital, esse **corpus** utilizado inicialmente, para que os interessados possam reproduzir os resultados obtidos aqui, garantindo, assim, mais confiabilidade.

Usaremos o termo **sequência**, referindo-se tanto a uma oração quanto a, em certos casos, um conjunto de orações, ou até mesmo, a um parágrafo do texto, entendendo o parágrafo como uma unidade de extração por possuir mais contexto do que as sentenças. Consideramos não só trechos como também parágrafos, literalmente falando, para análise e composição de extratos dos **corpora**. Nesse aspecto, Silva (2009, p. 127) faz referência ao denominado Mr. Paragraph, dizendo que

Numa perspectiva discursivo-funcional, Longacre reconhece no discurso uma estrutura gramatical e afirma que essa estrutura pode ser decomposta em partes, tendo o parágrafo o *status* de unidade intermediária entre a sentença e o discurso (o todo) e por isso guardando semelhanças com os dois níveis contíguos.

Em relação ao conceito linguístico-gramatical da categoria denominada **conjunções**, tratá-la-emos aqui por **conectivos**, haja vista que optamos pelo termo geral (hiperônimo), especificamente falando sobre *porque* e sinônimos, considerando-os “...certas palavras e expressões que ‘ligam’ termos da oração, orações, períodos e até fragmentos de texto relativamente longos” (OLIVEIRA, 2001b, p. 63). Ou seja, são elementos de ligação em constituintes textuais, nos níveis intra, interoracional e interfrástico.

Ressaltamos que, quanto a outros grupos de palavras com que também exprimimos **causa** e **explicação**, por exemplo, *por esse motivo* e *tendo em vista*, respectivamente, decidimos chamá-los de **expressões**. Isso com base num princípio metafórico denominado *graus de soldamento*, de Azeredo, conforme texto original do verbete “formação de palavras” da Enciclopédia Mirador, cuja menção acabou não sendo publicada. Aproveitamos para formalizar nosso agradecimento por ele nos permitir utilizar essa inédita abordagem neste trabalho.

Segundo Perini (2001, p. 139), conjunções seriam apenas as “palavras” que a gramática escolar chama de ‘conjunções subordinativas’. E acrescenta:

Uma conjunção pode ser apresentada graficamente como uma palavra (*que, quando*) ou como um grupo de palavras (*visto que, se bem que, sempre que*). Conjunções desse último tipo funcionam de certo modo como palavras únicas, pois suas partes não têm independência sintática; e, a se levar em conta apenas a sintaxe, poderiam ser grafadas sem espaço, como uma única palavra. No entanto, a ortografia reflete o fato de que as partes dessas conjunções têm alguma independência fonológica, pois conservam cada uma seu acento tônico próprio.

Azeredo (2004, p. 145-6) as considera tanto introdutores subordinativos quanto coordenativos, sendo que estes ligam os termos; aqueles, os introduzem. Em acordo com Beaugrande e Dressler, Fávero (1992, p. 54) reconhece que existe a interdependência semântica das frases, denominando “conectores frásicos” os elementos linguísticos por meio dos quais podemos exprimir diversos valores, entre eles, o da **causalidade**.

Salienta (Ibid., p. 58) que “Algumas relações causais são do tipo lógico, isto é, o conteúdo expresso pelo conseqüente será verdadeiro se o conteúdo do

antecedente o for. É o que se denomina condicionalidade factual ou real.”, ao que chamamos de uma relação de **causa e efeito**, por exemplo, o que se expressa em ‘A água ferveu e não derramou porque as bolhas de vapor arrebentaram’. E acrescenta (loc. cit.): “Estabelecem-se, porém, nas línguas naturais relações de causalidade que não só as do tipo lógico, **em que se aventa uma causa para uma determinada consequência**” (grifo nosso).

Para a autora, “A relação de causalidade (condição necessária ou suficiente) é expressa pelas construções que a gramática chama de causais, conclusivas e consecutivas” (*loco citato*). Seria o caso de um enunciado do tipo ‘A água ferveu e derramou, porque a panela estava mais cheia’.

No primeiro caso, a conjunção *porque* introduz a causa; no segundo, o papel dela é o de introdutora de argumentos, sendo que se observam entoações distintas: um final descendente, no primeiro, e, no segundo, um final ascendente. Sobre essa particularidade, Oliveira, fazendo referência a Koch, comenta:

A primeira **assertiva** (acréscimo nosso) apresenta a **entoação** com final **descendente** característica de quem narra, observando-se na segunda a **entoação** com final **ascendente**, que costuma estar associada a um envolvimento pessoal do falante com seu discurso. Quem argumenta, por estar empenhado em persuadir o interlocutor, tende a mostrar-se enfático, veemente, às vezes patético, atitudes que nada têm da tranquilidade do narrador e se manifestam na fala sob a forma de uma entoação de final ascendente. A correlação entre tais atitudes e os modos argumentativo e narrativo de organização do discurso não é uma regra infalível – é possível narrar emocionado bem como argumentar tranquilamente – mas existe certa correlação entre argumentação e engajamento do locutor e entre narração e não engajamento. (2001b, p. 73)

No que concerne à dependência sintático-semântica das conjunções explicativas e das causais, Garcia informa que

As explicativas (*pois, porque*) relacionam orações de tal sorte que a segunda encerra o motivo ou explicação (razão, justificativa) do que se declara na primeira. Em virtude de afinidade semântica entre motivo e causa, *porque*, explicativa, confunde-se com *porque*, subordinativa causal... (2003, p. 44)

Numa visão bloomfieldiana, que atualmente não se adota mais, de considerar que semântica não é gramática, Macambira afirma que

As orações unidas por conjunções coordenativas causais (explicativas) podem também, quase sem exceção, ser apresentadas sob a forma de orações subordinadas... Só é possível considerar *porque* e outras causais como explicativas, partindo-se de argumentos extralingüísticos, geralmente muito pessoais e portanto anticientíficos. Toda explicativa é causal, porque denota a causa; e toda causal tem de ser explicativa, pois está explicando qual é a causa...O critério semântico é inferior ao mórfico e ao sintático, porque não ensina a descobrir por meios

lingüísticos a divisão das conjunções. Para determinar se a conjunção é coordenativa, cumpre saber se a oração é independente, ou vice-versa; para determinar se é subordinativa, se a oração é dependente, ou vice-versa. Como a subordinativa pode ser nocional, e por isto carecer de conjunção subordinativa, é óbvio que o analista não encontra em que se agarrar para estabelecer a distinção (1999, p. 70 seq.).

Mas Carone, com base nos estudos de Vogt (1989), esclarece:

...há motivos que levam a confusões entre a causal e a explicativa, por mais diferentes que sejam, na vida, a causa e a explicação (**aquela é anterior ao fato, e esta nós buscamos a posteriori**). O primeiro é que a **explicativa** é, “lateralmente”, uma causal. Alguns chegam a dizer que ela exprime uma relação de causa “mais frouxa”; essa avaliação qualitativa, porém, não é estritamente sintática. O verdadeiro problema é que ela **não exprime uma causa referencial daquilo que é dito no enunciado...mas a causa do ato e da atitude do locutor ao produzir seu enunciado. Em outras palavras, não é a causa do “dictum”, mas do “modus” do falante, visto que gerou o seu julgamento sobre o fato exposto** (grifos nossos). Por esse motivo é que Vogt...assinala seu valor argumentativo (2001, p. 73).

Vários estudiosos sistematizaram padrões sintáticos de estruturas causais e explicativas. Citamos os trabalhos de Garcia (2003), Charaudeau (1992), Bechara (2001a, 2001b), Vogt (1980), Koch (1992), Brito (2003), Souza e Silva (2001), Val (1999), Oliveira (2001a, 2001b, 2005b), Oliveira & Monnerat (2005), Henriques (2008), Azeredo (2000, 2004), Paiva (1993), entre outros.

Dentre as propostas de diferenciação das conjunções causais e explicativas, destacamos as de Henriques e de Oliveira & Monnerat, por privilegiarem tanto o comportamento sintático quanto o semântico, e, no caso de Oliveira & Monnerat, numa perspectiva também discursiva, que é o nosso enfoque. Além disso, a exposição didática dos autores também merece destaque.

Henriques chama atenção para o fato de que

Não devemos confundir a estrutura explicativa com a causal (que também emprega as conjunções **pois & porque**). Na verdade, a distinção entre ambas é mais clara no aspecto semântico (a oração explicativa é sempre a conseqüência da oração A) ou no seu caráter fonológico (a entonação da oração A é ascendente e termina por pausa). Exemplos: - O carro tem algum problema, **[pois está soltando fumaça.]** → EXPLICATIVA - O carro está soltando fumaça (,) **[pois tem algum problema.]** → CAUSAL (2008, p. 104).

Oliveira & Monnerat (2005, p. 94) assim apresentam a diferença:

Façamos, então, um parêntese para distinguir as explicativas das causais. Comparemos... frase (1) com a de número (10)... (1) A criança chorou **porque** apanhou da mãe... (10) A criança chorou, **porque** seus olhos estão vermelhos. No primeiro caso, “apanhar da mãe” é realmente a causa de “a criança ter chorado”, que é a sua conseqüência. O mesmo já não se pode dizer da segunda frase, em que “porque seus olhos estão vermelhos” é a justificativa, a explicação do ato de fala

anterior, funcionando como argumento para “provar” a tese de que “a criança chorou”. Além disso, há uma distinção, entre as duas orações, de caráter fonológico. Em (10), a entonação da primeira oração é ascendente e termina por breve pausa, marcada na escrita, por pontuação (**aspecto que Henriques também aborda**) – acréscimo nosso.

Tratando especificamente da noção de causalidade (sentido restrito), os autores (Ibid., p. 90-1), em referência a Koch (1992), apresentam paráfrases de um enunciado (1), cujas construções evidenciam a relação de causa e consequência, sempre a causa a antecedendo, na ordem natural dos acontecimentos:

- (1) A criança chorou **porque** apanhou da mãe.
- (2) **Como** apanhou da mãe, a criança chorou.
- (3) A criança apanhou tanto da mãe **que** chorou.
- (4) **Por ter** apanhado da mãe, a criança chorou.
- (5) **Se** a criança apanhou da mãe, ela chorou.

Depois, mencionam outras possibilidades de a exprimirmos, por exemplo, com a inversão da ordem natural dos acontecimentos, que se configura em (1), por meio de frases simples cujos verbos denotam causa e/ou consequência, respectivamente: (6) Os tapas da mãe **causaram/motivaram/ocasionaram** o choro da criança; (8) O choro da criança **decorreu dos (deveu-se aos, derivou dos)** tapas da mãe. E chamam nossa atenção para a construção (5), “...que pode ser parafraseada por: “Chorou **porque** apanhou da mãe”.

Oliveira expõe a distinção entre conjunções explicativas e causais numa ótica discursiva,

Concluindo: - A conjunção **causal** “liga” orações ou conjuntos de orações que exprimem fatos (e não opiniões, ordens, perguntas etc.), sendo o segundo desses fatos, causa do primeiro. – A conjunção **explicativa**, ao contrário, introduz uma oração ou conjunto de orações que justifica o fato de se ter falado ou escrito a oração (ou conjunto de orações) anterior. A respeito da construção “A porque B”, “A pois B” etc. (com conjunção explicativa) podem-se fazer as seguintes observações: a) “A” exprime uma opinião, ordem, pergunta, tese etc. Se exprimir um fato, este assumirá o *status* discursivo de tese por ser visto pelo falante como questionável. B) Quando “A” é uma tese, “B” é um argumento orientado para essa tese. c) Como “B” justifica o fato de se ter falado ou escrito “A”, é possível nessa construção subentender-se, antes da conjunção, “e eu digo isso”, “e eu ordeno isso”, “e eu peço isso”, “e eu pergunto isso” etc. (2001b, p. 73)

Com base nos propósitos desta pesquisa, ratificamos a importância da sistematização de critérios por meio dos quais o aluno/falante diferencie **causa** de

explicação. É de suma importância, além disso, que “...adquiram também certos padrões de estruturas frasais de que a língua possa dispor para expressar de várias maneiras a mesma ideia claramente concebida e suas relações com outras” (GARCIA, 2003, p. 77).

Adotando a terminologia de van Dijk, ao tratar dos mecanismos de coesão sequencial *strictu sensu*, Fávero menciona, entre outras, as noções de **causalidade** e de **explicação** ou **justificação**, sendo que a primeira se referindo novamente a um operador do tipo lógico; a segunda, a um operador do discurso com que “...introduz-se uma explicação **ou, uma justificação** (acréscimo nosso) de um ato anteriormente realizado (1995, p. 33 seq.)”, e não, uma relação de causa e consequência.

Sobre estes recursos de sequenciação por conexão, a autora ainda esclarece:

Os operadores do tipo lógico têm por função o tipo de relação lógica que o escritor/locutor estabelece entre duas proposições (não devem ser confundidos com os operadores lógicos propriamente ditos, porque as línguas naturais têm sua própria lógica, diferente da lógica formal). Os operadores discursivos têm por função estruturar, através de encadeamentos, os enunciados em textos, dando-lhes uma direção argumentativa, isto é, orientando o seu sentido em dada direção (loc.cit).

As palavras e expressões que estamos chamando neste trabalho de **conectivos** correspondem ao que Charaudeau² denomina ‘relatores lógicos’, isso quando tratou da argumentação e sua relação discursiva com algumas categorias gramaticais:

...Todavia, esse termo aqui serve para assinalar que os processos linguísticos de articulação lógica se dão através de categorias da língua que se revezam na organização argumentativa da linguagem, as mesmas que, como as demais categorias, se põem a serviço dos modos de organização do discurso... A tradição gramatical não trata essa questão dos relatores lógicos como tal.

Ilari e Geraldi advertem que algumas das tradicionais classificações

² O texto em língua estrangeira é: Ce terme a néanmoins été retenu ici pour signaler que les procédés linguistiques d’articulation logique sont des catégories de la langue qui relèvent de l’organisation argumentative du langage, même si celles-ci, comme les autres catégories de langue, peuvent se mettre au service d’autres *modes d’organisation du discours*... La tradition grammaticale ne traite pas la question des *relations logiques* en tant que telle (CHARAUDEAU, 1992, p. 493 seq.).

morfossintáticas da língua realmente não dão conta das condições de uso da língua e que existem “...categorias descritivas que dizem respeito menos à sintaxe ou ao conteúdo objetivo das frases, e mais ao seu possível uso na interação dos locutores (2001, p. 80-1)” . Inclusive reconhecem que há conectivos, sejam coordenativos sejam subordinativos, com que estabelecemos “...uma relação entre argumentos e conclusões... (loc. cit.), entre outros, o *pois* e o *já que*.

Porém, ressaltam que

O recurso às noções da semântica argumentativa enseja uma explicação para fatos diante dos quais as classificações tradicionais ou mesmo algumas análises semânticas mais cuidadosas se revelam insuficientes (op. cit., p. 83).

Em função disso, a presente pesquisa analisa, sob um enfoque discursivo, os elementos linguístico-gramaticais tradutores de causa e de explicação, por exemplo, o fato de as conjunções *pois* e *já que* tanto justificarem **enunciações** quanto **ações**. No caso das conjunções *visto que* e *uma vez que*, a alta frequência com que são usadas para justificar **ações**. Logo, existem conectivos que são sintaticamente subordinativos, mas, semanticamente traduzem justificativas, portanto, explicativos. Observamos também que, além de ações, ordens, pedidos, convites e perguntas, eles podem justificar opiniões, exclamações, desejos, recomendações e crenças, etc.

São explorados outros dados relevantes: em primeiro lugar, a correlação entre os modos verbais do indicativo, do subjuntivo e do imperativo e o ato de explicar, de justificar, e entre os dois primeiros modos (indicativo e subjuntivo) e o ato de relatar fatos. Em segundo, que há os conectivos exclusivamente causais, os exclusivamente explicativos e, dentre eles, os que exercem dupla função.

O desenvolvimento desse estudo foi organizado em quatro capítulos: no primeiro, demonstramos a utilização da estatística para confirmar a correlação existente entre **causalidade** (sentido restrito) e **narração** e, entre **argumentação** e **explicação**; no segundo, apresentamos os principais resultados dessa pesquisa, confirmando hipóteses e descobertas; no terceiro, sistematizamos a análise de dados. No quarto e último capítulo, algumas reflexões sobre a prática linguística, incluindo nossa contribuição para o ensino da língua portuguesa.

Em princípio, propomos que, no estudo dos **conectivos** que na tradição

escolar representam formas de expressão da **causalidade**, no sentido amplo³, não se observem apenas critérios sintáticos. Devemos também considerar elementos semântico-discursivos, repensando aspectos da descrição e do ensino de Português, em prol de uma maior proficiência linguística, em especial, na modalidade escrita da língua. Com uma abordagem mais funcional, pautada no reconhecimento e na (re)elaboração de diferentes construções de **causa** e de **explicação**, teremos uma efetiva contribuição ao ensino produtivo da língua, porque, como disse Garcia,

...A articulação das orações (ou enunciados) exige faculdade de análise, de discriminação, de raciocínio lógico, enfim. O autor deve ter presente ao espírito a concorrência de fatores e elementos diversos (termos, agrupamentos de termos, orações..., grau de relevância das idéias segundo o ponto de vista, etc.). Deve procurar dar a cada um desses elementos e fatores, assim como ao seu conjunto, uma estrutura e disposição que estejam de acordo não apenas com as normas sintáticas mas também com a hierarquia entre eles, combinando-os de maneira que expressem o pensamento com a necessária clareza, objetividade, precisão e relevo (2003, p. 71).

Enfim, julgamos interessante e necessário abordar didaticamente, além dos conceitos já mencionados nesta introdução, outros aspectos discursivos que, sem dúvida, contribuirão ao ensino produtivo da língua. Contudo, temos consciência da necessidade de ajustes nos enfoques e na aplicação didática, de acordo com o nível de escolaridade em questão.

Discriminamos alguns deles⁴: enunciado, proposição, lógica, discurso/discurso relatado, paráfrase, conectividade, tese, opinião, argumento/argumento relatado, **verbo dicendi**, argumentação (convencimento ou persuasão), juízo de valor, apreciação, ponto de vista, modalização, objetividade, não engajamento, subjetividade, engajamento, ato de fala, assertiva/não assertiva, enunciação, explicação, justificativa (de ordem / de pedido / de pergunta / de convite / de opinião / de exclamação / de desejo / de recomendação / de crença / de ação / de

³ Cf. CHARAUDEAU, 1992, p. 525 seq., e AZEREDO, 2002, p. 224 seq. Ou seja, para este, causais, explicativas e consecutivas; para aquele, as três acima e as conjunções que, para Azeredo, são da consequência, ou do resultado: consecutivas, conclusivas e finais.

⁴ Para o trabalho com tais assuntos, propomos que, em sala de aula, incentive-se a consulta ao gênero textual *verbete de dicionário*. A maioria desses conceitos são mencionados, por exemplo, no *Dicionário de análise do discurso*, de Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2004). Outras estratégias podem ser utilizadas: a elaboração de glossários, para facilitar a apreensão de novos termos; a identificação das concepções em variados textos (verbais, não verbais e mistos); etc.

enunciação), ação relatada, fato-causa/fato-consequência, facticidade, causalidade (sentidos amplo e restrito), narração, etc.

Ressaltamos que essa proposta de abordagem a partir dos conteúdos em pauta – construções de **causa** (sentido restrito) e de **explicação**, em especial as introduzidas por *porque* e sinônimos, contempla nossa contribuição para os estudos sobre o ensino de Português, considerando principalmente os aspectos semântico-discursivos. Isso porque

...tradicionalmente, o ensino de língua portuguesa **ainda** apresenta uma metodologia calcada em simples metalinguagem de classificação e regras gramaticais. **Muito pouco se faz em prol de um ensino mais produtivo dos conteúdos trabalhados em sala de aula, baseado em critérios discursivos e pragmáticos** (grifos nossos). Em decorrência disso, há grande dificuldade por parte do aluno em conceber a língua como algo dinâmico e suscetível a diversas formas de organização, a depender da intenção que o emissor manifesta ao comunicar. O aluno, muitas vezes, não consegue ampliar sua análise gramatical para um âmbito mais discursivo, mais pragmático, e chega a se sentir desmotivado, já que não vê aplicabilidade para o conteúdo aprendido... **Também pretendemos** (acréscimo nosso) discutir e propor alternativas de abordagem mais discursiva dessas construções, descrevendo os efeitos de sentido de seu emprego em textos nas diversas situações de uso (SILVA et. al., 2006, não paginado.).

1 A ESTATÍSTICA A SERVIÇO DOS ESTUDOS GRAMATICAIS

Com o auxílio de um aplicativo, o *Simple Concordance Program*⁵, e de elementos da Matemática e da Estatística, operacionalizamos conceitos gramaticais adquiridos. Por exemplo, a constatação da preferência pelo uso dos conectivos pois e porque, até nos gêneros textuais que representam a linguagem de prestígio, formal, dita culta.

O computador e os métodos matemático-estatísticos, com rapidez e precisão, nos serviram como auxiliares na avaliação das relações entre as variáveis linguísticas dos *corpora*. O **SCP** e o **Coefficiente de Pearson** significaram para nós muito mais que um recurso tecnológico informatizado e operacional de coleta e contabilização de termos, cálculo de frequências, constituição de tabelas e gráficos, etc. Acima de tudo, ambos serviram, nesta pesquisa, como instrumentos de comprovação científica de nossa intuição linguística.

Abrimos um parêntese para relatar que, no início da constituição da base de dados, estávamos utilizando o aplicativo *WordSmithTools*, o primeiro que testamos para esse fim. Mas, em um determinado momento, verificamos que ele não nos oferecia o recurso de extrair os conectivos em questão de maneira contextualizada, o que estamos chamando de **sequências**, inclusive com a indicação das linhas em que aparecem. Isso o *Simple Concordance Program* o faz. Por essa razão, substituímos o anterior por este.

Após a definição dos itens lexicais a serem pesquisados, iniciamos a leitura dos textos, ainda na versão “original” (*corpus* imaturo manuscrito, *corpus* maduro digitalizado no *Word*), não só para nos inteirarmos das temáticas e abordagens tratadas nos *corpora*, mas também para fazermos uma varredura inicial, em se tratando do objeto de nossa investigação. Depois é que iniciamos a aplicação do SCP. Assim, os textos não foram lidos somente com o auxílio do computador.

A partir dos dados de frequência (base para a análise quantitativa) e ambientes de ocorrência, chegamos aos resultados, identificando quais dos conectivos causais e explicativos foram empregados pelo aluno/falante (*corpus*

⁵ Slides disponíveis em <http://web.bham.ac.uk/a.reed/textworld/scp/index.html>.

imaturu) e pela imprensa escrita (**corpus** maduro). Coube a nós a tarefa de analisar todas as ocorrências de uso do porque e sinônimos (análise qualitativa), estabelecendo suas diferenças morfossintáticas e semântico-discursivas.

Passamos a fornecer informações que julgamos essenciais à utilização dos aplicativos e ao entendimento de suas finalidades, com vista aos propósitos da pesquisa. Faremos também a interpretação linguística dos números apresentados, comentando sobre o tipo de correlação encontrada entre os **conectivos** e os modos narrativo e argumentativo de organização do discurso.

1.1 O processo de utilização do *Simple Concordance Program* (SCP)

A Informática se tornou uma aliada para o desenvolvimento desta pesquisa, constituindo-se uma ferramenta para esse estudo. Explicaremos como foi o passo a passo no processo de utilização do SCP.

Para fins de operacionalização, já na versão digitalizada, os textos foram convertidos a um formato chamado “txt”, para que deles fossem extraídas as informações com que construiríamos a base de dados terminológicos. Com o acionamento do **menu Wordlist**, gerou-se a lista de todas as palavras, em ordem alfabética, e a quantidade de vezes que aparecem em cada grupo de gêneros textuais que compõem nossos **corpora**. Podemos localizar todo e qualquer item gramatical que estiver em análise. Para essa pesquisa, interessavam-nos as conjunções, as locuções conjuntivas e prepositivas e as expressões que denotam, na tradição escolar, **causa e explicação**.

As palavras (termos simples) são listadas, independente da categoria gramatical a que pertencem. Com isso, para analisarmos, por exemplo, a palavra como, tivemos de verificar, em cada contexto, se se tratava de uma conjunção (aditiva, comparativa, conformativa, modal e causal – a noção que nos interessa), de uma preposição, de um advérbio de modo (interrogativo ou não), de um advérbio de intensidade, de um pronome relativo, de uma interjeição, de um substantivo ou, de um verbo. No caso da preposição *por* + infinitivo, não nos interessavam, por exemplo, os casos em que, no contexto, o infinitivo não constituísse uma oração

reduzida, quando a ele fosse atribuído sujeito próprio ou, quando não traduzisse **causa**.

Ao acionarmos o **menu Concordance**, tanto os termos simples quanto os sintagmáticos, as unidades fraseológicas (colocações, combinatórias recorrentes em determinada área), definições ou contextos definitórios, contextos e exemplos podem ser notificados. Ele foi, na verdade, o carro-chefe de nosso levantamento, porque, ao incluímos, no **menu keys**, os termos simples (conjunções) e no **menu phrase**, os termos compostos (locuções conjuntivas e prepositivas e expressões) em questão (*porque* e sinônimos), tivemos a localização deles e o registro da quantidade de vezes que apareciam. Inclusive, quando foi o caso dos textos que não apresentavam sequer um deles: ao inseri-los, na caixa da **Keyword**, registrou-se a não ocorrência, como foi o caso, por exemplo, de *porquanto*.

Em relação às locuções e/ou expressões do tipo *na medida em que*, *visto como*, *uma vez que*, etc., foram notificadas em contextos nos quais apareceram suas terminações. Quando as palavras *que* e *como* (conforme descrito acima) foram inclusas, além de verificarmos se compunham esses termos compostos, vimos se se tratava, em relação à primeira, de conjunção – integrante ou de caráter nocional, o que nos interessava, principalmente, se explicativa – introdutora de oração, de pronome relativo, de interjeição, de advérbio de intensidade ou de preposição. Notificamos casos relevantes à nossa pesquisa, como o do *porque* explicativo, realçado pela palavra *até*, e evidenciamos contextos em que ele figurava ora como advérbio interrogativo – mas, apesar de expressar **causalidade**, foi considerado irrelevante –, ora como pronome relativo, ora como substantivo. Nesse ínterim, em acordo com o que foi considerado “foco menor” neste trabalho, quando da localização de locuções prepositivas tipicamente causais, do tipo *por causa de*, *por motivo de*, *em virtude de*, *devido a*, etc., também foram consideradas “irrelevantes”. Tais expressões são introdutoras de sintagmas preposicionais, só tendo, portanto, relevância intraoracional, o que reduz significativamente sua significância na presente pesquisa, voltada mais para o nível textual (ainda que microtextual).

Por falar em relevância, quando da inclusão do conectivo *que* na caixa da **Keyword**, deparamo-nos com a expressão *tendo em vista (que)*, sempre tradutora de **explicação**, que recebeu grau máximo de importância. Através do **Wordlist**

podemos identificar também os núcleos temáticos centrais dos textos, visto que os nomes substantivos se evidenciam na listagem. Com isso, localizamos os termos compostos, aqui chamados **expressões**, do tipo *por esse (este) motivo, por essa causa, por essa razão que*, a princípio, foram indicadas como totalmente irrelevantes neste estudo, ganharam significância pela recorrência em nossos **corpora**, tendo em vista que estes incluem gêneros textuais e discursivos nos quais, tradicionalmente, predominaria, ora de **causalidade** (sentido restrito), ora de **explicação**.

Assim efetuamos toda a análise, sendo-nos possível também diferenciar, de acordo com os contextos, os conectivos que exprimem somente **causa**, os que apenas traduzem **explicação** e aqueles que assumem essa dupla função. A sistematização sinóptica desse tipo de classificação para o *porque* e sinônimos aparece no próximo capítulo.

Não foram utilizados todos os recursos que o aplicativo **Simple Concordance Program** oferece, como, no **menu Statistic**, a lista de itens por ordem alfabética ou ordem de frequência ascendente ou descendente, pois apenas assinala a quantidade de vezes que se empregou uma referida palavra ou termo gramatical. Há também o recurso com que estudamos os sufixos e prefixos, útil para pesquisas no campo da estrutura lexical.

A respeito da contagem proporcional ao número de palavras do texto, prática geralmente efetuada com o programa **Word**, acionando-se o **menu Ferramentas / Contar palavras**, o que o SCP também realiza, entendemos que representa pouca ou nenhuma relevância estatística neste trabalho. A relação entre a quantidade dos **conectivos causais** e **explicativos** com o tamanho dos textos dos **corpora** em análise acabaria fugindo a toda e qualquer proposta de contribuição ao ensino produtivo da língua. Isso porque, primordialmente, devemos estimular o aluno/falante ao reconhecimento e ao uso de variadas formas de expressão do pensamento. Além do mais, a repetição indevida ou o uso excessivo de qualquer palavra, no caso, de um mesmo conectivo, quer causal quer explicativo, em detrimento de outros do mesmo valor semântico, constitui-se uma falha, algo que deve ser evitado, como o *queísmo*. Logo, a busca de uma proporcionalidade dos conectivos em estudo e da quantidade de palavras dos textos, a nosso ver, comprometeria a análise da proficiência linguística do aluno/falante.

Todos os resultados de busca gerados pelo SCP foram salvos em nosso arquivo pessoal e estão disponíveis para fins de consulta. O projeto criado também se encontra gravado, podendo ser utilizado novamente. Basta que peçamos para abri-lo.

1.2 O Coeficiente de Correlação Linear de Pearson

Com o auxílio de um profissional da área matemática, utilizamos a medida denominada **Coeficiente de Correlação Linear**⁶, desenvolvida pelo teórico Karl Pearson (1857-1936).

A utilização dessa ferramenta se justifica porque pretendíamos comprovar, em termos científicos, o que nossa intuição linguística dizia a respeito da relação entre os **conectivos causais** e os **explicativos** e os **modos de organização do discurso narrativo e argumentativo**, respectivamente.

Não aprofundaremos a exposição teórica deste elemento matemático-estatístico, fornecendo somente as informações básicas para o entendimento da aplicação linguística, baseada nos resultados obtidos, de forma que a correlação seja compreendida, uma vez confirmada.

Em primeiro lugar, julgamos importante informar que o *Coeficiente de Correlação de Pearson* é um instrumento por meio do qual medimos o grau de relação linear (visualização através de uma reta) entre duas variáveis. Ele é normalmente representado pela letra r , e sua fórmula de cálculo é

$$r = \frac{n \sum (x_i y_i) - (\sum x_i \sum y_i)}{\sqrt{[n \sum (x_i^2) - (\sum x_i)^2] [n \sum (y_i^2) - (\sum y_i)^2]}} \quad (1)$$

Os **conectivos** passaram a ser chamados de **variáveis**. São elas: as conjunções, as locuções conjuntivas e as expressões causais e explicativas; as

⁶ Módulo 3 do CEDERJ sobre Elementos de Matemática e Estatística – Regressão e correlação.

locuções prepositivas e a preposição *por* + sintagma nominal, sempre causais; a preposição *por* + infinitivo, causal ou explicativa.

Como podemos observar, acabaram sendo inclusas palavras, locuções e expressões que, em princípio, foram classificadas como “foco menor”. E continuam sendo, porém, sob o aspecto qualitativo desta pesquisa, haja vista nosso propósito inicial: comprovar a correlação entre **causalidade** (sentido estrito) e **narração**, e entre **argumentação** e **explicação**.

Quanto a esse fato, vale salientar que fizemos a recontagem de todos os **conectivos causais** e **explicativos** encontrados, já que a princípio havíamos deixado de fora os termos acima descritos, e que, dentre outros, também foram considerados “irrelevantes”. Por exemplo, o *porque* advérbio interrogativo, de valor causal.

Com base em princípios estatísticos, para que uma correlação seja representativa, as amostras não devem ser pequenas, pois, até relações não (tão) significativas só podem ser comprovadas por grandes amostras. Em outras palavras, quanto maior o tamanho da amostra (para nós, a quantidade de **conectivos**), mais confiável o resultado da análise. Se a amostra fosse pequena, o resultado não seria estatisticamente tão significativo.

Uma vez que foram recorrentes os **conectivos** representados tanto pelas locuções prepositivas e pela preposição *por* + sintagma nominal, ambas causais (uma de nossas variáveis em estudo), como pela preposição *por* + infinitivo, causal ou explicativa, decidimos incluí-las no cômputo.

Para efetuação dos cálculos, foram elaboradas as tabelas numeradas de 1 a 4, de acordo com o subgênero textual e o modo de organização do discurso em análise. A título de exemplificação, apresentamos na sequência apenas a primeira das quatro tabelas. Elas forneceram os dados numéricos necessários à aplicação da fórmula, com a distribuição da quantidade de **conectivos causais** e **explicativos** encontrados, em cada grupo de 10 (dez) textos, representados pelos números de 1 (um) a 10 (dez).

É necessário explicitarmos os elementos constituintes da fórmula segundo a qual se calcula o coeficiente:

- Σ representa o somatório entre o produto da quantidade das variáveis de cada grupo de textos.

- i representa a distribuição dos 100 textos em 10 grupos de 10.
- x_i representa a variável **explicativa**, quando da análise dos **corpora** argumentativos; a **variável causal**, quando da análise dos **corpora** narrativos.
- y_i representa a variável causal, quando da análise dos **corpora** argumentativos; a variável explicativa, quando da análise dos **corpora** narrativos.
- n representa o número de observações que, neste **corpus**, é no máximo 10.

Assim ficou a primeira tabela:

Tabela 1 – Gênero textual *Dissertação de Vestibular*, conectivos explicativos e o modo argumentativo de organização do discurso.

i	EXPLICATIVOS x_i	CAUSAIS y_i	$x_i y_i$	x_i^2	y_i^2
1	8	0	0	64	0
2	6	0	0	36	0
3	7	0	0	49	0
4	11	1	11	121	1
5	12	0	0	144	0
6	10	0	0	100	0
7	8	0	0	64	0
8	12	2	24	144	4
9	11	1	11	121	1
10	6	1	6	36	1
	$\sum x_i = 91$	$\sum y_i = 5$	$\sum x_i y_i = 52$	$\sum x_i^2 = 879$	$\sum y_i^2 = 7$

Vamos então calcular o coeficiente de correlação relativo à tabela 1.

$$\begin{aligned}
 n &= 10 & \sum x_i y_i &= 52 \\
 \sum y_i^2 &= 7 & \sum x_i^2 &= 879 \\
 \sum y_i &= 5 \\
 \sum x_i &= 91
 \end{aligned}$$

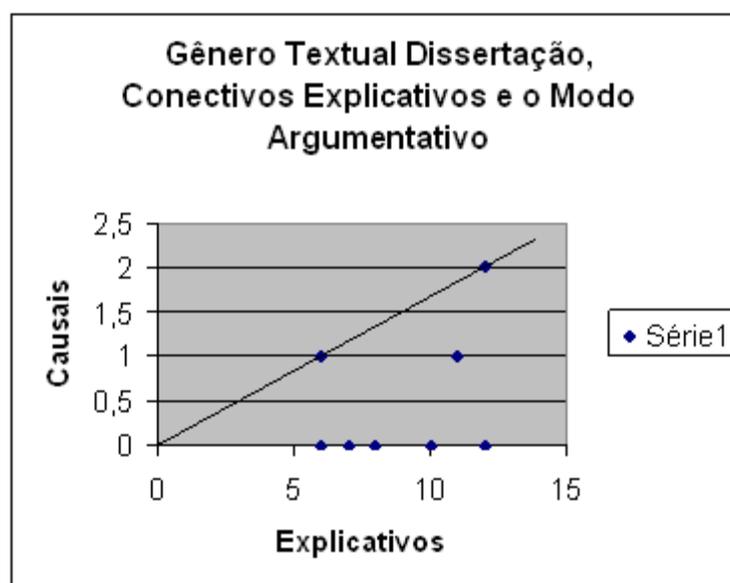
$$r = \frac{10 \times 52 - (91 \times 5)}{\sqrt{10 \times 879 - 91^2 \times 10 \times 7 - 5^2}} = \frac{520 - 455}{\sqrt{8790 - 8281 \times 70 - 25}} = \frac{65}{\sqrt{509 \times 45}} =$$

$$= \frac{65}{\sqrt{22905}} = \frac{65}{151,34} = 0,43$$

Para verificar a **correlação linear**, são gerados gráficos que permitem a visualização dos pontos que descrevem uma reta, ou se aproximam dela. Haverá sempre uma tendência de eles se concentrarem na reta, cujo objetivo é mostrar a suposta **linearidade** das variáveis envolvidas. Mas, quando uma correlação é **não linear**, os pontos terão como “imagem” uma curva.

Para este momento, apresentamos, a título de demonstração, o gráfico referente à tabela 1.

Gráfico 1, referente à Tabela 1.



Para que entendamos o que significam os resultados numéricos, é necessário dizer que o **Coefficiente de Correlação Linear de Pearson** assume apenas valores entre -1 e 1. Sendo assim,

- se o coeficiente for igual a 1, teremos uma **correlação perfeita**, descrita pelas variáveis, e seu gráfico será uma reta **ascendente**. Isto é, se a ocorrência de um dos conectivos em questão aumentar, a do outro também o fará, numa correlação considerada perfeita e positiva entre as variáveis.

- se o coeficiente for igual a -1, teremos uma **correlação perfeita**, porém **descendente**, ou seja, negativa, entre as duas variáveis. Ao contrário, se a quantidade de um dos conectivos for aumentada, a quantidade do outro diminuirá, havendo uma correlação perfeita, mas, negativa entre as variáveis. O gráfico, nesse caso, será uma reta descendente. Havendo a possibilidade de traçarmos uma reta, significa que existe linearidade. Segundo a teoria, quanto mais próximos os resultados estiverem de 1 ou -1, mais forte será a associação linear entre as duas variáveis.
- se o coeficiente for 0 (zero), não haverá **correlação linear**, o que significa que as duas variáveis não dependem linearmente uma da outra, podendo haver outro tipo de relação. Neste gráfico, os pontos não permitem a visualização de uma reta. De acordo com os especialistas no assunto, esse resultado deve ser investigado por outros métodos de mensuração. Aqui, não haveria **linearidade**, podendo existir baixíssima relação entre os **conectivos causais e explicativos** e os **modos de organização do discurso narrativo e argumentativo**, respectivamente.
- se o coeficiente estiver entre os valores 0,3 e 0,6 (alguns estabelecem esses valores de 0,3 a 0,7), há uma correlação (que poderá ser positiva ou negativa), todavia, relativamente **fraca** entre as variáveis. Na prática, existe um predomínio considerável, entretanto, necessariamente, não teríamos mais conectivos causais na narração, nem haveria uma maior incidência de conectivos explicativos na argumentação.
- se o coeficiente estiver entre os valores 0 (zero) e 0,3, existe correlação, todavia, **muito fraca** entre as variáveis, e dizem os doutos no assunto que, nesse caso, nada poderemos concluir sobre a relação entre as variáveis que estiverem em estudo.

Nos apêndices A e B encontram-se as outras três tabelas e seus respectivos cálculos e gráficos. A seguir, a aplicação linguística dos resultados obtidos, em se tratando da correlação entre as variáveis e os modos de organização do discurso em estudo.

1.3 Correlação entre os conectivos explicativos e o modo argumentativo de organização do discurso

Tradicionalmente, o ensino das **conjunções** não é associado aos **modos de organização do discurso**, muito menos, a gêneros textuais. Sabemos que a tradição escolar acaba resumindo a prática de produção escrita a uma proposta de redação denominada **dissertação** que, apesar de significar sequência de opiniões, nem sempre as apresenta, começando pela falta e/ou escassez de construções por que evidenciamos a noção de **causalidade** (sentido amplo). Geralmente é mais exposição.

Oliveira relembra que

O termo **dissertação** da trilogia tradicional apresentava o problema de referir-se a uma gama excessivamente variada de textos, o que levou alguns autores... a falar em duas categorias de dissertação: a argumentativa (sequência de ideias destinada a persuadir o sujeito alvo da argumentação) e a expositiva (exposição de um assunto sem o tom polêmico da primeira). Pode-se dizer **dissertação argumentativa** e **dissertação expositiva** ou simplesmente **texto argumentativo** e **texto expositivo**. A dissertação expositiva é muito comum em livros didáticos, enciclopédias etc. Nesse tipo de texto, o autor, com a autoridade do especialista, dirige-se a um destinatário leigo, ficando excluída a possibilidade de contestação, por se considerar que o destinatário dará ao autor uma espécie de 'crédito de confiança' que eliminará o clima de polêmica necessário à existência da argumentação (2001b, p. 35).

Quanto a características desse modo argumentativo, Azeredo informa que

Algumas conjunções, **as explicativas, por exemplo**, (acréscimo nosso) estão exclusivamente a serviço da construção do raciocínio lógico, tanto que são **conectivos característicos dos textos dissertativos de opinião** (grifo nosso); outras indicam basicamente relações circunstanciais próprias do discurso narrativo, **as causais, por exemplo** (acréscimo nosso), **mas podem assumir cumulativamente papéis relacionados à construção do discurso de opinião** – grifo nosso (2008, p. 323).

Ressaltamos, porém, que as dificuldades discentes com a produção escrita evidenciam a necessidade de se estabelecerem tanto estratégias de recepção e produção de textos, quanto de resolução de provas, de percepção de pressupostos, subentendidos, teses, argumentos e estratégias argumentativas, de compreensão e aplicação de conceitos. E isso, a partir dos mais variados tipos de textos, sem que signifique usá-los como pretextos.

Conforme Marcuschi,

...é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*. Em outros termos, partimos da idéia de que a comunicação verbal só é possível por algum *gênero textual*. (2003, p. 22).

Exemplificando, no gênero denominado **jornalístico**, existe o subgênero chamado editorial, geralmente organizado sob o enfoque argumentativo, havendo, por isso, uma maior preocupação opinativa.

Portanto, no modo argumentativo de organização do discurso, o papel da conjunção explicativa é o de introdutora de argumentos, como o da conclusiva é introduzir teses, sejam miniteses de nível microestrutural, teses de maior “porte”, ou até mesmo a tese principal do texto... (OLIVEIRA, 2001b, p. 72).

Como podemos ver, já havia sido notificada a relação desse modo de organização do discurso com os **conectivos da explicação**. E,

Não custa lembrar que a estrutura textual argumentativa liga-se a uma tese, esta filosoficamente entendida como “o primeiro momento do processo dialético” (dicionário do Aurélio). A tese constitui-se de uma proposição que expressa aquilo de que alguém deseja convencer o outro (ou seja, “o primeiro momento do processo dialético”), usando para tanto uma série de proposições, de conhecimento comum sobre o mundo – **a lei de passagem** (acréscimo nosso), e buscando persuadir o interlocutor do seu ponto de vista, pela tessitura de um raciocínio lógico, trabalhado sobre valores comungados por ambas as partes – locutor e interlocutor... A argumentação é a arte da palavra por excelência, já que, como forma de persuasão, só tem existência no ato de comunicação que a constrói. E o argumento se define como “raciocínio pelo qual se tira uma consequência ou dedução” (Aurélio). A série de proposições sobre supostas verdades constitui, portanto, os argumentos que se ordenam numa estrutura com vistas a um objetivo. As supostas verdades encerram conhecimento do mundo, leis sociais e outros preceitos aceitos pela sociedade (OLIVEIRA et. al., 2001, p. 65).

Precisamos, então, estimular a prática argumentativa e a (re)construção do conhecimento, para o exercício do raciocínio, da prática da experimentação, da solução de problemas e do desenvolvimento de outras competências cognitivas superiores, em cumprimento e consonância às finalidades da disciplina Língua Portuguesa previstas nos PCNs.

Procedamos à aplicação linguística dos **corpora** compreendidos no modo argumentativo. No apêndice A, encontram-se a tabela, os cálculos e o respectivo gráfico do subgênero *Editorial*.

Subgênero Dissertação de Vestibular – Aplicação linguística do resultado 0,43

Todo resultado representa a intensidade da relação linear entre as duas variáveis, porque o tamanho da variável indica a força da correlação.

Nesse *corpus*, identificamos que existe uma correlação **fraca**, sinônimo de **moderada**, porém **ascendente e linear**, dos conectivos explicativos, em relação aos causais, no subgênero do modo argumentativo de organização do discurso. Embora não seja perfeita, é **positiva**, por isso vemos a imagem de uma **reta ascendente**.

Por conseguinte, neste *corpus* imaturo, confirma-se a terceira hipótese: podemos ter mais tradutores de **explicação** do que de **causalidade** na **argumentação**, e vice-versa: mais tradutores de **causalidade** do que de **explicação** na **narração**, sem que isso implique alta correlação entre tais conectivos e esses modos de organização do discurso.

Subgênero Editorial – Aplicação linguística do resultado -0,495

A relação linear entre **explicação** e **causalidade** nos *editoriais* foi confirmada, contudo, sendo **negativa**, o que significa uma **reta descendente**. Na visualização do gráfico referente a este subgênero textual, vemos que nem todos os pontos passaram pela reta porque, no contexto, a quantidade de pontos apresentados de forma linear (os que permitem a imagem da reta) é maior do que os demais. Como dissemos anteriormente, o fato de termos podido traçar uma reta resulta em confirmação da **linearidade**.

Temos a seguinte correlação: à medida que empregamos mais **conectivos explicativos**, proporcionalmente, usamos menos **conectivos causais**. Logo, no **modo argumentativo de organização do discurso**, outra vez, agora no *corpus* maduro, confirmamos a terceira hipótese: existirá mais **explicação** que **causalidade**.

Concluída a aplicação linguística dos resultados da correlação referente aos textos argumentativos, passemos às outras duas aplicações, referentes aos textos de cunho narrativo.

1.4 Correlação entre os conectivos causais e o modo narrativo de organização do discurso

Ao produzirmos um texto em que predomine o modo de organização do discurso denominado **narração**, fundamentalmente, além de relacionarmos personagens, considerando **tempo** e **espaço**, surge a necessidade de se apresentarem **ações**. Assim, passamos a relatar **fatos**, sejam eles reais, imaginários ou de ambos os tipos ao mesmo tempo.

Naturalmente, nesse encadeamento de fatos e/ou ações, expõem-se **situações**, que devem ser organizadas de modo progressivo e verossímil, através de raciocínios dedutivos, obedecendo-se a um princípio lógico. Dessa forma, fazem-se necessárias enunciações que apresentem indicadores circunstanciais de **causa**. Em razão disso, acreditamos que a forma de expressão de **causalidade** deve ser também considerada mais um elemento constitutivo desse modo. Ela não mais significaria uma “mera” marca linguística, mas, e principalmente, um princípio discursivo.

Sabemos que é possível narrar um acontecimento ou transformá-lo em um simples relato. Ou seja, teríamos apenas um conjunto de fatos ou acontecimentos, sem a articulação necessária para transformar-se em texto narrativo. Todavia, o que pretendemos destacar, no momento, é a **factualidade** como objeto constitutivo do **ato de narrar**, implicando a noção de **causalidade**.

A autora Oliveira (2003, p. 74) reafirma essa ideia, relacionando-a ao modo narrativo de organização do discurso:

O conceito de causalidade está muito ligado ao modo narrativo. Se narrar é relatar fatos que teriam ocorrido num mundo (real ou fictício) em ordem cronológica, pouco importando se são textualizados em ordem linear, em *flash-back*, *in media res*, etc., e se há uma ordem cronológica entre causa e efeito (aquela tem de ocorrer antes deste), é **natural que causalidade e narração estejam intimamente ligadas** (grifo nosso).

Falando sobre a relação existente entre modos de organização do discurso e composição textual, Revaz (1997, p. 19) informa que os “Especialistas e profissionais da imprensa estão de acordo quanto a considerar certos gêneros do discurso jornalístico como narrativos; por exemplo, a notícia”.

Para Carneiro,

Ela (a notícia) o é, realmente, mesmo quando relata opiniões ou quando anuncia um fato futuro. No primeiro caso, um discurso (narrativo) contém outro (argumentativo). No segundo, anuncia-se algo planejado para acontecer num futuro quase sempre próximo. Os verbos do texto nesse caso ficam no futuro do presente simples, no futuro composto formado com o presente do indicativo de *ir* seguido de infinitivo, ou ainda em construções indicativas de “futuridade” com os verbos dever, poder, pretender, planejar etc. acompanhados de infinitivo, ao invés de ficarem no pretérito, como seria de esperar... (2001, p. 27)

Azaredo, ao tratar da noção de **causalidade**, ressalta que

Do ponto de vista do discurso, causa ou efeito não é, portanto, um valor inerente a um fato na sua relação com o outro, mas uma possibilidade de sentido segundo a necessidade de compreensão – e de verbalização – do evento que se está testemunhando. O emprego do conectivo tem a função de explicitar esse valor, balizando a compreensão da respectiva oração (2008, p. 323).

Segundo Carneiro (op. cit. p. 28), toda notícia é, antes de tudo, um relato de fatos, o que não significa que nela não possa ocorrer, em um determinado trecho, um relato de opinião. Isso acontecendo, não implica menos **narratividade** que o restante da matéria, porque, embora relatemos que “... alguém externou determinada opinião, algo está sendo narrado”.

Adiante acrescenta: “o **ato de narrar** que é um ato discursivo praticado numa situação comunicativa concreta, que envolve, entre outros fatores, o perfil do remetente e o do destinatário... (loc. cit., p. 30)”.

A seguir, a aplicação linguística dos **corpora** compreendidos no modo narrativo. No apêndice B, estão anexadas as tabelas, acompanhadas dos cálculos, e os gráficos dos subgêneros *Crônica* e *Notícia*.

Subgênero Crônica – Aplicação linguística do resultado 0,036

Pelo resultado obtido, não houve relação linear entre as variáveis neste **corpus** imaturo. Visualizando o gráfico, vemos que a posição dos pontos não nos permite traçar uma reta, o que implica a inexistência da **linearidade**. Não obstante, existe uma correlação que não é linear, com marcas de **sinuosidade**, o que está representado pela imagem das curvas. Matematicamente significa que, em quaisquer circunstâncias, é possível encontrarmos correlação entre as variáveis.

Já dissemos que, com um coeficiente entre os valores 0 (zero) e 0,3, existe

relação entre elas, muito embora, **bastante fraca**. Para alguns teóricos, apenas **fraca**. Esclarecendo: é (muito) pouco provável que tenhamos bem mais **conectivos causais** do que **explicativos**, nos **corpora** narrativos, e, nos **corpora** argumentativos, o contrário. Entretanto, não podemos negar uma certa relação, ainda que mínima.

Paradoxal e estatisticamente falando, uma “relação inexistente” pode representar um resultado significativo, pois, quanto menor for a relação entre duas variáveis, maior deverá ser o tamanho da amostra para que comprovemos a significância da correlação. Então, precisaríamos aumentar consideravelmente o tamanho desse **corpus** imaturo (talvez duplicá-lo) e investigar os dados por outros meios, um outro coeficiente, por exemplo.

Tanto por falta de tempo hábil, não o fizemos, como também porque não foi negada a **correlação**, matemática e linguisticamente. Apesar de, pelo resultado, as duas variáveis não dependerem linearmente uma da outra, a relação que existe entre elas é apenas **não linear**.

Subgênero *Notícia* – Aplicação linguística do resultado -0,12

De acordo com o resultado, temos novamente um valor inexpressivo para acusar **linearidade**. Portanto, ao traçarmos o gráfico referente ao subgênero *Notícia*, formaram-se as curvas que se referem à frequência das variáveis.

Chamamos a atenção para o fato de que, nos gráficos dos subgêneros textuais narrativos, *Crônica* e *Notícia*, em função do comportamento **não linear** das variáveis, surgiu a “Série 2”. Observamos que as setas apontam, ora para a Série de número 1, ora para a Série de número 2, o que significa que, no caso do gráfico referente ao **corpus** imaturo/crônica, para cada grupo de aproximadamente 13 (treze) **variáveis explicativas**, houve (nove) **causais**. Já no gráfico referente ao **corpus** maduro/notícia, para cada grupo de 10 (dez) **variáveis explicativas** ocorreram também 9 (nove) **causais**.

Conforme descrito na aplicação linguística anterior a esta, há uma correlação, contudo, de **não linearidade**. A variância entre o emprego das variáveis foi considerável, numa relação de muita **sinuosidade**, também nesta parte do **corpus** narrativo, porém, maduro.

Sendo assim, em geral, semelhantemente ao que aconteceu com os **corpora**

do modo argumentativo de organização do discurso e com a primeira parte do **corpus** narrativo, no caso, imaturo, ratifica-se, em linhas gerais, a terceira hipótese: a correlação entre os **modos narrativo e argumentativo** e os **conectivos causais e explicativos**.

1.5 Correlação entre os modos verbais e os conectivos causais e explicativos

A correlação entre os três modos verbais (indicativo, subjuntivo e imperativo) e a **explicação**, e entre a **causalidade** (sentido estrito) e apenas os modos indicativo e subjuntivo também chamou nossa atenção durante a análise dos **corpora**.

Oliveira et. al. (2001a, p. 45-6) apresentam um quadro com o resumo dos principais usos dos tempos verbais. Nele, discriminam as características semântico-discursivas dos tempos verbais, relacionando-os à **descrição** e à **narração**. Segundo os autores, ser-nos-á possível “... não só avaliar o valor do emprego de cada tempo como variar a sua expressão linguística na construção do mesmo tempo verbal”. Sintetizaremos essa exposição no quadro abaixo.

Quadro 1 – Características semântico-discursivas dos tempos verbais

Tempo e modo verbal	Funcionalidade
Presente, pretérito imperfeito e futuro do presente (simples) do indicativo.	Indicar a coincidência temporal entre o enunciado e a enunciação.
Presente, pretérito imperfeito, futuro do presente (simples) e pretérito perfeito (composto) do indicativo.	Expressar um ato habitual, uma ação repetida.

Presente, pretérito perfeito simples e os pretéritos imperfeito e mais-que-perfeito do indicativo.	Indicar que a ação do enunciado é anterior à enunciação (ocorrida no passado).
Presente, futuro do presente (simples e composto) e futuro do pretérito simples, do indicativo, e presente e pretérito perfeito do subjuntivo.	Indicar que a ação do enunciado é posterior à enunciação (ocorrida no futuro).
Presente, futuro simples (do presente e do pretérito), do modo indicativo, e o modo imperativo.	Traduzir uma exortação (ordem, pedido).
Presente, futuro do pretérito (simples e composto) e futuro do presente (simples), do indicativo, e o presente, os pretéritos perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito do subjuntivo.	Retratar algo possível, provável e/ou duvidoso.

Em outro momento, Oliveira (2001b, p. 41), falando sobre a significação dos tempos verbais, destaca os tempos do modo indicativo em relação aos do subjuntivo, "... visto que o emprego dos tempos do indicativo é motivado semanticamente, ao passo que o dos do subjuntivo obedece, muitas vezes, a critérios mais sintáticos que semânticos". Quanto ao modo imperativo, também sob o ponto de vista semântico-discursivo, localiza seu emprego em textos instrucionais.

Por exemplo: manuais de instrução, receitas culinárias, folhetos explicativos etc. Trata-se, pois, de uma série de ações, dispostas em ordem cronológica, a serem praticadas pelo leitor, com vista a um resultado prático qualquer. Direta ou indiretamente, portanto, esse tipo de texto dá ordens, contendo por isso verbos no imperativo... ou num dos seus equivalentes...o infinitivo...o presente do indicativo seguido de "se", o presente do indicativo precedido de um pronome de tratamento...opção **esta** (acréscimo nosso) mais coloquial, o que a torna menos freqüente em textos instrucionais escritos (op. cit., p. 49).

O autor (op. cit., p. 45.), com base em Weinrich, divide os tempos verbais em tempos do **mundo narrado** e do **mundo comentado**, (cf. WEINRICH, 1968). Comparando a terminologia de Weinrich com a da nossa tradição escolar, lembra que “os tempos da narrativa são aqueles cujos nomes (na NGB) contêm a palavra “pretérito” e os do comentário são o presente e o futuro do presente”.

A explicação para isso é que, embora exista uma relação entre o tempo cronológico e o tempo verbal, essa relação não é tão rigorosa quanto pareceria à primeira vista. Na verdade, os pretéritos (**perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito** e até mesmo o **futuro do pretérito**) não exprimem apenas a idéia de “passado” (ou de um futuro em relação a um passado no caso do futuro do pretérito); servem também para indicar que se trata de **narrativa, talvez mais do que para exprimir “passado”** – grifo nosso. Explica-se isso pelo fato de que narrar é relatar acontecimentos, reais ou fictícios. Ora, os reais só podem ser relatados depois que aconteceram e os fictícios têm de ser tratados, por um compromisso da ficção com a verossimilhança, como se fossem reais e, portanto, como se já tivessem ocorrido... Quanto ao presente e ao futuro do presente, ao contrário, são usados segundo Weinrich, no chamado **comentário**, que é o ato de comentar, de emitir julgamentos de valor, de analisar (op. cit., p. 44 seq.).

Dessa exposição de Oliveira acerca da teoria weinrichiniana, destacamos: presença de maior engajamento nos tempos do comentário e de distanciamento nos da narração; pode haver, concomitantemente, “... narratividade com engajamento e presentificação.”; a descrição funciona como “pano de fundo” da narração; não devemos “... confundir descrição de ações com narração propriamente dita.”; o emprego metafórico dos tempos verbais retrata tempos da narração no comentário e vice-versa; não se traduz perspectiva com os pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo; remetemo-nos a um momento posterior ao tempo básico da narrativa com o emprego do futuro do pretérito do indicativo; com o emprego do mais-que-perfeito, exprimimos fatos anteriores ao tempo básico da narração; “Em português, os tempos do comentário são em menor número que os da narrativa. O único tempo zero do comentário é o presente, e o futuro é o tempo com perspectiva prospectiva”.

Conforme relembra a autora Oliveira (2003, p. 66), “Sabemos que a frase narrativa prototípica é aquela cujo sujeito é um personagem e cujo verbo exprime ação e se encontra no pretérito perfeito”. Mas também reconhece que “Toda ação é um fato, mas nem todo fato é ação (op. cit., p. 72)”. Enfim, poderiam ser mencionadas outras abordagens envolvendo os tempos verbais e, em especial, o modo narrativo de organização do discurso.

Nesta pesquisa, entre outras percepções, gostaríamos de focar a

correlação entre os **modos verbais** e os **conectivos causais** e **explicativos**, partindo do pressuposto de que, assim como existem tempos verbais, e seus respectivos modos, por meio dos quais configuramos o **ato de narrar** (sinônimo de **relatar acontecimentos**) e o **ato de comentar** (sinônimo de **emitir juízo de valor**), fazemos uso, na efetivação desses atos, de palavras e expressões que corroboram na estruturação do pensamento.

Evidenciamos a correlação entre **causalidade** (sentido estrito) e **explicação** e os modos verbais, com algumas particularidades. O **modo indicativo** predominou no **corpus** argumentativo maduro (Editorial) e no imaturo (Dissertação de Vestibular). Houve também o emprego do **modo subjuntivo**, mas, numa escala bem menor, principalmente no **corpus** imaturo. O uso do **modo imperativo** quase não ocorreu, aparecendo geralmente numa das estruturas de equivalência semântica, conforme descreve Oliveira (2001b, p. 49), e no **corpus** maduro, conforme demonstrado em:

Lula precisa ter consciência de que o risco de desestabilização do governo foi gerado no PT e próximo do gabinete dele, numa conexão entre sindicalistas, negociistas e traficantes de interesses dentro da máquina pública, tudo lastreado numa operação de avassalador aparelhamento do Estado. A defesa de Lula está, **repita-se**, na depuração do governo desses interesses, no seu afastamento em relação ao PT e na seqüência de medidas para desaparelhar o Estado, como a tomada na quinta-feira para reduzir a cota de cargos de confiança à disposição de nomeações meramente políticas e fisiológicas. O resto é pisar em terreno desconhecido e perigoso (Editorial 056).

Semelhantemente aconteceu no **corpus** narrativo maduro (*Notícia*) e no imaturo (*Crônica*), com relação a uma considerável ocorrência do modo indicativo. Porém, houve mais empregos do subjuntivo neste modo de organização do discurso, em comparação às ocorrências desse modo verbal no modo argumentativo, ou seja, onde predomina a **explicação**. Realmente não houve emprego algum do modo imperativo no **corpus** narrativo, maduro e imaturo, o da **causalidade** (sentido restrito).

2 HIPÓTESES, DESCOBERTAS E PRINCIPAIS RESULTADOS.

Como vimos, há conjunções e locuções conjuntivas que ora figuram no campo semântico da **causalidade** (sentido restrito), ora aparecem como elementos que traduzem **explicação**. Incluímos as locuções do tipo *por* + infinitivo⁷ que, pela tradição escolar, sempre possuem valor causal, em nossos **corpora** maduros e, em um grupo dos imaturos – dissertações de vestibular, modo argumentativo –, descobrimos que tais locuções também podem ser explicativas.

De acordo com Oliveira, numa ótica discursiva, será possível estabelecer essa diferença. E acrescenta:

Porque e seus sinônimos podem ser classificados como **explicativos** ou como **causais**, dependendo da frase, do texto e da situação comunicativa. A afinidade entre as duas categorias é óbvia. O simples fato de termos de explicar critérios para distingui-las já é um índice do parentesco semântico existente entre elas. Existe, no entanto, uma diferença entre os dois tipos...(2001b, p. 70).

Para Fávero,

...somente a adoção de critérios sintáticos, semânticos e pragmáticos poderá contribuir para solucionar estas **e outras** (acréscimo nosso) questões, pois parece irrefutável que o estudo das relações interfrásticas pressupõe um nível mais amplo que o da frase e só pode ser feito dentro de uma lingüística textual (1992, p. 61).

Seguindo a linha denominada semântico-discursiva, nossa proposta começa com a reclassificação desses conectivos (o *porque* e sinônimos), distribuindo-os em (1) **exclusivamente causais**; (2) **exclusivamente explicativos** e (3) os **bifuncionais**.

Vale salientar que essa classificação se justifica a partir das ocorrências de conectivos tradutores de **causa** e/ou de **explicação** nos **corpora** analisados. Entrariam outros, como *que*, *porquanto*, *na medida em que*, *pois que*, *posto que*, *visto como*, etc., conforme listagem nos compêndios gramaticais e em livros didáticos.

⁷ Embora as gramáticas tradicionais só considerem como conectivos oracionais as *conjunções* e os *pronomes relativos*, que introduzem orações desenvolvidas quanto à forma, a noção de conectivos interfrásticos deve englobar, também, sob um enfoque textual, as preposições e locuções prepositivas responsáveis pelo relacionamento de proposições, como ocorre freqüentemente nas reduzidas de infinitivo, além de outros elementos, como advérbios, locuções adverbiais, etc., que operam o encaminhamento de enunciados (KOCH, *Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectivos interfrásticos*, p. 87, in CLEMENTE, Ivo, KIRST, Marta, *Linguística aplicada ao ensino de português*, 1992).

Mediante o propósito desta pesquisa, elencaremos somente os que efetivamente foram encontrados, após uma análise morfossintática e, principalmente, semântico-discursiva, conforme demonstrado no capítulo quatro.

2.1 Lista de conjunções em gramáticas normativas

O estudo do período composto tem se restringido, pela tradição escolar, ao âmbito da classificação de orações e períodos, em função do tipo de orações que os constituem. Paralelamente fornece-se ao aluno uma lista de conjunções coordenativas e subordinativas, às vezes em ordem alfabética, divididas em subtipos: aditivas, conclusivas, **explicativas** (acréscimo nosso), temporais, **causais** (grifo nosso), condicionais... Muitas vezes não é explicitado ao aluno que esses nomes de subtipos identificam relações mais gerais que se estabelecem entre proposições e que elas podem ser do tipo lógico-discursivas. Pelos resultados obtidos, **inclusive nesta pesquisa** (acréscimo nosso), pode-se concluir que apenas o ensino descritivo de tais relações não tem sido suficiente para um uso mais produtivo dessas mesmas articulações nos textos por parte dos alunos (Oliveira et. al., 2001a, p. 24).

Como assinala Carone, geralmente as gramáticas organizam os conectivos com base em seus valores lógico-semânticos, fornecendo “...um exemplário de ocorrências (2001, p. 17)” que nem sempre se enquadra no sentido expresso pelo conectivo, quer causal, quer explicativo.

A título de exemplificação e, a partir de teóricos e gramáticos referenciados em nossa bibliografia, montamos um quadro sinóptico das palavras gramaticais que, tradicionalmente, aparecem como tradutoras de causa (sempre em sentido amplo) e de explicação.

Quadro 2 – Tradutores de causalidade e de explicação

CAUSALIDADE	EXPLICAÇÃO
<p>conjunção e locução conjuntiva</p> <p>porque, pois (depois de verbo), pois que, porquanto, que = (porque), por isso (que)*, já que, uma vez que, visto como e visto que (início de período), dado que (início de período), como = porque, como e</p>	<p>conjunção e locução conjuntiva</p> <p>que = (porque), porque, pois, porquanto, visto que, uma vez que = tempo finito, como, já que, como, por isso (que)*.</p> <p>* Aparece geralmente na lista de conjunções conclusivas e consecutivas.</p>

<p>se (início de período = já que), posto que, desde que (verbo da oração principal no futuro).</p>	<p>Trata-se de um caso fronteiroço entre dois vocábulos independentes (preposição + pronome) e locução conjuntiva, sendo que o por possui sempre valor causal. Quando precedido da conjunção e, que assume o papel de conjunção, o grau de soldamento passa a zero. Por essa razão, não deve ser considerada uma expressão. Pode ocorrer acompanhado da partícula “mesmo”, tornando-se uma variante enfática de por isso.</p>
<p>preposição e locução prepositiva</p> <p>a, de, desde, por, per, em vista de, por causa de, em virtude de, em vista de, devido a, em consequência de, por motivo de, por razão(ões) de = tempo infinito, à mingua de, por falta de, fato de, por + substantivo, por + infinitivo (oração substantiva), etc.</p>	<p>preposição e locução prepositiva</p> <p>Ø</p>

Observemos nele a confluência daqueles conectivos que figuram em ambos os campos semânticos, mas sabemos que não se explicitam aqueles que são exclusivamente causais e os que são exclusivamente explicativos, sem falar nos “equivocos”, por exemplo, no caso do já que, que sempre aparece como tradutor de causa (sentido amplo).

Ressaltamos as expressões encontradas, que não constituem itens lexicais, e que também possuem valor causal (foi o motivo de, por isso mesmo – variante enfática de por isso, etc.) ou explicativo: tendo em vista (que), tendo em vista + sintagma nominal, haja vista (que), etc.

Da mesma forma que Paiva

...pensamos que, no ensino, em vez de se priorizar a classificação pura e simples dos conectivos, cuja importância é secundária, o aluno deve se levado a perceber as diversas possibilidades de expressão linguística ao seu alcance, determinadas pelas diferenças sintáticas das conjunções que são concomitantes com mudanças contextuais, situacionais e argumentativas” (1993).

2.2 Os conectivos exclusivamente explicativos, os exclusivamente causais e os que exercem dupla função.

“Os conectivos causais têm grande afinidade semântica com os explicativos, tanto que há conjunções comuns às duas listas (Oliveira & Monnerat, 2005, p. 93 seq.)”. Por essa razão, após a análise dos **corpora**, resolvemos constituir uma listagem com os conectivos exclusivamente explicativos, os exclusivamente causais e os que exercem dupla função.

Contudo, por si só, principalmente para os bifuncionais, não eliminará as “confusões” e as dificuldades na hora de distinguirmos causalidade (sentido restrito) de explicação. Com essa finalidade, sugerimos alguns critérios semântico-discursivos, sem eliminar os de cunho morfossintático, de forma que, no processo ensino-aprendizagem de português, não se repita a prática de um estudo gramatical meramente classificatório. Antes, de alguma forma contribuamos para o ensino produtivo da língua.

Quadro 3 – Reclassificação de conectivos tradutores de causa e de explicação

Porque e similares	Exclusivamente explicativo	Exclusivamente causal	Dupla função
pois			+
porque			+
por + infinitivo			+
já que	+		

haja vista (que)	+		
uma vez que	+		
tendo em vista + SN	+		
visto que	+		
como		+	
até / só / isso porque	+		

Observações:

1. O conectivo que parece mesmo só ocorrer em contextos de informalidade, mesmo nos enredos literários. Dentre os conectivos, trata-se do único que, intuitivamente, apesar de também não ter sido encontrado em nossos corpora, podemos assegurar que sempre será explicativo.

2. A locução conjuntiva na medida em que é reconhecida pela tradição escolar como causal. Afirma Oliveira que, “...viva no português formal real da atualidade (muito usada, por exemplo, na mídia impressa), embora ausente no ‘capítulo’ de **Conjunções** de todos ou quase todos os livros didáticos... é, na verdade, **explicativa**, correspondendo, portanto, a porque, uma vez que e sinônimos, sendo usada para introduzir argumentos” (2005b, p. 94).

3. A fim de que o aplicativo SCP pudesse reconhecer algumas locuções verbais, inserimos algumas possibilidades de constituição, a partir das que são compostas pelos verbos que, tradicionalmente, são conhecidos como auxiliares: POR TER, POR SER, POR ESTAR, POR HAVER. Localizamos outras, quando da busca pela preposição por.

4. Henriques lembra que Bechara orienta “...que se deve evitar a locução posto que como causal (é concessiva), a despeito de sua presença muito comum com sinônima de porque em textos jornalísticos... (2008, p. 130)”. Não identificamos nenhum emprego dela nos duzentos textos deste gênero, em editoriais e notícias. Provavelmente essa orientação já é praticada por parte da redação de jornais.

Considerando essa categorização para os conectivos que somente funcionam como causais (sentido restrito), os que têm valor explicativo e aqueles que podem

ser tanto causais quanto explicativos, a princípio, pensaríamos em apenas estabelecer critérios para diferenciar os que exercem dupla função: pois, porque, por + infinitivo. Mas, a ênfase de nossa proposta não é de cunho terminológico.

Apresentamos primeiramente uma sugestão de abordagem para o estudo dos conectivos exclusivamente causais, dos exclusivamente explicativos e dos que exercem essa dupla função. Enumeramos habilidades de produção textual que podem ser desenvolvidas em termos didáticos, adequando-se aos respectivos níveis de ensino.

2.3 Aspectos morfossintático-semânticos e discursivos de alguns conectivos causais e explicativos

Algumas conjunções estão exclusivamente a serviço da construção do raciocínio lógico, tanto que são conectivos característicos dos textos dissertativos de opinião; outras indicam basicamente relações circunstanciais próprias do discurso narrativo, mas podem assumir cumulativamente papéis relacionados à construção do discurso de opinião (AZEREDO, 2008b, p. 323).

“Nos registros formais, tanto orais quanto, principalmente, escritos, empregam-se os conectivos visto que, visto como, uma vez que, dado que, na medida em que, porquanto... (op. cit., p. 324)”.

Porém, em nossos *corpora*, prevaleceu o emprego dos conectivos pois (155 ocorrências) e porque (83 ocorrências) nos discursos narrativo e opinativo, tanto na prosa formal quanto na produção dos vestibulandos e dos alunos formandos do ensino médio.

Com a coleta de dados, estes foram os outros conectivos causais e/ou explicativos encontrados: *por* + infinitivo (56 vezes), *já que* (24 vezes), *como* (12 vezes), *até porque* (5 vezes), *visto que* (3 vezes), *haja vista que* (2 vezes), *tendo em vista* + SN (2 vezes), *uma vez que* e *e por isso* (apareceram apenas uma vez), *isso porque* (2 vezes). Quanto a esse último registro, acreditamos tratar-se de mais um caso fronteiro entre a coesão referencial e a sequencial, como acontece com o (*e*) *por isso*.

Elaboramos um outro quadro, discriminando o subgênero textual e os conectivos que foram identificados.

Quadro 4 – Identificação de conectivos em *corpora*

conectivos	editorial	dissertação de vestibular	notícia	crônica
por + infinitivo	+	+	+	+
como	+	∅	+	+
já que	+	+	+	+
haja vista que	+	+	∅	∅
uma vez que	∅	∅	∅	+
tendo em vista+ SN	+	∅	∅	+
até porque	+	∅	+	∅
visto que	∅	∅	∅	+
e por isso	∅	∅	∅	+
isso porque	∅	∅	+	∅

Abaixo, citamos algumas particularidades destas conjunções. Exemplos de sequências textuais em que foram empregadas encontram-se no capítulo quatro, sendo comentadas por excentricidade.

Por + infinitivo de valor causal representa a maioria absoluta, pois, do total de vezes que apareceu, só assumiu valor explicativo em 13 delas, sendo que, desse total, 10 vezes foi registrado em *editoriais* (de caráter opinativo), apenas 1 vez numa *notícia* e 2 vezes no gênero *dissertação de vestibular*. De todos os conectivos, foi o único a ser empregado em todos os textos dos *corpora*, tanto expressando **causa** quanto **explicação**. Nos *editoriais* (22 vezes), observamos a presença marcante dessa “causalidade”. Nesses textos foi onde também encontramos o maior número de ocorrências da preposição *por* + infinitivo com valor explicativo (10 vezes). Nas *dissertações de vestibular*, apenas 2 vezes; nas *notícias*, somente 1 vez. Só nas *crônicas* não encontramos sequer uma ocorrência desse conectivo traduzindo

explicação.

Já que (o segundo conectivo em número de ocorrências), aparece uma única vez no subgênero editorial, o que nos chamou bastante a atenção, pelo fato de se tratar de um gênero textual de caráter opinativo. Isso talvez revele a administração da própria imagem do autor/da redação, evitando o engajamento. O mesmo supomos ter acontecido com o uso excessivo de construções com *por + infinitivo* de valor causal, partindo do princípio discursivo de que causa “...é uma possibilidade de sentido segundo a necessidade de compreensão – e de verbalização – do evento que se está testemunhando. O emprego do conectivo tem a função de explicitar esse valor... (AZEREDO, op. cit., p. 323)”.

Como, apesar de não ter sido registrado apenas no corpus composto por textos pertencentes ao subgênero dissertação de vestibular, apareceu num total de 13 vezes, sendo o terceiro conectivo mais utilizado. Nos dois grupos de textos da prosa formal, notícias e editoriais (5 vezes), manteve-se o padrão sintático de esse conectivo sempre preceder a oração a que se refere. Já nas crônicas, representante do corpus imaturo, registramos um comportamento sintático irregular: algumas ocorrências em que esse conectivo não inicia o período, num padrão estrutural diferente daquele que as gramáticas normativas apresentam. Porém, sempre antes da oração em referência.

Quanto aos conectivos *visto que*, *uma vez que*, *haja vista que* e *tendo em vista + SN*, em todas as ocorrências, sempre traduzindo explicação, ainda que em relatos. No caso dos dois primeiros, justificando tanto enunciações quanto ações. O mesmo ocorrendo com o *pois* (explicativo) e o *já que*. Ou seja, sempre justificam algo, nem que seja uma ação, ou, um ato, não necessariamente de fala. Talvez por esse motivo geralmente aparecem nas gramáticas normativas como causais.

O *visto que* e o *uma vez que* são usados mais frequentemente para justificar uma ação relatada na oração (ou conjunto de orações), por isso, ‘justificativas de conteúdo’. Quando justificam uma enunciação da oração (ou conjunto de orações) precedente (ordem, pedido, convite, pergunta, opinião, “exclamação”, entre outras, serão ‘justificativas de enunciações’. Informamos que **justificativa** aqui significa ‘demonstração de validade de uma ação’.

Observando os textos em que apareceram tais conjunções essencialmente

explicativas, supomos que as ocorrências de uma vez que (uma) e de visto que (três) terem aparecido, no subgênero crônica, se explicam pelo fato de a tradição escolar geralmente apresentá-las como causais, portanto, relacionadas ao modo narrativo. Ressaltamos que, em nenhuma das quatro ocorrências, foi colocada em evidência a justificativa, posicionada antes da principal, o que possivelmente revela a imaturidade linguístico-discursiva do aluno produtor. Ou seja, usou uma das referidas conjunções sempre para introduzir a oração em posição de subordinada, em termos sintáticos, visto que é explicativa, em termos semânticos. Além disso, pode ter sido uma tentativa de dar um cunho de mais formalidade ao seu texto, considerando também as ocorrências de haja vista que (Dissertação de Vestibular) e de tendo em vista + sintagma nominal, o que também se confirma com as ocorrências de visto que e de uma vez que.

Até porque apareceu somente 5 vezes, em textos do corpus maduro, sempre precedido de ponto ou de vírgula, com valor explicativo.

Abrimos um parêntese para informar que, muito embora tenham sido considerados elementos de foco menor, os sintagmas nominais e as locuções prepositivas, sempre causais, foram bastante recorrentes em nossos **corpora**, só não aparecendo no gênero textual dissertação de vestibular, onde o predomínio foi do pois.

Foram 45 ocorrências, aparecendo 21 vezes no gênero notícia, 15 vezes no gênero editorial e 9 vezes no gênero crônica. Entre esses indicadores de **causa** encontramos: devido a, por causa de, por conta de, por falta de, por pressão de, por vontade, por uma razão / por uma série de razões / por razões, por coincidência.

Como Garcia já assinalou,

Podemos expressar as circunstâncias de causa de vários modos. O processo mais comum é o de nos servirmos de adjuntos ou orações adverbiais. Mas há outros, por exemplo, estruturas de frase que encerram relação de causal, como: substantivos...verbos...conjunções...preposições e locuções:...por causa de, em vista de, em virtude de...(2003, p. 78)

Observamos, mediante o número de ocorrências destas últimas categorias gramaticais, que o aluno/falante foi o usuário da língua que menos utilizou outras formas de expressão de causalidade, mostrando-nos mais uma vez que os estudos gramaticais não devem estar desarticulados da abordagem discursiva, em especial,

quando se pretende contribuir efetivamente para um ensino mais produtivo de português.

2.3.1 O caso de JÁ QUE

Na tradição escolar, o já que sempre aparece como tradutor de causalidade. Por exemplo, em Bechara (2001, p. 325), ele aparece em “Já que todos saíram, desisto do negócio.” e é classificado como causal.

Na verdade, ele introduz uma “justificativa de uma ação verbal”, a de sair, a de deixar de participar do referido negócio. A causa foi usada como argumento, logo, a conjunção é explicativa. A causa é ‘pano de fundo’. Em ‘primeiro plano’, figura a explicação. Sobre isso, Dooley & Levinson (2007, p. 117) esclarecem: “Os termos PRIMEIRO PLANO e PANO DE FUNDO descrevem partes de um texto que, respectivamente, ampliam ou não ampliam a estrutura básica da representação mental”. Mais adiante acrescentam:

EXPLICAÇÃO ou comentário esclarece o que está acontecendo, e possivelmente o porquê (tanto na contextualização interna quanto na externa). **Às vezes, os acontecimentos são narrados como pano de fundo** (grifo nosso), especialmente se fora da seqüência de tempo com os eventos propriamente ditos... (op. cit. p. 121).

Segundo eles, a contextualização externa seria a construída pelos “...aspectos da situação sob os quais o texto é produzido: quem o contou a quem, quando, onde etc. (op. cit, p. 122)...”.

Na seqüência, dizem:

Geralmente, a parte de primeiro plano de um texto não é marcada apenas por ser assim. Numa narrativa, por exemplo, a linha da história ou eventos normalmente não levam um marcador; **sentenças de pano de fundo são mais comumente marcadas quanto ao seu tipo específico de informação secundária. Porém, sentenças de todos os tipos podem ser DESTACADAS como carregando informação de importância especial, ou do primeiro plano ou de pano de fundo... Certos indicadores dizem claramente que uma determinada oração faz parte de pano de fundo; sem esse sinal, ela seria interpretada como de primeiro plano. A conjunção já que é deste tipo, embora não ocorra freqüentemente em narrativa** (grifo nosso). O grego Koinê tem um elemento semelhante, *mén*, que ocorre em narrativa; ele pode indicar que uma ação é de pano de fundo com respeito aos eventos subseqüentes (op. cit., p. 125).

Abramos um espaço para mencionar que, em nossa coleta de dados, ao

contrário do que afirmaram Dooley & Levinson, o conectivo *já que* foi consideravelmente mais frequente no modo narrativo de organização do discurso, nos subgêneros *notícia* e *crônica*, com nove ocorrências cada. No subgênero de cunho argumentativo *dissertação de vestibular*, encontramos menos ocorrências (apenas seis), lembrando que, conforme discriminado na introdução desta seção, apenas uma ocorrência foi registrada no outro subgênero deste modo, o *editorial*.

Azeredo⁸, ao apresentar os conectivos que servem para assinalar a causa, descrevendo o uso do *já que*, afirma que ele "...introduz a **oração adverbial** (grifo nosso) colocada antes ou depois da principal. Mas, independente da posição, como no enunciado "O socorro às vítimas será feito com helicópteros, já que as estradas estão interditadas.", sempre será explicativo.

Semelhantemente ao que ocorreu no exemplo anterior, o conectivo *já que* introduz a causa, que outra vez foi usada como argumento, o que justifica o ato de socorrer as vítimas com helicópteros. A única diferença é que houve a inversão, por causa da possibilidade de a oração introduzida pelo *já que* poder vir antes ou depois da principal. Quando colocada antes, inferimos que o fato em questão já é "...conhecido do interlocutor. Sendo assim, esse tipo de causa – **sinônimo de motivo** (acréscimo nosso), é utilizado como uma evidência que não fica sujeita à sua contestação (AZEREDO, 2008b, p. 325)".

Ilustrando esse fato, realizamos uma entrevista informal – gentilmente concedida – , com um amigo professor de Ciências Físicas e Biológicas, Nehemias Taylor Reynaud. Lembramo-nos de que ele, como falante experiente, não aconselhava o emprego do *já que*. Então, decidimos consultá-lo acerca do real motivo de ele assim pensar. Gostaríamos de saber se teria lido em algum manual tal orientação (o que foi negado), informando-nos o que sua intuição linguística dizia. Acreditávamos que, de alguma forma, a resposta dele traria uma contribuição a esta pesquisa, em especial, com relação ao uso desse conectivo.

A partir do exemplo que deu: "Já que você está aposentado (alguém dizendo para ele), pode pegar as crianças no colégio para mim.", confirmou-se a intencionalidade discursiva explicitada por Azeredo: uma evidência, sem direito a

⁸ AZEREDO, 2004, p. 224.

contestação. Para o entrevistado, o repasse de uma responsabilidade, sem que se pudesse “revidar”.

Ao tratar da noção de **causalidade** (sentido amplo), apesar de o referido autor⁹ apresentar uma descrição bastante abrangente acerca do assunto, não nos permite concluir que o conectivo *já que* sempre será explicativo, semanticamente, muito embora, sob o ponto de vista sintático, continue subordinativo.

Em contrapartida, Oliveira & Monnerat assim o reconhecem ao informarem que, “Quando a tese precede o argumento, este pode ser introduzido por uma conjunção explicativa: *porque, pois, visto que, já que, uma vez que, haja vista que, na medida em que* etc... (2005, p. 93)”, muito embora não tenham categoricamente dito que, no caso de *já que, visto que, uma vez que, haja vista que* e *na medida em que*, serão exclusivamente explicativas.

Nesse aspecto, fazemos menção ao estudo semântico-argumentativo de Vogt (1980) sobre as conjunções que pertencem à área semântica da causa/explicação, entre elas, o *já que*. Nele, o autor já reconhece, semelhantemente a Carone (2001), mesmo privilegiando o assunto sob a ótica morfossintática, que essa conjunção é coordenativa. A questão é que, para a tradição escolar, trata-se de um conectivo de subordinação.

Entretanto, nossa reflexão não está limitada a comportamentos sintáticos de quaisquer conjunções, nem pretende continuar focando os estudos gramaticais em terminologias e classificações, assim como Garcia (2003) já sugerira.

Por essa razão, propomos que não se privilegie o estudo dos processos de estruturação de períodos, os chamados compostos, segundo a NGB. Também não pretendemos resumir a análise linguística dos conectivos em questão ao ato de determinar se uma conjunção tem valor causal e/ou explicativo. Mas, independente da classificação meramente sintática típica de conjunção subordinativa, em se tratando do *já que*, e aproveitamos para incluir *porque, uma vez que, visto que, etc.*, e das típicas conjunções coordenativas *pois, que, porquanto, etc.*, que contribuamos para um ensino produtivo, com efetiva prática de aspectos semânticos e discursivos.

Recentemente, o aspecto semântico de conectivos foi abordado numa das

⁹ Id. Iniciação à sintaxe do português. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 100-102.

questões do Processo Seletivo de Mestrado e Doutorado da UERJ, 2009/2010. Entre eles, estava o *já que*, no seguinte enunciado: “Já que você tem tanto prestígio com o Diretor, defenda junto a ele a nossa posição”.

Tivemos acesso às respostas dos participantes. Observamos que, em geral, eles desenvolveram o comentário repetindo a teoria da tradição escolar, inclusive a “errônea classificação causal do *já que*. Boa parte confundiu o caráter da mobilidade das orações com o da respectiva conjunção, quando não revelaram total desconhecimento sobre o tema específico.

Poucos discorreram sobre o aspecto semântico e, quando o fizeram, reconheceu-se a afinidade semântica com os outros valores (explicação, consequência, condição, conclusão e finalidade). Todavia, raros candidatos chegaram ao cerne da questão, envolvendo o emprego do *já que*, exclusivamente explicativo. Mais rara ainda foi a identificação da ironia presente no enunciado e suas devidas pressuposições, o que ratifica a reflexão linguística num prisma meramente descritivo, sem nenhum sinal de uma abordagem semântica e/ou argumentativa para uns, discursiva e/ou enunciativa para outros. Por exemplo, Guimarães (1987) ressaltou, em seu estudo sobre a semântica das conjunções do português, que “Não podemos deixar de registrar...que um estudo enunciativo desta conjunção (o *pois*, e acrescentamos o *já que*) já aparece em Vogt...(1987, p. 39)”.

Sobre como adequaríamos a tradição escolar a essa questão, considerando que a nomenclatura gramatical não reconhece uma oração subordinada adverbial explicativa, muito menos sendo introduzida pelo *já que*, sugerimos uma revisão nos exemplos constantes em compêndios gramaticais e livros didáticos. Isso, em nome do bom senso, de forma que tenhamos pelo menos um exemplário de casos mais simples, transparentes, não “complicados”, com exercícios didaticamente coerentes a respeito do fenômeno em discussão.

2.3.2 A locução POR + INFINITIVO

Contrariando a tradição escolar, conforme ocorrências analisadas em nossos corpora, a preposição *por* + infinitivo pode, sim, traduzir explicação, não apenas causa, o que comprova a existência de conectivos que são sintaticamente

subordinativos, porém, semanticamente, explicativos.

Sem esquecer que tenha havido um predomínio de expressão da causalidade (sentido restrito), conforme já discriminamos anteriormente, trata-se de um outro conectivo que exerce dupla função, no efetivo uso da língua, assim como o pois e o porque.

Retomando o que acabamos de citar acerca da “(in)adequação” aos estudos gramaticais essencialmente descritivos, com relação à locução em foco, consideramos oportuno assinalar o valor causal sempre expresso pela preposição *por*. Assim, a análise linguística suscitaria, em termos didáticos, essa questão, não se prendendo à classificação de orações introduzidas pela referida locução, quer substantivas, quer adverbiais.

2.3.3 O uso de ATÉ PORQUE

Azeredo (op. cit. p. 324) afirma que “Entre as conjunções **causais** (grifo nosso), apenas porque pode ser precedida de um vocábulo focalizador ou de realce como só, até (ou mesmo), justamente etc”.

Mais uma vez, parece-nos que causalidade foi tomada somente no sentido amplo, visto que não encontramos nenhum registro da conjunção porque realçada que não fosse explicativa.

Logo, deparamo-nos com um outro caso de subordinação sintática e coordenação semântica explicativa. Também registramos o alto grau de argumentatividade operacionalizado com o emprego desse conectivo, o que poderia ser explorado na análise linguístico-gramatical.

2.3.4 POIS e PORQUE

Não restam dúvidas de que pois e porque são sinônimos. Uma vez que podem ser explicativos ou causais significa que são, em termos sintáticos, coordenativos e subordinativos, respectivamente.

Principalmente por serem bifuncionais, o pois e o porque assumem valores semântico-discursivos de causa e explicação, o que não necessariamente estaria atrelado a estruturas de subordinação ou coordenação na constituição discursivo-argumentativa do texto.

Lembra-nos Azeredo que, enquanto usamos os conectivos portanto e logo para introduzir a conclusão que tiramos de um fato ou ideia, as conjunções “...pois e porque **introduzem não só uma relação de causa e efeito** (acréscimo nosso), mas também o próprio fato (e)...também...**iniciam um argumento para uma tese/opinião ou uma atitude expressa na oração anterior** - grifo nosso (2007, p. 251)”.

Assim, se a subordinação é uma relação oracional, e a coordenação e segmentação são relações textuais, a orientação argumentativa é o modo de organização do texto cuja materialidade são a coordenação e a segmentação. Coordenação, segmentação e subordinação, cada uma a seu modo, constituem aspectos do funcionamento discursivo. Por outro lado tanto *subordinação*, *coordenação* como *segmentação* convivem com a polifonia da enunciação e a intertextualidade. Isto mostra como a dialogia interna percorre todo o texto, independentemente da representação de unidade textual ou oracional (GUIMARÃES, op. cit., p. 195).

Ainda ressaltando aspectos semântico-discursivos, incluindo os morfossintáticos, notificamos que houve preferência pelo emprego dos conectivos pois e porque. Vejamos a quantificação no quadro abaixo.

Quadro 5 – Emprego de pois e porque

GÊNERO TEXTUAL	POIS EXPLICATIVO	POIS CAUSAL	PORQUE EXPLICATIVO	PORQUE CAUSAL
Dissertação	57	0	25	2
Editorial	23	1	11	7
Crônica	30	33	5	8
Notícia	10	2	12	13

O pois é mais frequentemente explicativo que causal, assim como o porque, numa escala um pouco menor, independente de se tratar de linguagem tida por de prestígio, no caso dos editoriais e das notícias. Dentre os sinônimos de porque, realmente foi o mais utilizado entre os exclusivos do estilo formal.

Um fato meramente morfossintático que observamos tem a ver com um comportamento “irregular” na pontuação, envolvendo o emprego da vírgula e as orações introduzidas por esses conectivos. A tradição escolar diz que ela é tipicamente empregada nos casos de “...separação de oração coordenada que não seja aditiva (AZEREDO, op. cit., p. 522)”.

Registramos casos “curiosos”: a) pois, porque e até porque explicativos iniciando oração – ocorrências no corpus maduro (em notícias e editoriais); b) porque explicativo não precedido de vírgula – ocorrências no corpus maduro (em editoriais); c) pois e porque causais precedidos de vírgula – ocorrências no **corpus** maduro (em notícias e editoriais); d) pois virgulado de valor causal – ocorrência no **corpus** maduro (em notícias); e) já que explicativo não precedido de vírgula – ocorrências no **corpus** maduro (em notícias); f) preposição por + infinitivo explicativa não precedida da vírgula – ocorrências no **corpus** maduro (em notícias e editoriais); g) preposição por + infinitivo causal precedida da vírgula – ocorrências no **corpus** maduro (em notícias e editoriais).

Como vimos, há registros de alterações sintáticas na pontuação, envolvendo os conectivos causais e explicativos, sem que estejamos falando de uma produção imatura, o que talvez não implique, salvo melhor juízo, “mera” falha de revisão por parte dos jornais impressos.

Na coleta de dados, identificamos, de um lado, a não-ocorrência de alguns dos conectivos apresentados nos compêndios gramaticais como tradutores de causa e de explicação; de outro, a predominância de outros (como o pois e o porque). O interessante é que, por conselho de professores de redação, ou porque alguns manuais de redação assim orientam, devemos evitar o uso excessivo do pois = porque, assim como o fazem quando nos alertam sobre o queísmo, por exemplo. É evidente que a orientação se refere ao mau emprego, porque o uso do pois, ou de qualquer outro conectivo, banaliza o texto, deixando-nos a impressão de que a produção textual pertence a um principiante.

Isso nos mostra mais uma vez a necessidade de repensarmos a teoria e a prática da produção pela estrutura morfossintática e semântico-discursiva.

3 SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS

Para fins de sistematização dos resultados, fez-se a seleção de alguns trechos, aqui chamados de extratos. Foram transcritas as sequências textuais que continham conectivos causais ou explicativos, após a conversão do formato txt para o formato **word**, não só porque já havíamos constituído a base de dados, mas também porque deveríamos manter um padrão de formatação no corpo deste trabalho.

Relembramos que, em vez de usarmos o recurso do **Word** Editar/Localizar, utilizamos o aplicativo Simple Concordance Program, com o qual verificamos os contextos e as particularidades de porque e sinônimos, por exemplo, os comos e outras palavras e construções pertencentes tanto ao “foco maior” quanto ao “foco menor” de nossa pesquisa. Isso porque a referida ferramenta seleciona não somente termos simples, como o pois e o porque, geralmente considerados conjunções-base para a expressão de causalidade (sentido amplo), cabendo a nós a tarefa de diferenciar os empregos morfossintático-semânticos e discursivos.

Para isso, precisávamos de segmentos textuais que contivessem elementos suficientes para, no contexto, favorecer a definição do valor semântico em questão. Em determinados momentos, agrupamos pequenos fragmentos de textos dos **corpora**, por representarem um mesmo emprego, mesma significação e análise, e, principalmente, por excentricidade. Os comentários que acompanham algumas sequências tanto podem apresentar novas abordagens quanto retomar informações e conceitos já citados.

Por falar nisso, antes de iniciarmos a exposição dos agrupamentos de trechos onde foram encontrados porque e sinônimos, gostaríamos de mencionar algumas noções que julgamos essenciais à compreensão de nossa análise de dados, em especial, à classificação de porque e sinônimos como explicativos ou causais.

Tivemos de considerar não só o conceito de “sequências” mas também seus tipos, propostos inicialmente por Adam, citados em Charaudeau & Maingueneau (2004): narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal, sendo que este último tipo foi substituído por Marcuschi (2003) pelo denominado injuntivo. Segundo eles,

...ela (a teoria das seqüências) considera que existe, entre a frase e o texto, um *nível intermediário* de estruturação, aquele dos períodos e das macroproposições. Um pequeno número de *tipos de seqüência* de base guia os empacotamentos prototípicos de proposições que formam as diversas macroproposições..., segundo o tipo de seqüência correspondente. (Charaudeau & Maingueneau, *ibid.*, p. 444 – verbete *seqüência*).

Pudemos observar que, em alguns casos, apesar de predominar um determinado modo de organização do discurso, houve trechos/elementos pertencentes a um outro, estando, porém, a serviço do primeiro, o predominante. Exemplificando: uma sequencia narrativa estruturada em forma de justificativa, apresenta conectividade de explicação, logo, argumentativa.

Confirmamos que toda opinião é passível de questionamento; fatos, não. Sendo que algo dito que possua valor factual, ou seja, exprimindo um fato, discursivamente, serve de argumento para a ação. E mais: que toda opinião relatada ou relato relatado implica um fato. Por isso tem-se de estabelecer uma fronteira entre causal e explicativa que justifica ação.

No ato de argumentar relatando, apresentamos uma informação/tese, isto é, uma opinião, porém, não suscetível de ponderação. O contrário acontece com o argumento que é do próprio enunciador, tratando-se de uma opinião que é argumentada, ou seja, colocada em forma de argumento, com relação a uma tese, a uma causa, a uma ideia ou, a um ponto de vista.

Sobre as modalidades de recepção do argumento, Breton lembra que todos nós temos, “...previamente um ponto de vista próximo da opinião...proposta, salvo no caso de uma novidade absoluta ou de um campo de conhecimentos especializado...(1999, p. 33)”.

Toulmin, antes de elencar três outros testes que nos permitem reconhecer “...se um argumento é ou analítico ou substancial, (2001, p. 187)” entre eles, o teste do evidente por si mesmo, esclarece:

... uma vez que se empregue a garantia correta, qualquer argumento pode ser apresentado na forma “dados; garantia; logo, conclusão”, e, portanto, com a garantia correta, qualquer argumento torna-se formalmente válido. Ou seja, se se escolhem as palavras adequadas, qualquer argumento pode ser expressado de tal modo que sua validade seja evidente simplesmente por sua forma: isto é igualmente verdade qualquer que seja o campo do argumento – nada muda...**qualquer premissa pode ser usada numa inferência que seja montada de modo a ter validade formalmente evidente** (idem, *ibidem*, p. 171, grifo nosso).

Sabemos que o conhecimento se situa no campo da objetividade e da verdade. A opinião, no da subjetividade. Mas, se o objetivo do texto era informar, por exemplo, uma notícia, a tendência é que se prime pela objetividade, ainda que não haja dúvidas de ser impossível total imparcialidade.

Segundo Breton,

No campo jornalístico, a distinção entre informação e opinião é essencial e determina os imperativos deontológicos do jornalista. Ele não faz o mesmo trabalho quando informa o público ou quando lhe dá, como comentarista ou cronista, sua “opinião” sobre os fatos (1999, p. 43).

Assim, estabelece-se uma causalidade flexível, com o uso de um argumento causal, havendo a possibilidade de adesão à opinião proposta. Na tese que ora formulamos, entre outras coisas, comprovamos que é próprio do modo argumentativo de organização do discurso a apresentação de justificativa, assim como é próprio do modo narrativo a apresentação da causa das coisas.

Mas, lembra-nos Breton que

Um elemento do raciocínio pode assim ser isolado e qualificado como sendo um “fato”, suscetível, então, de observação, de testemunho, de prova...O enunciado de um fato em argumentação depende, no entanto, da narrativa e de suas regras de composição, pois a argumentação não tem a pretensão de dizer a verdade dos fatos, mas de partilhar uma narrativa provisória para fazer que dela derive uma convicção (op. cit., p. 101).

Ao enumerar os tipos de argumentos de Perelman, conceitua o chamado “argumento causal” (pertencente ao grupo da dedução):

Ele consiste em transformar a opinião que se quer sustentar em uma causa ou em um efeito de alguma coisa sobre a qual exista um acordo. Se a opinião que se quer defender é que os serviços de informação de um determinado país são excelentes, **pode-se transformar esta opinião em causa do fato** (grifo nosso) que o governo do país parece sempre agir em função de excelentes informações (op. cit., p. 127).

Na sequência diz-nos:

O argumento causal é de uso extremamente corrente. Ele permite criar um vínculo nos dois sentidos, **seja porque o acordo prévio se apresenta como a causa da opinião que é sustentada, seja porque a opinião é ela mesma a causa de uma consequência sobre a qual um acordo prévio foi estabelecido** - grifo nosso (op. cit., p. 128).

Também chama nossa atenção para a diferença entre “argumento causal” e

“atribuição causal”, visto que devemos ter

..cuidado para não confundir o argumento de causalidade, elemento do encaminhamento dedutivo, e o mecanismo da atribuição causal, objeto de uma literatura abundante. **A atribuição causal é um procedimento cognitivo que consiste para um ator em forjar para si uma representação da causa do fenômeno dado... Este mecanismo de explicação do real se distingue da argumentação propriamente dita** – grifo nosso (op. cit., p. 129).

Enfim, tudo que for colocado a serviço da defesa de uma tese ou de uma opinião deve ser considerado “argumento”. São valores e pontos de vista, juízos de valor. Portanto, até uma informação pode assumir feição de justificativa. Vogt defende a ideia de que “...todo discurso, por sua própria existência, é um argumento para aquilo que afirma... (1980, p. 127)”.

Pois,

A menos que a asserção tenha sido feita de modo totalmente irrefletivo e irresponsável, **normalmente teremos alguns fatos que poderemos oferecer para apoiar nossa alegação; se a alegação é desafiada, cabe a nós recorrer àqueles fatos e apresentá-los como o fundamento no qual se baseia nossa alegação** – grifo nosso. É claro que pode acontecer de o desafiador não concordar conosco quanto à correção daqueles fatos... (TOULMIN, op. cit., p. 139).

Charaudeau & Maingueneau, fazendo referência a uma teoria psicológica da ação, apresentam o seguinte ponto de vista:

Em certas perspectivas psicológicas, a *ação* é definida em termos de sua *finalidade* (“metas”), o que a inscreve em um quadro de intencionalidade e a estrutura em “plano de ação”, e como fenômeno de *regulação*, que a inscreve em um quadro *intersubjetivo* a partir da existência de uma interatividade (ação-reação). (2004, p. 25 – verbete *Ação*)

No verbete “ações/eventos (em narratologia)”, dizem que

Para circunscrever a intencionalidade das ações humanas, além de *metas* ou *finalidades*, consideradas em relação ao fim da ação, é necessário distinguir, quanto a seu início, os *motivos* e as *causas*. Quando se trata de *causa* e *efeito*, o antecedente, logicamente disjunto do conseqüente, pode ser descrito independentemente dele... Ao contrário, existe sempre ligação entre a ação de um agente e aquilo que o leva a agir, a saber, seu *motivo*. Esse *motivo* (ou razão para agir) não pode ser pensado senão a partir da ação. A distinção entre causa e motivo não significa que, desde que um ator humano esteja presente, tudo é motivação pura: as fronteiras entre *causalidade* e *motivação* são muito fluidas. (op.cit., p. 28)

Oliveira afirma: “Para uma intenção de ação ser lida como a própria ação, basta que o texto não diga o contrário (2003, p. 74)”. Assim, ao analisar fatos

descritos, identificamos alguns que retratam realmente a existência de “intenções de ações” que significam, por inferência, a efetiva prática de tais ações, num menor grau de factualidade.

E por isso tivemos de considerar os chamados “atos de fala”. Segundo Azeredo, trata-se da

...unidade comunicativa por excelência. Por meio dele um enunciador converte em discurso uma intenção, de sorte que a frase que o realiza é ao mesmo tempo um modo de dizer e um modo de agir, de que são exemplos típicos os atos de despedir-se..., de desculpar-se...e de agradecer... (2008, p. 74).

Relembramos também, com Charaudeau & Maingueneau (op. cit., p. 73), as cinco categorias de atos de linguagem/fala searlianos: assertivos (se permitem comprovações), diretivos (expressam e/ou sugerem procedimentos), compromissivos (indicam predisposição a algo), expressivos (verbalizam sentimentos) e declarativos (criam ou modificam estados de coisas).

Em se tratando da modalidade apreciativa, apesar da distinção entre o ato de apreciar do ato de opinar (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, op. cit., p. 50 – verbete apreciação), sempre estaremos no contexto argumentativo, logo, com as estruturas explicativas a serviço da expressão.

Finalmente, Oliveira et. al., demonstrando como seria uma abordagem produtiva dos conectivos do grupo da causalidade (sentido amplo), e aí incluem-se os que nos interessam neste trabalho (causais e explicativos), esclarecem que

As explicativas (orações) relacionam-se não com o conteúdo da outra oração, mas sim com o ato de fala (opinião, ordem, pergunta, etc....), realizado na oração anterior. Em outras palavras é como se alguém dissesse: “João não está em casa” e eu *afirmo isso e justifico*, baseando-me no fato de que as luzes encontram-se apagadas. Em todas essas articulações, tem-se um ato afirmativo e uma justificativa em forma de um outro *ato de fala*. (Estamos considerando a noção de ato de fala, dentro de uma concepção ampla do discurso, que se refere à (*sic*) qualquer atividade comunicativa produtora de efeitos de sentido, a qual engloba os enunciados produzidos pelos interlocutores e o processo de sua enunciação...(2001a, p. 26 seq.).

3.1 Extratos dos corpora e alguns comentários

LOTE 1 – Relação TESE-ARGUMENTO = OPINIÃO

pois

(1) “Defeito, característica comum a todos nós, afinal quem é perfeito? Essa, com certeza, é uma pergunta fácil de se responder, **POIS**^E sabemos que ninguém é perfeito.” (Dissertação 207)

(2) “No atual governo de transição, por exemplo, entramos e uma crise que é tratada como natural, **POIS**^E a esquerda chegou ao poder.” (Dissertação 229)

(3) “É possível que petistas continuem repetindo o bordão. **POIS**^E o presidente não passou a negar aquilo pelo qual pedira desculpas e se declarara traído? Porém, depois de mais um relatório preliminar da CPI dos Correios, divulgado na terça-feira, essa tática de dissimulação autista talvez já não satisfaça o mais ingênuo e crédulo dos militantes petistas, descendente direto da finada Velhinha de Taubaté.” (Editorial 004)

COMENTÁRIO:

Observemos que uma situação foi avaliada como sendo “possível”, mas não há como atribuir valor factual a “ser possível”. Podemos perguntar, por exemplo, qual é a causa de uma coisa ser perigosa, mas não há como perguntar a causa de algo ser possível. Teremos de perguntar sempre qual é a causa de aquilo ser visto como possível.

A segunda oração não é causa da primeira. É *justificativa*, podendo-se dizer “e eu digo isso...” porque...]: “*É possível que petistas continuem repetindo o bordão [e eu digo isso] porque (pois, visto que etc.)^E o presidente não passou a negar aquilo pelo qual pedira desculpas.*”

Precisamos reconhecer um ato de fala chamado JUSTIFICATIVA, que tem a ver com a administração de nossa imagem (*ethos* maingueniano, *face* de Brown e Levinson).

(4) “Há o grave risco de a absolvição de Romeu Queiroz ser apenas a primeira, se a bancada pluripartidária que agiu para livrá-lo continuar ativa. O deputado mineiro também recebeu ajuda do regionalismo, **POIS**^E até o governador tucano Aécio Neves agiu, de forma injustificável, para salvá-lo.” (Editorial 009)

COMENTÁRIO:

Já vimos que todo fato, quando posto em dúvida, funciona no texto como opinião. O redator precisou argumentar para “provar” que realmente o deputado “recebeu ajuda do regionalismo”. Percebemos, pelo contexto (ou, mais exatamente, pelo cotexto), que não se trata de um fato óbvio: “O *deputado mineiro também recebeu ajuda do regionalismo, [e eu digo isso] (porque, visto que etc.) pois até o governador tucano Aécio Neves agiu, de forma injustificável, para salvá-lo*”.

(5) “Está fora de discussão que o problema de proporcionar um mínimo de tranquilidade à população é policial. E que a repressão exige mais competência do poder público em geral. Mas não só. **POIS^E** se quisermos pensar não apenas na segurança do presente, mas também na esperança de um futuro melhor, temos de buscar meios de fazer com que a violência deixe de ser uma herança inexorável nas comunidades carentes, geralmente à mercê do narcotráfico.” (Editorial 014)

COMENTÁRIO:

Expressões como ***Mas não só. Pois “X”, Mas não é só. Pois “X”*** e similares significam o seguinte: *Mas não é só nesses argumentos que eu fundamento minha tese. Pois existe também o argumento “X”.*

(6) “Sua carreira, é claro, não se desenvolveu no vazio, movida apenas por uma vontade sobre-humana e por suas habilidades de excelente tático (e péssimo estrategista, que ganhou batalhas e perdeu todas as guerras). O sérvio que restabeleceu no continente os campos de concentração e o genocídio é produto da indiferença dos EUA e da Europa que só no fim dos anos 90, por iniciativa tardia^C mas decisiva dos EUA, enfrentaram o arruaceiro dos Bálcãs. Que não se vá com ele o projeto do tribunal internacional para criminosos do seu porte. **POIS^E** (JUSTIFICATIVA DE UMA ORAÇÃO OPTATIVA) se com a morte Milosevic burlou a justiça, também é fato que estava privado de liberdade quando morreu — como deveriam estar seus cúmplices foragidos Radovan Karadzic e Ratko Mladic.” (Editorial 094)

COMENTÁRIO:

Trata-se de um tipo novo (até aqui) de conjunção explicativa, semelhante (mas não exatamente igual) à que justifica um verbo no imperativo.

(7) “...espera-se que o descaso do governo não manche o evento, **POIS^E** (JUSTIFICATIVA DE UM DESEJO) o mesmo trará dinheiro para o país através do

turismo...” (Crônica 004)

COMENTÁRIO:

Como vimos acima, orações optativas, que são diferentes de enunciados com verbo no imperativo, representam desejo, implicando *explicação*.

(8) “... não que ele estivesse interessado na aula, **POIS^E** seu corpo presente entrava em oposição com sua mente ausente...” (Crônica 020)

COMENTÁRIO:

A segunda oração não é causa da primeira. É justificativa, podendo-se dizer “e eu digo isso...” porque...

(9) “...tínhamos um restinho das férias, e que férias, **POIS^E** (JUSTIFICA UMA EXCLAMAÇÃO) a última semana era a de Carnaval...”. (Crônica 026)

(10) “..outros diziam que estavam “safos”, **POIS^E** (ARGUMENTO RELATADO) tinham vários amigos...”. (Crônica 030)

(11) “...pediu a João, dono da oficina, que pudesse liberar seu pai no domingo, **POIS^E** (EXPLICAÇÃO RELATADA, e não, causa de pedir) era final da Copa do Brasil...” (Crônica 057)

(12) “...disse que só estava dando uma escarpelada no gato, **POIS^E** (JUSTIFICATIVA DE AÇÃO RELATADA) estava muito calor.” (Crônica 058)

(13) “Eu estava espantado, **POIS^E** (JUSTIFICATIVA DO ESPANTO) jamais poderia achar que meu amigo...”. (Crônica 059)

(14) “A vida de todos mudou (JUÍZO DE VALOR), **POIS^E** (JUSTIFICATIVA, podendo-se dizer “e eu digo isso...” porque...] agora os alunos conheciam novos conceitos...”. (Crônica 063)

(15) “Aprendi a não reclamar dos dias “ruins” de hoje, **POIS^E** (JUSTIFICATIVA para “não reclamar”, e não, causa de “aprender”) estes podem ser muito piores amanhã.” (Crônica 072)

(16) “...então veio a outra Van e não a peguei, **POIS**^E (JUSTIFICATIVA DE AÇÃO) não acreditava que ela conseguiria passar...”. (Crônica 073)

(17) “Segundo peemedebistas, o ex-presidente José Sarney (PMDB-AP) tem interesse na troca de comando no ministério, **POIS**^E (ARGUMENTO RELATADO) isso poderia tirar seu filho Fernando Sarney da mira da PF. O filho do ex-presidente é suspeito de ter movimentado mais de R\$ 2 milhões às vésperas da eleição de 2006, que teriam favorecido a campanha da irmã Roseana ao governo do Maranhão.” (Notícia 018)

COMENTÁRIO:

O conectivo introduz um argumento, com a presença do futuro do pretérito, tempo verbal muito comum em discursos relatados.

(18) “O Mirage foi o primeiro megaresort a mudar a paisagem na Strip. À época, um empreendimento considerado astronômico, **POIS**^E (ARGUMENTO RELATADO) precisava faturar US\$ 1 milhão ao dia para atingir seu break-even (igualar resultados para os acionistas).” (Notícia 043)

(19) “Várias organizações internacionais denunciaram os impedimentos das autoridades birmanesas para conceder vistos ao pessoal humanitário, **POIS**^E (ARGUMENTO RELATADO) o regime alega que não precisa de voluntários estrangeiros.” (Notícia 049)

(20) “Apesar disso, o governo da Austrália prometeu hoje mais US\$ 24 milhões para as vítimas, que será dividido igualmente entre o fundo de emergência da ONU e um grupo de ONGs. Segundo cálculos das Nações Unidas, são necessários pelo menos US\$ 178 milhões para atender os 1,5 milhão de vítimas durante os próximos três meses. O ministro de Assuntos Exteriores australiano, Stephen Smith, recomendou que o regime birmanês suspenda as restrições à entrada de voluntários estrangeiros, **POIS**^E (ARGUMENTO RELATADO), mudando sua atual postura, as vítimas poderiam receber muito mais assistência da comunidade internacional.” (Notícia 049)

COMENTÁRIO:

Trata-se da justificativa de uma recomendação. Não é opinião relatada, haja vista que a fala do enunciador do argumento está no futuro do pretérito: “*poderiam*”. Então, temos uma opinião expressa, sinônimo aproximado de *tese*.

(21) “- Eu não tenho dúvidas de que teremos uma decisão histórica no STF e o Brasil vai poder ficar em paz com a sua história, **POIS**^E (ASSERTIVA) só ficaremos

em paz com a nossa história quando o Brasil reconhecer, como tem (*sic*) feito alguns países, que aqui torturador não tem vez - sustento.” (Notícia 092)

COMENTÁRIO:

O trecho “...teremos uma decisão histórica no STF e o Brasil vai poder ficar em paz com a sua história” é uma *opinião*, tanto que o parágrafo começa com “*Eu não tenho dúvidas de que...*”, o que prova que essa *asserção* suscita questionamentos (cf. CHARAUDEAU, 2008, p. 201).

porque

(1) “O mesmo processo pode ocorrer em momentos de crises nas mais diversas possíveis, quando nos deparamos sem perspectivas de mudanças e de atitudes diante dos problemas surgidos. Principalmente **PORQUE^E** jamais imaginamos que aquilo pudesse acontecer.” (Dissertação 202)

(2) “Dessa maneira, devemos estar atentos, **porque^E** as conseqüências negativas do defeito, erro, da crise e imaginação podem nos atingir direta e indiretamente.” (Dissertação 273)

(3) “Os investidores que inspiraram o projeto e convenceram a Petrobras a assumi-lo se inclinam por Itaguaí, entre outras razões, **PORQUE^E** (OPINIÃO RELATADA) acreditam que ali já existe infra-estrutura adequada para uma indústria com essas características, incluindo a proximidade com o Porto de Sepetiba.” (Editorial 002)

(4) “**PORQUE^E** é típica a leniência com que são tratados eventos desta natureza, desencadeados por corporações que integram a base eleitoral do governo — por piores que sejam os efeitos do movimento. No caso da Anvisa, os grevistas, como seria de se esperar, asseguram que não foi afetado o abastecimento de medicamentos essenciais, o que o Ministério da Saúde confirma. Mas a realidade é bem diferente, como reportagens demonstram à fartura. De resto, se uma greve assim não tivesse sérias repercussões negativas, seria de se perguntar se o trabalho que foi suspenso — e os trabalhadores que o executam — não tem utilidade.” (Editorial 098)

COMENTÁRIO:

Depois de ponto, geralmente o *porque* é explicativo. O curioso é que está inclusive no início do parágrafo. Preferimos ficar com Garcia: “...Abrindo com essa conjunção ‘porque’ um novo parágrafo, quis o Autor ressaltar as idéias de causa, explicação ou motivo do que acabara de declarar...” (2001, p. 86).

(5) “O dia seguinte seria muito importante para mim, **PORQUE**^E a escolha que iria fazer poderia mudar completamente minha vida.” (Crônica 021)

(6) “Ela vai dormir, **PORQUE**^E (JUSTIFICATIVA DE UMA AÇÃO), no dia seguinte, a “batalha” continua.” (Crônica 046)

(7) “- Foi uma trabalhadora cruzar as listas que tínhamos. Tivemos que fazer o levantamento das vendas com todas as gravadoras. Depois, foi surpreendente descobrir que Padre Marcelo Rossi foi o mais vendido, que Xuxa tem quatro discos nesta lista e Roberto Carlos, nenhum. Ele sempre vendeu discos, mas os números eram regulares a cada lançamento. Já Marcelo Rossi foi um estouro quando apareceu - comenta Luiz André Alzer. - Outra lista trabalhosa foi a “As 10 maiores bilheterias do cinema nacional”, **PORQUE**^E só existem números a partir de 1993, quando houve a retomada do cinema no Brasil. Conseguimos confirmar com a Ancine e descobrimos que, dessa época para cá, só “Dois filhos de Francisco” entra na lista.” (Notícia 042)

(8) “McCain já havia sido convidado ao evento da NAACP no ano passado, mas recusou, segundo ele **PORQUE**^E (DISCURSO RELATADO) sua campanha a presidente naquela época estava quase desativada.” (Notícia 063)

COMENTÁRIO:

Temos uma justificativa. Apesar da falta do verbo *dicendi*, podemos dizer que se trata de discurso indireto, porque a preposição acidental *segundo* faz um pouco esse papel: “*segundo*” é sempre “*segundo disse Fulano*”). Para distinguir explicativas de causais, é fundamental identificar o enunciador da sequência introduzida pelo conectivo.

(9) “- Os japoneses estão todos alvoroçados. Eles estão numa expectativa muito grande e uma briga para ter acesso ao Anhembi. Nós estabelecemos como prioridade as pessoas mais idosas **PORQUE**^E (JUSTIFICATIVA DE UMA AÇÃO) nutrem desde o passado aquela referência à figura do imperador - diz Heimei Yoshioka, organizador do evento.” (Notícia 068)

(10) “Essa foi a medida mais radical adotada por padres diante da insegurança que afeta principalmente as igrejas do Centro, ainda mais no período da noite e nos finais de semana, quando a região fica praticamente deserta. A Igreja do Sagrado Coração de Jesus, também localizada na região central, fechou seis de suas oito portas e foi totalmente gradeada. O padre João Alberto Araújo explica que a medida foi necessária para ordenar o acesso à igreja **PORQUE**^E (JUSTIFICATIVA DE OPINIÃO) a proximidade com os terminais de ônibus transformou o local em galeria de passagem, aumentando o perigo para quem assistia à missa.” (Notícia 073)

COMENTÁRIO:

Ao dizer que “*a medida foi necessária*”, emitiu-se um juízo de valor (opinião), cuja marca linguística é o adjetivo *necessária*. A sequência “*porque a proximidade com os terminais de ônibus transformou o local em galeria de passagem...*” é uma explicação (argumento para uma tese). Notemos que, no próprio verbo, o ato de justificar se estabelece: “*O padre João Alberto Araújo explica...*”.

(11) “A maior carga de aulas teóricas vai fazer com que o curso básico de habilitação para carro simples na Auto-Escola Brasília suba de R\$ 450 para R\$ 740 - aumento de 64%. Mesmo com o aumento, Júnior acredita que o número de novos clientes não deve diminuir nos próximos meses **PORQUE^E** (OPINIÃO) a habilitação é um documento obrigatório.” (Notícia 088)

COMENTÁRIO:

Temos a justificativa de uma *crença* (“acredita”), portanto de uma *opinião*.

(12) “- Vim apressada, **PORQUE^E** (JUSTIFICATIVA DE AÇÃO), com as novas regras, eu precisaria de 45 horas-aula de curso teórico, mais 20 horas de prática de direção veicular. Pela resolução anterior, precisaria só de 30 horas de aulas teóricas, mais 15 horas de curso de prática de direção. Pelas contas que o meu pai fez, eu gastaria R\$ 400 com o modelo atual e o dobro com o que vai vigorar a partir de janeiro. Como tenho um irmão, Filipe, que também está tentando se habilitar, pelas novas regras meu pai não iria gastar menos de R\$ 1,6 mil com nós dois. É muito dinheiro - disse ela.” (Notícia 088)

COMENTÁRIO:

A causa aí é usada como justificativa, o que, aliás, é muito comum. No dia a dia, estamos sempre justificando nossos atos com a explicitação da causa deles.

(13) “- A despesa maior será só com auto-escola mesmo. **PORQUE^E** as taxas cobradas para a habilitação, que hoje são de R\$ 155,08, serão corrigidas apenas pelos índices da inflação, cerca de 6%.” (Notícia 088)

COMENTÁRIO:

O “só” não tornou causal a conjunção porque seu escopo é “com auto-escola”.

haja vista (que)

(1) “Em contrapartida, defeitos, erros, crises e imaginação, em excesso passam a incomodar, **HAJA VISTA QUE^E** podem ser grandes impecilios à convivência em sociedade.” (Dissertação 279)

(2) “Infelizmente, o tema não parece sensibilizar o Congresso Nacional, **HAJA VISTA QUE^E** a medida provisória que criava a Super-Receita acabou caducando por falta de quórum no Senado para votá-la em tempo hábil. A Super-Receita é uma tentativa válida de se ampliar a arrecadação para o sistema previdenciário sem necessidade de se elevar (sic) as alíquotas de contribuição, já muito altas.” (Editorial 016)

já que

(1) “Tal problema se sanado, poderia quem sabe, mudar o mundo, mudar a história; **JÁ QUE^E** (ARGUMENTO CONSENSUAL) a intolerância, a incapacidade de reconhecer os próprios erros e a acomodação por parte das pessoas as tornam incapazes de fazer algo para mudar.” (Dissertação 207)

(2) “Neste segundo caso ocorreu uma cruel forma de exploração **JÁ QUE^E** (ARGUMENTO CONSENSUAL) a sociedade os via como animais, seres inferiores e essa exploração existiu por anos...” (Dissertação 280)

(3) “No caso do PTB, é indiscutível a ação de indicados do partido no Instituto de Resseguros do Brasil, IRB, e nos Correios para arrecadar fundos com empresários privados. Na prática, trata-se de desvio de dinheiro público para outros e obscuros fins, **JÁ QUE^E** essas comissões costumam ser recuperadas pelos empresários na forma de preços superfaturados cobrados ao Estado.” (Editorial 038)

(4) “Era uma noite de festividade (OPINIÃO DE CONOTAÇÃO AFETIVA) **JÁ QUE^E** a nossa amada força militar conseguiu, enfim, depois de anos de lutas bravias, derrotar as milícias...” (Crônica 019)

(5) “...disse para eu não ir, **JÁ QUE^E** (INTRODUTOR DE ARGUMENTO RELATADO, JUSTIFICANDO OPINIÃO – OU SUGESTÃO – DE OUTREM), como não tinha ninguém para me acompanhar, teria que ir sozinho.” (Crônica 025)

(6) “...e só estava afim (sic) de permanecer em casa com alguém ao lado, **JÁ QUE^E** (JUSTIFICATIVA DE UM DESEJO, e não, causa do desejo) não havia alguém senão ela. (Crônica 042)

(7) “Assumi o serviço às 17h, **JÁ QUE**^E (JUSTIFICATIVA DE AÇÃO) todos temos que praticar o treinamento físico...”. (Crônica 064)

(8) “Ao ser questionado se a Vivo manterá este nível de margem Ebitda alcançado no trimestre, Lima não quis se comprometer com resultados, **JÁ QUE**^E (ARGUMENTO RELATADO) a empresa não divulga previsões (guidance) sobre o futuro, mas disse que " tem o objetivo de mantê-la elevada", diante dos investimentos que são necessários no setor.” (Notícia 011)

(9) “Com a informação, os advogados de Dantas protocolaram há três meses junto ao governo americano pedido de providências contra a investigação, **JÁ QUE**^E (ARGUMENTO RELATADO) houve diálogos com funcionários de empresas sediadas nos EUA, e a interceptação de e-mails contraria as leis daquele país.” (Notícia 019)

(10) “Placodermes costumam ser descritos como "dinossauros dos mares" **JÁ QUE**^E (ARGUMENTO RELATADO) dominaram oceanos e lagos por quase setenta milhões de anos.” (Notícia 028)

(11) “A medida será adotada para reduzir os custos da companhia com combustíveis **JÁ QUE**^E (JUSTIFICATIVA DE OPINIÃO) o MD-80, um modelo mais antigo de avião, é pouco econômico. Essas aeronaves são utilizadas pela companhia principalmente em rotas ligando seu hub (centro de distribuição de vôos) em Milwaukee às cidades de Los Angeles, São Francisco e Seattle. A companhia não esclareceu se a frequência nessas rotas será diminuída, se elas serão abandonadas ou se utilizará seus 25 Boeings 717 - também ultrapassados - para operá-las.” (Notícia 045)

(12) “A experiência de viajar por esse país pouco conhecido do Oriente Médio, é bom esclarecer, será acompanhada de alegrias, mas também percalços. O Iêmen fica distante (são 14 horas de vôo do Brasil até Dubai, escala obrigatória para Sanaa); as cidades são pobres; as ruas, sujas, e o trânsito é o caótico - os sinais são raros, o que vale são as buzinas, e a frota é muito velha, o que inclui os ônibus que transportam turistas. A rede terrorista al-Qaeda mantém um braço iemenita responsável pelo ataque, em setembro, à embaixada americana em Sanaa, o que fez com que o já minguado fluxo de turistas estrangeiros ao país se reduzisse ainda mais. Mas, creia, o Iêmen valerá todos os dias da viagem por suas cidades e montanhas. Embora a tradição islâmica imponha às mulheres um dos mais pesados códigos de vestimentas do Oriente Médio, esse rigor não se estende às turistas. E a população é gentil com os visitantes. A capital conta com hotéis cinco estrelas e agências de viagens, que oferecem passeios guiados, **JÁ QUE**^E (JUSTIFICATIVA DE AÇÃO) a locomoção por conta própria é difícil.” (Notícia 078)

por + infinitivo

(1) “Dentro deste conceito estão os médicos que **POR SEREM**^E (JUSTIFICATIVA DE OPINIÃO) médicos e lidarem com a vida do ser humano não deveriam cometer erros, pois^E podem ser causadas mortes, pessoas podem ficar defeituosas...” (Dissertação 226)

(2) “Defeito, será que ele é bom ou ruim? O defeito só é bom **POR** nos **FAZER PENSAR**^E (JUSTIFICATIVA DE OPINIÃO) nas coisas que achamos estar erradas...” (Dissertação 282)

(3) “Confirmada a participação de policiais na maior chacina da história do estado, aumenta ainda mais a responsabilidade do poder público. Não se trata apenas de punir com rigor os culpados de um crime grave. É necessário ir além, **POR** ele **NÃO SER**^E um fato isolado é preciso limpar a corporação policial, recuperar sua credibilidade. O assassinato indiscriminado de 30 pessoas na Baixada Fluminense, tudo indica em retaliação ao acertado enquadramento disciplinar de policiais, ultrapassou os limites.” (Editorial 001)

COMENTÁRIO:

Trata-se de um caso (curioso) de **por + INFINITIVO** com valor *explicativo* (mas é claro que subordinativo – reduzidas desse tipo são sempre estruturas subordinadas).

Até aqui acreditávamos que essa construção fosse sempre causal. Este seria um contraexemplo. Porém, o conteúdo semântico de “necessário” (modalização deôntica cf. NEVES 2002b e KOCH 2004) soluciona esse “mistério”. Modalidade aqui deve ser entendida como o ato ilocutório por meio do qual exprimimos nossa atitude em relação aos enunciados que produzimos. Com isso, manifestamos um grau máximo de engajamento com o que acabamos de dizer, de forma que essa modalização discursiva torna nosso argumento não passível de contestação. Nesse caso, o que temos não é a descrição do ato (punir com rigor) propriamente dito. Antes, o que será obtido se houver a realização desse ato.

(4) “Calcula-se que morem em favelas cerca de 20% da população do município, ou aproximadamente um milhão de pessoas, quando, em 1950, segundo o IBGE, estavam nessa situação apenas 7% dos cariocas. A expansão das favelas é visível. Para constatá-la, há muito não se requer mais pesquisadores e levantamentos técnicos. A degradação em curso na área da Avenida Brasil, por exemplo, é dramática e veloz. E até mesmo didática, **POR MOSTRAR**^E (JUSTIFICATIVA DE AÇÃO) como o crescimento das favelas é capaz de gerar hoje a miséria de amanhã, ao expulsar empresas e afugentar investimentos.” (Editorial 029)

(5) “Se o Planalto nada apresentou de concreto, ficou no discurso pró-mudanças, a minirreforma de Bornhausen se mostrou equivocada **POR INTERVIR^E** (JUSTIFICATIVA DE AÇÃO) onde não deve e deixar de lado o que precisa ser alterado, como é o caso da punição dos corruptores de políticos.” (Editorial 030)

COMENTÁRIO:

O fato de a minirreforma de Bornhausen intervir onde não deve não é causa de ela se mostrar equivocada. É a causa de o redator dizer que ela se mostra equivocada, o que prova tratar-se realmente de um exemplo de *por* + infinitivo com valor explicativo, ainda que subordinativo.

(6) “Dos hotéis-cassinos enfileirados na Fremont, o Golden Nugget contribui para a história da cidade (OPINIÃO = JULGAMENTO DE VALOR) **POR TER^E** (JUSTIFICATIVA DE AÇÃO) abrigado as temporadas de Frank Sinatra. Além disso, o cassino tem uma piscina inacreditável conjugada a um aquário de tubarões, que permite que você deslize num toboágua passando no meio do tanque dos tubarões. Há 16 tubarões e quatro arraias convivendo ali harmoniosamente com o olhar curioso dos hóspedes do hotel. Para evitar que os tubarões se reproduzam são mantidos apenas machos ou fêmeas de uma ou outra espécie. Eles vivem em cativeiro cerca de 30 a 35 anos. Ah, é possível jogar na piscina também....e, num dos corredores do hotel, esta à mostra a maior pepita de ouro em exibição no mundo, que foi encontrada na Austrália em 1980. O camarim de Frank Sinatra é mantido até hoje com móveis e decoração da época, mas que não fica aberto ao público (somente sob consulta) e Kenny Rogers - ex-diretor de entretenimento da casa antes de se tornar cantor famoso.” (Notícia 043)

uma vez que

(1) “Havia um clima de intenso desgaste entre os alunos, **UMA VEZ QUE^E** era período de provas.” (Crônica 045)

COMENTÁRIO:

Houve uma ligeira impropriedade, pois o contexto pede *causal*, mas o aluno usou uma explicativa.

tendo em vista + SN

(1) “Pior ainda, talvez, é a hipótese de Evo, como é universalmente conhecido, vencer nas urnas e não ser confirmado pelo Congresso, como prevê a Constituição. Poderia ser o estopim de uma guerra civil, que para muitos parece inevitável, **TENDO EM VISTA**^E a polarização das forças políticas e as profundas divergências entre as províncias ricas, com aspirações autonomistas, e as mais pobres, com ressentimentos históricos.” (Editorial 008)

COMENTÁRIO:

Morfossintaticamente, temos um sintagma nominal, todavia devemos considerar essa *expressão* (não locução) como outra forma de exprimir *explicação*.

(2) “**TENDO EM VISTA**^E (JUSTIFICA A AÇÃO DA SOCIEDADE) essa aproximação de atos considerados abomináveis, a sociedade reagiu...” (Crônica 061)

visto que

(1) “Chegou fevereiro, de início não era uma notícia boa, **VISTO QUE**^E tínhamos, eu e minha turma inteira, que voltar ao Colégio...” (Crônica 026)

(2) “É bastante compreensível, **VISTO QUE**^E, indo, há uma reciprocidade...” (Crônica 031)

(3) “Estava andando pelas ruas próximas de casa para arejar a cabeça, **VISTO QUE**^E tinha antes feito várias tarefas árduas.” (Crônica 047)

até porque / só porque

(1) “Outra aberração é o Banco Popular, um apêndice do Banco do Brasil e que serviu apenas para abrigar um aparelho petista, produzir prejuízos e irrigar o caixa das agências de publicidade de Marcos Valério. Essa face de ambigüidades do governo fica ainda mais nítida quando, ao lado do êxito na luta contra a inflação — mesmo que se possa criticar alguma overdose nos juros básicos — se constata o crescimento constante dos gastos públicos primários. O fato é preocupante, **ATÉ PORQUE**^E, faça-se justiça, trata-se de uma distorção herdada da gestão FH. Essas despesas, que em 1998 eram de 19,5% do PIB, chegaram a 21,6% em 2002 e este ano devem atingir 22% do PIB. Explica-se por que a carga tributária, que no início da era FH situava-se em aproximadamente 28% do PIB, atinge hoje 36%, índice asfixiante. Ou seja, o imprescindível superávit primário tem sido financiado pelo contribuinte e cortes nos investimentos públicos.” (Editorial 037)

COMENTÁRIO:

A explicativa “*até porque*” introduz uma justificativa, semelhantemente ao argumento introduzido pelo “*aliás*” da “argumentação sub-reptícia” de que fala Ingedore Koch (2000, p.33). O “até” tem a ver com o fenômeno da *escalaridade* a que se refere a Semântica Argumentativa de Ducrot e Anscombre, em que algo é “...apresentado como se fosse desnecessário...quando, na verdade, é por meio dele que se introduz um argumento decisivo, com o qual se dá o “golpe final”, resumindo ou coroando todos os demais argumentos.”

(2) “**ATÉ PORQUE^E** as CPIs continuarão a operar, será inevitável o escândalo ocupar lugar de destaque na campanha. E mesmo que as comissões já tivessem encerrado os trabalhos, há cassações a deliberar no plenário — para ajudar a manter o escândalo na agenda político-eleitoral. É natural e mesmo desejável que a ética na política — ou a falta dela — seja discutida na campanha. Como se constatou, o PSDB e o PFL também deixaram impressões digitais nos esquemas ilícitos. Um mal com essa extensão não pode ser esquecido.” (Editorial 068)

(3) “A CPI dos Correios tem mapeado a rota de abastecimento do propinoduto com dinheiro público, e o assunto será explorado sem parcimônia pela oposição. **ATÉ PORQUE^E** teve repercussões nas proximidades do presidente.” (Editorial 079)

(4) “- Nossa relação com o Minc é ótima (OPINIÃO), **ATÉ PORQUE^E** ele marchou conosco em vários momentos e é muito fácil dialogar com ele. Mas nós sabemos exatamente o que significará sentar-se naquela cadeira, seja quem for. O problema não é nome nem perfil, é a opção do governo - disse o diretor de campanhas do Greenpeace, Marcelo Furtado, após frisar que o futuro ministro será cobrado da mesma forma que Marina foi.” (Notícia 052)

(5) “Aos turistas, a festa do consumismo fica direcionada às inúmeras lojas de pashminas. Prepare-se para a arte da negociação. Em geral, o valor final é um terço do pedido pelo comerciante. Com tempo, é divertido barganhar, **ATÉ PORQUE^E** os simpáticos vendedores sabem se comunicar em inglês. Atração irresistível são as lojas de bijuterias e jóias em prata. Algumas oferecem preciosidades de antigas tribos para colecionadores. Diante da beleza de Sanaa antiga, o visitante tem o impulso de fotografar não apenas os prédios, mas a população vestida de modo tão peculiar. É preciso cuidado para não ser indelicado: a maioria das mulheres não gosta de ser fotografada, e deixa isso claro virando de costas. Algumas não se importam, mas se estão com os maridos, são eles que autorizam a foto, e se aborrecem quando os flagrantes são feitos sem permissão. Porém, sempre acabam permitindo, e até posam, se houver um cumprimento prévio e um sorriso do visitante. Já as crianças adoram ser fotografadas, e sempre correm até o viajante para conferir a imagem no visor da câmera. Elas adoram ganhar lembrancinhas, como canetas e lápis de cor. Fora da cidade antiga, Sanaa é um caos urbano.” (Notícia 078)

(6) “- A despesa maior será só com auto-escola mesmo. **PORQUE^E** (O “só” não tornou causal a conjunção, porque seu escopo é “com auto-escola”) as taxas cobradas para a habilitação, que hoje são de R\$ 155,08, serão corrigidas apenas pelos índices da inflação, cerca de 6%.” (Notícia 088)

LOTE 2 – Relação TESE-ARGUMENTO = FATO/CAUSA

pois

(1) “Esquecem que a sociedade já deu provas de não aceitar a volta da inflação, em nome do que seja. Até mesmo do crescimento, **POIS^C** a opinião pública sabe que inexistente desenvolvimento sustentado com alta de preços. Engatilha-se um tiro de fuzil no próprio pé da administração petista.” (Editorial 028)

COMENTÁRIO:

Neste contexto, “opinião pública e sociedade” funcionam como sinônimos aproximados. O fato de a sociedade saber que inexistente desenvolvimento sustentado com alta de preços é *causa* de ela não aceitar a volta da inflação, portanto da alta de preços, nem mesmo em nome do crescimento.

(2) “...ele sentia que tinha acordado com um sério caso de azar, **POIS^C** (OPINIÃO RELATADA), ao se levantar, deu uma topada no pé da cama...” (Crônica 005)

(3) “Estávamos com fome, **POIS^C** (OPINIÃO RELATADA) deixamos de almoçar...” (Crônica 006)

(4) “A Até hoje, o governo desconhece o impacto do programa, **POIS^C** (OPINIÃO RELATADA) não sabe quantos alunos efetivamente são alfabetizados. Em 1992, a taxa de analfabetismo brasileira era de 17,2%. Nesse período de 15 anos, a maior redução ocorreu no Nordeste: de 32,7% para 19,9%.” (Notícia 002)

(5) “Antes do anúncio das medidas, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva se reuniu com lideranças empresariais. Também participaram do encontro o ministro da Fazenda, Guido Mantega, e o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles. Os empresários saíram otimistas do encontro, **POIS^C**, para eles, ficou claro que o governo vai fazer o que for possível para manter o crescimento econômico do país. Segundo eles, não foram adiantadas, por Lula nem pelos seus ministros, as medidas anunciadas nesta tarde. Os empresários, contudo, reclamaram da alta taxa de juros do país, que na quarta foi mantida em 13,75% ao ano.” (Notícia 099)

porque

(1) “Há quem diga que errar é bom para aprendermos, mais a realidade dos erros é bem dura, e nós não vemos por aí ninguém feliz **PORQUE^C** (OPINIÃO RELATADA) errou.” (Dissertação 277)

(2) “Os investidores que inspiraram o projeto e convenceram a Petrobras a assumi-lo se inclinam por Itaguaí, entre outras razões, **PORQUE^C** (OPINIÃO RELATADA) acreditam que ali já existe infra-estrutura adequada para uma indústria com essas características, incluindo a proximidade com o Porto de Sepetiba.” (Editorial 002)

(3) “Venceu o prazo para mudanças na legislação eleitoral com vistas a 2006. Mas o perigo continua. E não apenas **PORQUE^C** há quem conspire para atropelar a Constituição e reabrir esse prazo. Agora, outra tese gestada no imediatismo acaba de aparecer no horizonte: a do aumento do mandato presidencial para cinco anos, sem reeleição.” (Editorial 003)

COMENTÁRIO:

O fato de o perigo continuar, apesar da conotação subjetiva (avaliativa) dessa asserção, é visto como *causa* de haver “quem conspire para atropelar a Constituição” e reabrir o prazo. O “perigo” está sendo visto pelo redator como um *fato*, ou seja, “Algo ser um perigo” está sendo tratado textualmente como um fato. Notemos que, apesar de se tratar de um editorial, esta *sequência* é narrativa.

Mas, observemos que “Venceu o prazo para mudanças na legislação eleitoral com vistas a 2006.” – sequência narrativa (mundo narrado), tanto que o verbo está no pretérito perfeito. Já em “Mas o perigo continua.” – verbo no presente (mundo comentado), mas se trata do modo descritivo de organização do discurso. Esse processo narrativo-descritivo está ligado a uma atitude discursiva de objetividade, criando “ambiente” textual para que se fale de *causalidade*. É claro que tal processo descritivo-narrativo está a serviço do argumentativo (trata-se de um editorial, gênero em que costuma predominar a argumentação), mas a forma não é de modo argumentativo de organização do discurso, daí ser causal a conjunção. Como vimos, o fato de o perigo continuar é visto pelo redator *causa* de haver “quem conspire para atropelar a Constituição” e reabrir o prazo.

(4) “...confesso que estava ali **PORQUE^C** (OPINIÃO RELATADA) gostava da companhia deles...” (Crônica 011)

(5) “Marcelo começou a caçoar de mim **PORQUE^C** (RELATO RELATADO) eu sempre era o último...” (Crônica 011)

(6) “- Na primeira vez que ele foi chamado à CPI, nosso objetivo era justamente trazer provas que permitissem a nós podermos ter elementos para a investigação feita contra o Daniel Dantas, que é acusado em outra vara criminal da prática de interceptação indevida junto com Kroll. Naquele momento, o delegado Protógenes foi muito reduzido na sua resposta **PORQUE^C** (RELATO RELATADO) muitas questões estavam sob segredo de Justiça - completou.” (Notícia 020)

(7) “- E olha que eu achava que ela tinha sido a primeira... Outra coisa que me surpreendeu foi descobrir que inconstitucionalissimamente não é a maior palavra da língua portuguesa. É apenas a décima maior. Outra é que os mexicanos bebem mais Coca-Cola do que os norte-americanos. Quem diria! - exclama Mariana. - Alzer e eu somos fanáticos por listas. Ele até já colecionava algumas, e foi quem deu a idéia de escrevermos o livro. Fiquei empolgada de cara (FATO PSICOLÓGICO), **PORQUE^C** adoro pesquisar, comparar dados, escarafunchar mesmo.” (Notícia 042)

COMENTÁRIO:

Sabemos que fenômenos físicos ou fatos propriamente ditos têm causa. Entretanto, um fato psicológico também é fato. No trecho, “adorar pesquisar” é causa de ficar empolgada.

(8) “Os pesquisadores afirmaram que os esqueletos e seu DNA estavam bem preservados **PORQUE^C** (DISCURSO RELATADO) a sepultura teria sido envolvida por argila e, posteriormente, por espessas camadas de areia e sal.” (Notícia 074)

COMENTÁRIO:

Apesar do futuro do pretérito, trata-se de causa, pois os enunciadores desse discurso são os pesquisadores, não o jornalista. Mas esses pesquisadores estão apontando a *causa* de o DNA estar bem conservado. É relato relatado, digamos assim, e não, justificativa relatada.

Só porque / Isso porque

(1) “Na igreja, com estilo romano e tijolos de barro, foram realizados casamentos, batizados. As celebrações do local ficaram na memória das pessoas da região. Mas o que o que se vê hoje é bem diferente. O prédio só está de pé **PORQUE^C** alguns andaimes sustentam a estrutura.” (Notícia 082)

COMENTÁRIO:

Novamente o vocábulo “só” contribui para que se trate de causal; parece que “só” implica factualidade.

(2) “BRASÍLIA - A reformulação das regras para os cursos de formação de condutores fez crescer de forma significativa a procura de candidatos pelas auto-escolas de Brasília nas últimas semanas do ano. Isso **PORQUE^C** a partir do dia 1 de janeiro o curso teórico, atualmente com 30 horas-aula, passará a ter 45, no mínimo. Já o curso de direção veicular, hoje com carga horária de 15 aulas de uma hora, será composto de 20 horas-aula.” (Notícia 088)

(3) “- Há uma corrida pelas auto-escolas nesta reta final do ano. Isso **PORQUE^C** os cursos de formação ficarão mais complicados.” (Notícia 088)

COMENTÁRIO:

O fato de as orações causais virem precedidas de ponto (apesar de o pronome “isso” ter vindo antes da conjunção) representa para uns um erro; para outros, uma extravagância – “desvio estilístico”. Preferimos novamente ficar com Garcia (2001, p. 86), considerando o comportamento sintático um realce de cunho discursivo.

por + infinitivo

(1) “**Por** já **ESTAREM^C** (OPINIÃO RELATADA) tão inseridos em nossa sociedade, passamos a ver os erros e os defeitos como normalidades.” (Dissertação 235)

(2) “Um erro, ou um defeito pode ter uma grande influência na vida de uma pessoa, como o cidadão que por necessidade assaltou um loja e foi preso, como o rapaz que teve relações sexuais com a menina e a engravidou, **POR não TER^C** (OPINIÃO RELATADA) se protegido, a garota que se alcolizou e acabou tendo um coma alcólico.” (Dissertação 276)

(3) “À medida que tramita o lote inicial de indicações para cassação formuladas pelas CPIs dos Correios e do Mensalão, é previsível que aumentem as pressões para a retirada de nomes da lista. O primeiro teste foi a passagem da relação de 13 deputados pela Corregedoria da Câmara. **POR ELA ESTAR^C** sob controle de um seguidor de Severino Cavalcanti, o deputado Ciro Nogueira, do PP piauiense, justificava-se o temor quanto ao destino que teria o relatório. Por pressão da opinião pública^C, o lobby do perdão prévio foi contido e o parecer pela manutenção do texto recebido das CPIs saiu vitorioso, mesmo que por apenas um voto.” (Editorial 031)

COMENTÁRIO:

Parafrazeando o trecho "...relação de 13 deputados pela Corregedoria da Câmara. **POR ELA ESTAR^C** sob controle de um seguidor de Severino Cavalcanti... justificava-se o temor quanto ao destino que teria o relatório.": Por a relação dos 13 deputados estar sob controle de um seguidor de Severino, justificava-se o temor quanto ao destino que teria o relatório. Ou seja, o fato de a relação dos 13 estar sob controle de um seguidor de Severino é causa de o temor quanto ao destino do relatório se justificar. Não é causa de o redator dizer que esse temor é justificável.

(4) "Não resta portanto outro caminho ao governo do que contestar. Mesmo que não fosse por razões fiscais, a decisão do Congresso deveria ser repelida **POR IR CONTRA^C** a ética pública." (Editorial 041)

(5) "O balanço de quase dois meses da crise política instalada pelas denúncias do deputado Roberto Jefferson demonstra que o ex-aliado do governo sabia do que falava. O mensalão existia e a cúpula do PT caiu, **POR ESTAR^C** envolvida no propinoduto montado por Delúbio Soares e Marcos Valério. O ex-ministro José Dirceu é candidato incontestável a novo alvo da evolução dos acontecimentos, mas as suspeitas sobre a participação do presidente Lula no caso não têm passado de suposições." (Editorial 055)

(6) "De repente, sua esposa sente dores de parto e sua bolsa estoura, **POR** ela **TER^C** (OPINIÃO RELATADA) pressão alta..." (Crônica 007)

(7) "...o capataz, sem piedade, chicoteou Kangalê **POR TER^C** (OPINIÃO RELATADA) parado de trabalhar." (Crônica 009)

(8) "...e, **POR ESTAR^C** (CAUSA DE FATO PSICOLÓGICO = FATO) com medo, não tive noção da minha força..." (Crônica 011)

(9) "...carregar a culpa **POR TER CAUSADO^C** (CAUSA DE FATO PSICOLÓGICO = FATO) sua morte é ainda pior." (Crônica 011)

(10) "CARACAS - O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, informou na terça-feira que demitiu o cônsul venezuelano em Houston **POR VIOLAR^C** (OPINIÃO RELATADA) regras ao abrir novos escritórios. A manobra deve colocar ponto final em uma polêmica surgida depois de os EUA terem reclamado da atitude do diplomata." (Notícia 008)

(11) “O presidente expulsou o embaixador americano da Venezuela em setembro. Desta vez, Chávez evitou alimentar a tensão, culpando o cônsul **POR AGIR**^C (OPINIÃO RELATADA) sem ter recebido autorização formal nem mesmo da Embaixada da Venezuela em Washington.” (Notícia 008)

COMENTÁRIO:

Trata-se de um uso especial da preposição, a serviço da regência do verbo “culpar”: culpar alguém por alguma coisa.

(12) “TAIPEI - O ex-presidente de Taiwan Chen Shui-bian, de 58 anos, foi preso nesta terça-feira sob denúncias de envolvimento com corrupção, enriquecimento ilícito e lavagem de dinheiro. Depois de mais de seis horas de depoimento, o ex-presidente foi detido para evitar, segundo a promotoria, que "conspire com outros acusados para ocultar provas". Conhecido **POR DEFENDER**^C (OPINIÃO RELATADA) a independência da ilha em relação à China, Chen, que governou Taiwan de 2000 a 2008, reconheceu em agosto deste ano que enviou ao exterior milhões de dólares depositados em contas bancárias de parentes. O dinheiro seria procedente, segundo ele, de doações políticas não declaradas.” (Notícia 009)

COMENTÁRIO:

Trata-se de um uso especial da preposição, a serviço da regência do particípio “conhecido”, com valor de adjetivo: *Fulano é conhecido por suas trapalhadas; A Joana é conhecida por não pagar a gente viva etc.*

(13) “Além de Jackson, outras pessoas criticaram Obama **POR ABORDAR**^C a questão dos pais ausentes em muitas famílias negras e pedir aos homens negros que se envolvam mais com suas famílias.” (Notícia 061)

(14) "Dou graças a Deus por este momento tão belo e agradeço a todos vocês **POR COMPARTILHÁ-LO**^C conosco. Estes são meus filhinhos, meu orgulho, minha razão de viver, minha luz, minha lua, minhas estrelas", disse Ingrid com a voz embargada pelo choro.” (Notícia 062)

COMENTÁRIO:

As construções “*criticar alguém*” e “*agradecer alguém*” por fazer alguma coisa tem valor causal. A ressalva é: se não se trata de uma fórmula de regência, é algo próximo. Para uma fórmula desse tipo ser de regência, é preciso que esteja devidamente “solidificada” como tal. Logo, temos um caso especial da preposição *por* + infinitivo, com razoável grau de “soldamento”.

(15) “O ministro não participou da luta armada, mas foi preso **POR PERTENCER^C** ao Partido Comunista do Brasil, o antigo Partidão, e **ATUAR^C** como advogado na defesa de amigos perseguidos pelo regime. Detido no governo Médici, passou uma semana nas dependências do DOI-Codi em São Paulo.” (Notícia 092)

como

(1) “As duas sondagens colocam pela primeira vez Serra à frente de Lula já no primeiro turno. Mas também retratam o fortalecimento do governador paulista Geraldo Alckmin, que nas duas pesquisas deu um salto de seis pontos. **COMO^C** tem grande potencial de crescimento, por ser^C pouco conhecido fora de São Paulo, ele aumentou o cacife na disputa interna tucana.” (Editorial 011)

COMENTÁRIO:

Observamos que o fato de “se ter grande potencial de crescimento” é visto como um fato. Ou seja, temos uma chamada *visão factual particularizante* (Oliveira, 2001b, p. 74). A seguir, o fato de “ser pouco conhecido fora de São Paulo” é uma opinião relatada, que funciona também como fato-causa.

(2) “Graças ao excelente desempenho das exportações brasileiras, a balança comercial do país tem registrado saldos elevados, gerando um excedente de dólares que em parte tem sido comprado pelo Banco Central no mercado para reforçar as reservas cambiais. **COMO^C** (FATO-CAUSA) as reservas cambiais já estão em patamar suficiente para reduzir a percepção de risco da economia brasileira, o Tesouro Nacional e o Banco Central resolveram agora recomprar títulos da dívida externa brasileira que venceriam até 2010, numa operação de até US\$ 20 bilhões. É uma decisão acertada, **pois^E** além de reduzir a dívida pública externa, pode contribuir para uma diminuição dos juros no Brasil.” (Editorial 086)

(3) “**COMO^C** (FATO-CAUSA) iria pagar na próxima semana, ele anotou no espelho...” (Crônica 008)

(4) “...**COMO^C** (FATO-CAUSA) a “mijada” sempre desce a escada, por falta de culpado, agasalha-se o mais moderno.” (Crônica 010)

(5) “...**COMO^C** (FATO-CAUSA) o ar-condicionado não estava funcionando direito e as janelas são lacradas, não deu para liberar o cheiro insuportável...” (Crônica 012)

(6) “Hoje é um dia especial para a comunidade da Urca. Armando Gomes (foto) está completando 92 anos. Para quem não ligou o nome à pessoa, trata-se do seu Gomes, proprietário do Bar Urca. Cheio de atividade, seu Gomes ainda carrega o título de comerciante mais antigo da cidade do Rio de Janeiro. Este português chegou ao Brasil com 2 anos e está há 78 anos à frente de um balcão. Sendo que desde 1939 no da casa de número 205 da Rua Cândido Gaffrée. **Como^C** (FATO-CAUSA) não pára de trabalhar, o comerciante comemorou a sua festa de aniversário lançando mais um quitute no cardápio do restaurante, a casquinha de frutos do mar. Com um detalhe: a casquinha é comestível. Parabéns ao seu Gomes.” (Notícia 035)

(7) “Na época, a unidade era comandada pelo coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, que no mês passado foi declarado responsável por crimes de tortura pelo juiz Gustavo Santini Teodoro, da 23ª Vara Cível da capital paulista. **COMO^C** a sentença foi apenas declaratória, o militar continua solto.” (Notícia 092)

COMENTÁRIO:

Apesar de ter assumido valor causal, em todas as ocorrências, acreditamos que se trata de um caso especial: talvez seja explicativo somente com assertivas.

* *por* + sintagma nominal (valor causal)

“A Semana da Crítica é a mais antiga mostra paralela do Festival de Cannes e tem como vocação descobrir novos talentos. **POR ESTE MOTIVO^C** (também foi encontrada a variante *por esse motivo* (Notícia 070), seleciona apenas filmes de estréia ou no máximo as segundas obras de cineastas.” (Notícia 040)

COMENTÁRIO:

Observando o *grau de soldamento* (vide p. 19) dessa expressão (uma outra forma de exprimir *causalidade*, um equivalente de *por isso*), bem como de outras expressões encontradas nos *corpora* (por exemplo, na sequência “_ Eu fui fazer teste de natação e **POR ISSO^C** me atrasei.” (Crônica 064), em que a expressão *por isso* é antecedida pela conjunção “e” (a razão do baixo grau de soldamento), não nos permitindo dizer que se trata de locuções conjuntivas. Sendo assim, insistimos em dizer que, nos casos apresentados (assim como ocorre com *tendo em vista*, *haja vista...*), são *expressões* de valores específicos de explicação e de causa, já que as palavras que as constituem conservam sua independência morfossintática e semântica.

É interessante também não esquecermos que o núcleo do sintagma nominal *por este motivo* (equivalente de *por isso*, um caso fronteiro entre conjunção e preposição + pronome) é precisamente a palavra *motivo*, sinônimo aproximado de *causa*, fato que o torna relevante nesta pesquisa.

3.2 A ausência de conectivos causais e explicativos

Uma vez comprovada a correlação entre os modos narrativo e argumentativo do discurso e a causalidade (*lato sensu*), uma categoria fortemente associada à racionalidade, seria natural encontrarmos pelo menos uma ocorrência de conectivos causais e explicativos em cada texto dos *corpora* em análise.

Entretanto, verificamos que, em alguns deles, independente do subgênero em questão, não foi empregado nenhum conectivo pertencente a tais valores semânticos. Concomitante à ausência desses conectivos, evidenciamos tanto um alto grau de subjetividade e de maior engajamento (no caso dos *editoriais*, das *dissertações de vestibular* e das *crônicas*), quanto uma postura de aparente não engajamento (nas *notícias*), se compararmos os relatos e as exposições que constituem os respectivos textos.

Como observam Silva et al (2006), no que concerne aos gêneros textuais dos *corpora* maduros:

...a notícia busca, simplesmente, **convencer o leitor de que um determinado fato é verídico e, com isso, a estratégia argumentativa mais usada é aquela tratada por Charaudeau como lógica (causal)**. Já o editorial estabelece uma relação de explicação, pois tem como **objetivo central persuadir/seduzir o leitor através da exposição de idéias** (grifo nosso).

Charaudeau acrescenta, ao relacionar categorias do discurso e tipos de textos: “...os textos de imprensa – embora seja necessário fazer uma distinção por gênero – utilizam principalmente o descritivo e o narrativo, vindo o argumentativo somente em contra-ponto (sic) (2008, p. 208)”. Um pouco antes, ressaltou:

É claro que o sujeito argumentante, apesar da consciência da relatividade da verdade, continua a fazer o jogo do verdadeiro e da universalidade das explicações, e isso porque seu engajamento em face dessa verdade depende do olhar de um outro (op. cit. p. 206).

Também

Admitimos que argumentar é uma atividade que inclui numerosos procedimentos, mas o que distingue esses procedimentos daqueles de outros modos de discurso é precisamente o fato de que se inscrevem numa *finalidade racionalizante* e fazem o jogo do raciocínio que é marcado por uma lógica e um *princípio de não-contradição*. Os procedimentos de outros modos (Descritivo, Narrativo) se inscrevem numa *finalidade descritiva e mimética* das percepções do mundo e das ações humanas (op. cit. p. 207).

Há gêneros textuais em que o predomínio da objetividade, no caso das notícias e das crônicas, é esperado. Em outros, um discurso mais subjetivo, como nos editoriais e nas dissertações de vestibular. Mas, quer pelo uso, quer pela omissão, recursos expressivos da língua, estratégias argumentativas e construções textuais podem ser notificados, como um retrato do sujeito da enunciação. Não podemos esquecer que a linguagem é, por natureza, subjetiva.

Portanto, arriscamos dizer que essa falta de “conjunções” causais e/ou explicativas, por exemplo, nas *crônicas* (076, 079, 086, 088, 097, etc.), nas *notícias* (012, 013, 016, 057, 067, etc.), nas *dissertações de vestibular* (212, 215, 218, 221, 231, etc.) e nos *editoriais* (015, 018, 039, 042, 071, etc.) tem a ver com a administração da própria imagem de cada enunciador.

Informamos que tais textos estão disponíveis no final deste trabalho, em caráter de amostragem: (A) – **corpus** imaturo *Dissertação de Vestibular*; (B) – **corpus** maduro *Editorial*; (C) – **corpus** imaturo *Crônica*; (D) – **corpus** maduro *Notícia*. Foram anexados na amostragem de textos, em ordem numérica, entre os quais, ao contrário, há pelo menos um conectivo causal ou explicativo.

4 PRÁTICA LINGUÍSTICA

Antunes, ao falar da abordagem gramatical, destaca que os “...princípios que fundamentam uma compreensão funcional e discursiva da gramática tem, também, as suas implicações pedagógicas (2003, p. 96-99)”.

Sugere que levemos para a sala de aula uma gramática que seja relevante, funcional, contextualizada, que desperte interesse, que prestigie mais de uma norma e que represente o uso.

Garcia também nos alerta para esse fato, uma vez que

A experiência nos ensina que os defeitos mais comuns revelados pelas redações de colegiais resultam, na maioria das vezes, de uma estruturação inadequada da frase por incapacidade de estabelecerem as legítimas relações entre as idéias. Quando se restringem a períodos coordenados, as falhas são menos graves, mas a coordenação...nem sempre é o processo sintático que mais convém adotar. Mesmo nas situações simples, temos de recorrer com freqüência ao processo de subordinação. Ora, é exatamente aí que os principiantes atropelam as palavras e desfiguram as mútuas relações que elas entre si devem manter (2003, p. 75).

Por essa razão, sem que anulemos a validade do conhecimento sistêmico da língua, formulamos esse estudo dos conectivos causais e explicativos, apresentando nossa contribuição aos trabalhos de todos aqueles que defendem a reflexão, o domínio e a produção linguístico-discursiva em língua materna.

4.1 A ótica discursiva, a tradição escolar e o livro didático

Geraldi ressalta que “O ensino tradicional de língua portuguesa investiu, erroneamente, no conhecimento da descrição da língua, supondo que a partir deste conhecimento cada um de nós melhoraria seu desempenho no uso da língua” (2002, p. 71).

Atualmente, a LDB determina que o Ensino Médio constitui a etapa final da Educação Básica...Propõe-se,...formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular idéias, em vez do simples exercício de memorização. Com relação à disciplina “Língua Portuguesa” algumas considerações específicas devem ser realizadas. O estudo da língua materna aponta para uma reflexão sobre o seu uso na vida e na sociedade. Cabe, então, à escola promover a ampliação progressiva do conhecimento trazido pelo educando, a fim de que este se torne capaz de interpretar os diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes –

orais e escritos – nas mais variadas situações...Daí, as práticas lingüísticas devem partir da competência, do desempenho dos alunos até aquele momento para permitir a conquista de novas habilidades – particularmente daquelas associadas aos padrões da escrita –, sempre considerando que a razão de ser das propostas de uso da fala e da escrita é a interlocução efetiva...Sendo a finalidade da escola levar o falante a interagir através da linguagem – o que significa realizar uma atividade discursiva –, é imprescindível que ele tenha consciência de que, na troca verbal, diz-se algo a alguém, de uma determinada forma, em um determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. Assim, um discurso manifesta-se lingüisticamente por meio de textos, que, por sua vez, pertencem a categorias, a gêneros do discurso, cuja produção vincula-se às intenções comunicativas, gerando usos sociais que os determinam...Devemos, inclusive, ter em mente que, em relação a textos escritos, a escola constitui, para muitos alunos, o único lugar onde a eles os educandos têm acesso. Por isso, as atividades escolares devem oferecer-lhes uma rica convivência com a diversidade de textos que caracterizam as práticas sociais, privilegiando gêneros que aparecem com maior freqüência na realidade social e no universo escolar. Enfim, o ensino de Língua Portuguesa deve visar a um saber lingüístico amplo, tendo a comunicação como base das ações (GAVAZZI & EDUARDO, (2005a, p. 83-85).

Antunes, tratando de questões gramaticais de relevância não só para a compreensão do funcionamento da língua em textos, mas também para a produção deles, menciona a importância de palavras e expressões relacionais:

...marcam o encadeamento entre partes do texto, sejam orações, períodos, parágrafos, que expressam algum tipo de relação semântica entre essas partes de texto. Tais relações podem ser de **causa**, de tempo, de condição, de oposição, de adição, entre outras, e vão sinalizando a direção que se pretende dar para o que se diz. O reconhecimento dessas relações e de sua função (lógica, argumentativa, discursiva) no texto constitui um saber de mais alta relevância para administrar as possibilidades de organização do texto. São elementos sinalizadores – pistas – para irmos encontrando a direção argumentativa, inclusive do texto. Esse saber seria bem mais útil que, simplesmente, saber dizer se a conjunção é coordenativa ou subordinativa... (op. cit., p. 133).

Travaglia, com base na proposta garciana de sempre partirmos “...da noção para a expressão, e não em sentido inverso... (GARCIA, 2003, p. 75)”, sugere-nos que

...por exemplo, pode-se promover o estudo dos recursos disponíveis na língua para expressar: quantidade..., tempo, comparação, ordem, desejo, **justificativa/explicação** e **causalidade no sentido restrito** (acréscimo nosso), a relação causa-conseqüência, oposição (contrajunção), disjunção (alternância), conjunção (adição), intensidade, ênfase, **modalidades (certeza, ordem, possibilidade, obrigação, dúvida, necessidade, volição etc.)**, **expressão de informação nova e informação velha (dada)**... grifo nosso)...Também aqui cada tópico pode ser abordado por meio de atividades de “gramática de uso”, “gramática reflexiva”, “gramática teórica” e “gramática normativa”; todavia, como o que está em jogo é a instrução de sentido, nossa sugestão é que as atividades sejam sobretudo de gramática reflexiva, com alguns elementos de normativa, quando for o caso e de gramática de uso. (2003, p. 96-97).

Segundo Dias, convivemos atualmente com

duas tendências no tratamento das classes gramaticais em livros didáticos. Alguns livros, de linha mais conservadora, especificam a temática das classes de palavras, mesmo que associada a estudo de um texto. Outros, de linha inovadora, não especificam os tópicos relativos às classes gramaticais. Nestes, a gramática só aparece nos exercícios, muitas vezes sem mesmo a informação de que naquele momento uma palavra está sendo abordada no seu aspecto gramatical. (DIAS, in DIONÍSIO & BEZERRA, 2003, p. 126).

Em se tratando dessas duas tendências, veremos, a seguir, em linhas gerais, uma exposição acerca de como têm sido abordados didaticamente os conectivos causais e os explicativos.

4.1.1 Como os livros didáticos lidam com as noções de causalidade e de explicação

Conforme registram Oliveira & Monnerat,

Na análise das conjunções, tem sido prática pedagógica constante o estudo desses conectivos em listas, por ordem alfabética, o que, na verdade, leva à simples “decoreba”, sem que sejam focalizados os traços lingüisticamente relevantes no estudo dessas formas lingüísticas. Assim, separam-se as orações em coordenadas e subordinadas, sendo que as coordenadas sindéticas e as subordinadas adverbiais são nomeadas e acordo com a conjunção que as encabeça. Esse tipo de trabalho tem sido criticado, recentemente, por professores e lingüistas preocupados com um ensino mais produtivo de língua materna, capaz de formar competentes alunos-produtores de textos. Em outras palavras, alunos que, nessa situação específica, possam refletir sobre as possibilidades semântico-discursivas das marcas lingüísticas que deverão utilizar. Os parâmetros Curriculares Nacionais também apontam para um estudo de língua mais afinado com os pressupostos da Análise do Discurso e da Lingüística Textual, quando, por exemplo, no tópico “Prática de análise lingüística”, se referem à “análise de marcas lingüísticas específicas”, características, muitas vezes, de determinados gêneros textuais, dentre os quais são destacados os marcadores temporais, os operadores lógicos, os operadores argumentativos etc (2005, p. 90).

Ratificamos, quase na totalidade dos livros didáticos analisados, uma abordagem ainda bastante tradicional quanto às noções de causalidade e de explicação, começando pelo fato de que tais conceitos até se confundem. No caso do primeiro, geralmente é focado no sentido amplo; o segundo, tomado como sinônimo perfeito do primeiro (causa/motivo/razão).

Destacamos também que a exposição teórica e as atividades propostas geralmente supervalorizam terminologias e classificações sintáticas. Até se intitulam “Gramática no texto”, “Gramática textual”, “A língua em foco”, “Construindo o conceito”, “As orações coordenadas na construção do texto”, “As orações subordinadas na construção do texto”, “Semântica e discurso”, “A conjunção na

construção do texto”, etc. Mas, o que vemos é, além dos equívocos e das imprecisões conceituais, a repetição de uma prática linguística que prima pelo reconhecimento e pela memorização de terminologias. Pois

...há que se observar que o título de “gramática textual” não condiz com o tipo de atividade proposta nos exercícios, que, como vimos, está toda fundamentada numa gramática de frase. Um título como esse pode seduzir pela novidade que aponta: uma integração entre texto e gramática. Mas isso não se efetiva. Defendemos a posição segundo a qual cabe ao livro didático até ir além da própria gramática tradicional para oferecer ao aluno uma visão ampla do fenômeno gramatical. Certamente conceitos como referência e designação, empregados no estudo do substantivo, alcançariam um maior nível de abstração e aprofundamento num livro de lingüística. Além disso, eles adquirem aspectos específicos em diferentes teorias semânticas. Mas acreditamos que há um nível de exploração da gramática adequado para levarmos ao aluno do nível de ensino fundamental **e médio** – acréscimo nosso (DIAS, in DIONÍSIO & BEZERRA, 2003, p. 135).

Por causa disso, na introdução desta pesquisa, sugerimos que, para o ensino produtivo das noções de causalidade e de explicação e suas relações com os modos narrativo e argumentativo de organização do discurso, promovamos a construção de alguns conceitos correlatos.

Em alguns poucos encontramos a correlação das conjunções com a produção de texto, com a articulação das ideias, de modo que o estudo dos conectivos esteja a serviço da construção da coerência e da coesão textual. Todavia, ainda muito preso ao nível oracional: “As conjunções são responsáveis por relações entre as orações: de tempo (**quando**), causa (**porque**), inclusão (**mas...também**), in TERRA & CAVALLETE, 2006, p. 139, 8º ano.

Destacamos a apresentação da conjunção porque meramente como causal (sentido amplo), não só na obra supramencionada: AMARAL, 2005; CEREJA & MAGALHÃES, 1998a, 1998b; TERRA & CAVALLETE, 2005; MESQUITA, 2007; CARVALHO, 2006; FERREIRA, 2007; PASCHOALIN & SPADOTO, 2008; PASQUALE, 2008; etc., sendo que também aparece como tradutora de explicação, quase sempre não se definindo o contexto para distingui-la entre um emprego e outro.

Dentre as “incoerências”: os conectivos que, *já que*, *visto que* e *uma vez que* sempre citados como causais; o *pois*, nunca causal; a indicação de uso da conjunção *pois que/posto que* como causais; etc. Isso não significa que não tenhamos encontrado enfoques interessantes, e por que não dizer produtivos,

funcionais: a correlação entre textos narrativos e as conjunções que expressam tempo, finalidade, causa, consequência; a correlação entre textos argumentativos, chamados dissertativos, e as conjunções por meio das quais expressamos contraste e oposição; a correlação entre as conjunções coordenadas sindéticas e os textos narrativos e dissertativos: as aditivas, com predomínio no modo narrativo de organização do discurso, e as adversativas, conclusivas, alternativas e explicativas, com predomínio no modo argumentativo; a correlação entre as conjunções subordinadas adverbiais e os textos narrativos e dissertativos: principalmente as tradutoras de tempo, causa, consequência e as demais, que funcionam como operadores lógicos e argumentativos; alerta (sem desconsiderar as atividades de memorização) para o fato de que mais importante do que saber classificar uma oração de acordo com o valor semântico da conjunção por que é introduzida, quer coordenada quer subordinada, é perceber o seu sentido lógico, enunciativo, discursivo, argumentativo, pragmático, ideológico, etc.; a proposta de desenvolvimento de habilidades de leitura (com repercussão na escrita) e suas operações: justificação e conclusão, explicação e demonstração, etc.

Juntamente com Travaglia,

Parece que todos estão de acordo com a proposição de que o objetivo maior do ensino de Língua Portuguesa, como língua materna, no Ensino Médio e Fundamental, é a formação de usuários competentes da língua, capazes de, em situações específicas de interação comunicativa, produzir textos (orais e/ou escritos) que sejam adequados à produção de determinados efeitos de sentido para a consecução de dada intenção/objetivo específico de comunicação; e, ao mesmo tempo, capazes de compreender textos...que recebem, estabelecendo/percebendo sentido(s) adequado(s) à forma como cada texto se apresenta construído, ao contexto sócio-histórico-ideológico e à situação imediata de comunicação em que ele está sendo utilizado como meio ou instrumento para a comunicação (2003, p. 96-97).

Vários estudiosos da língua merecem destaque por suas contribuições ao estudo de conectivos, assuntos afins e o ensino produtivo de português: Garcia (2003), Koch (1992), Travaglia (1996, 2003), Guimarães (1987), Ilari (1985), Antunes (2003, 2007), Clemente & Kirst (1992), Fávero (1992), Oliveira (2001b, 1996), Oliveira & Monnerat (2005b), Oliveira et. al. (2001a), Silva et. al. (2006), etc.

Quanto à relação estabelecida entre os conectivos e a prática da produção de textos, ressaltamos as reflexões e propostas de cunho didático dos seguintes autores: Garcia (2003), Abreu (2001, principalmente o capítulo Articulação sintática do texto – Uso dos operadores argumentativos), Koch (1992), Val (1999), Oliveira

(1996, 2001b), Oliveira et. al. (2001a) e Oliveira & Monnerat (2005b).

São muitas as iniciativas ou propostas que visam à dimensão semântica, textual ou discursiva. Como Mendonça,

Acreditamos que, tomando-se a língua como discurso, os recursos gramaticais assumem a função de elementos que contribuem para o estabelecimento das relações de sentido em um texto a partir das intenções de falantes situados em determinado contexto social. Assim, a sistematização de aspectos gramaticais por meio da reflexão metalingüística adquire um valor essencial: contribuir para a percepção do modo como os elementos lingüísticos são selecionados e combinados no processo de textualização (seja na leitura, seja na produção). Isso significa situar os tópicos gramaticais na perspectiva não só formal ou normativa, mas semântico-pragmática do funcionamento textual (in DIONÍSIO & BEZERRA, 2003, p. 126).

4.2 Uso inadequado de conectivos em redações

No clássico sobre produção textual, *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar.*, Garcia (2003, 301 seq.) afirma que escrever com eficácia só será possível com o exercício do raciocínio, do espírito de observação dos fatos e do aprender a pensar. Assim, em termos lógicos, faz-se necessário: 1. validarmos nossas declarações; 2. apresentarmos inferências plausíveis e comprováveis; 3. raciocinar de forma tanto indutiva quanto dedutiva. Mas,

Nas aulas de Língua Portuguesa, muitas vezes, ao corrigirmos os textos dos alunos, percebemos que, eles confundem “causa” e “conseqüência” (relação semântica aparentemente simples) pelo fato de essa relação poder ser veiculada através de diferentes tipos de estruturas lingüísticas e de poder vir introduzida por uma grande variedade de conjunções...O estudo de conectivos, segundo essa perspectiva (semântico-discursiva), sobre ser mais operacional, contribui, também...para uma prática lingüística mais produtiva, por ser mais reflexiva, levando os alunos a perceberem, efetivamente, a razão de suas escolhas nos textos produzidos (Oliveira & Monnerat, 2005, p. 92, 97).

Carone, ao tratar das confusões entre a **causalidade** (sentido restrito) e a **explicação** implicando uso indevido em redações, exatamente por causa desse cruzamento, cita o caso do *pois que*, assim como outras conjunções, está “...migrando de uma área **semântica, como acontece com o posto que** (acréscimo nosso) para outra, em sentido inverso (2001, p. 74)”. E acrescenta:

A conjunção *pois*, que se define, em todas as provas lembradas por Vogt..., como nitidamente explicativa, é muitas vezes usada como causal... Que fazer? “Corrigir” o texto? Não. Aceitar simplesmente um fato da língua, cuja força maior que a nossa: migração das conjunções, que um dia poderá completar-se, admitindo até a inversão da ordem das orações. O que importa é não perder de vista o arranjo dos pares functivos e a nova carga lógico-semântica que as conjunções vão assumindo no campo que invadem. A concessiva *posto que* não está sendo usada como causal? E

não é verdade que *porém*, tão fortemente adversativa, um dia já foi causal na vida?¹⁰

Visão vogtiniana à parte, ficamos com a ótica discursiva de Oliveira, começando pelo critério básico de distinção entre *pois* que é explicativo ou causal, do que é conclusivo:

A conjunção *pois* é **conclusiva** quando vem no meio ou no final da oração, contexto em que significa “portanto”. No início da oração, significa “porque” e é **explicativa** ou **causal**. Exemplo: *O André não toca nenhum instrumento; a única atividade possível para ele na banda é, pois, tocar tambor.* = “...a única atividade possível para ele na banda é, portanto, tocar tambor”. *A única atividade possível para o André na banda é tocar tambor, pois ele não toca nenhum instrumento.* = “...porque ele não toca nenhum instrumento”...Na argumentação...as conjunções explicativas introduzem argumentos e as conclusivas introduzem teses. Por isso podemos reescrever “*O André não toca nenhum instrumento, portanto a única atividade possível para ele é tocar tambor*” como “*A única atividade possível para o André é tocar tambor, porque ele não toca nenhum instrumento*”, ou seja, a seqüência “TESE porque ARGUMENTO” pode ser parafraseada, como vimos, como “ARGUMENTO portanto TESE”, entendendo-se que *porque* e *portanto* nessas fórmulas representam respectivamente as conjunções explicativas (*sic*) e conclusivas em geral (2001b, p. 78).

Vimos que há uma evidente relação das noções de **causalidade** e de **explicação** associadas à **narração** e à **argumentação**, respectivamente. Portanto, ao serem apresentados os aspectos referentes a essas composições, julgamos necessário enfatizar a diversidade no uso de elementos linguístico-discursivos para a constituição de estruturas causais e explicativas. Principalmente porque devemos sempre buscar uma produção textual de qualidade e elegância. Dessa forma, não apenas seriam observados aspectos estruturais, mas também temáticos, estilísticos, discursivos, situacionais. Não podemos esquecer aqueles relacionados com a textualidade: **coerência, coesão, não contradição, adequação vocabular, progressão textual, concisão e clareza**.

Existem muitas outras orientações (para alguns autores, conselhos) a fim de que alcancemos um certo nível de produção. Por exemplo, evitar: o emprego excessivo do *que*, o chamado *queísmo*; a repetição indevida de palavras; a repetição de palavras com as mesmas terminações muito próximas umas das outras, produzindo o chamado *eco*, a dupla adversativa, etc.

¹⁰ Fato que se assemelha a cruzamentos semântico-argumentativos que ocorreram, por exemplo, com o *mas*, cf. artigo *De “magis” a mas: uma hipótese semântica* (Vogt, 1980, p. 103-128) que, por ter relação com mais, compara; por se relacionar com o só, restringe, seguindo outro destino, de acordo com anotações oliveirianas: “O cabrito mais a onça”.

Quanto aos modos de organização do discurso em evidência neste trabalho, o narrativo e o argumentativo, a orientação dos PCN para o ensino de produção de texto e as tendências presentes no livro didático de português, destacamos alguns aspectos.

Primeiramente, que o rompimento da tendência que associava o domínio de regras gramaticais à proficiência na escrita foi positivo em parte, haja vista que nem sempre “escrever corretamente significa escrever bem”. Todavia, acreditamos que a gramática sustenta o texto.

... não estamos propondo um “nunca mais” à gramática, mas um estudo amplo e variado, adequado ao propósito imediato que se tem em mente, a **competência comunicativa** do aluno, isto é, a sua capacidade de usar cada vez mais recursos da língua de forma adequada a cada situação de interação comunicativa, realizando-se, então, a chamada “educação linguística”... (Oliveira & Monnerat, op. cit., p. 100).

Em relação à abordagem redacional encontrada nos livros didáticos que tomamos como referência, observamos que, em geral e dentre outras coisas, adotam a tipologia de base clássica

...da narração, descrição, e argumentação, que, dentro do panorama das discussões atuais sobre tipologias de textos, representam simples características estruturais de seqüências textuais que podem figurar nos diversos gêneros de texto. Essa apresentação das seqüências como se fossem gêneros é responsável pelo surgimento de um gênero específico, de existência restrita ao âmbito da escola – a redação escolar –, desvinculada, portanto, das práticas sociais de linguagem. A orientação consta basicamente dos temas presentes nos textos das unidades e da explicitação das características lingüísticas das seqüências presentes em fragmentos de textos. As instruções introduzem e conceituam, gradativamente, as diferentes estruturas textuais e os elementos que as integram. Com efeito, narração, descrição, diálogo e dissertação/argumentação ocupam grande parte das atividades de produção... (REINALDO, in DIONÍSIO & BEZERRA, op. cit., p. 97).

Oliveira, ratificando o trinômio da tradição escolar, explicita que, enquanto o narrativo significa seqüência de fatos,

O termo **dissertação** tem para o professor de Português o significado de “seqüência de opiniões”. Para os professores das demais disciplinas, dissertar sobre um item do conteúdo programático é discorrer sobre ele. Numa prova, por exemplo, “questão dissertativa” é aquela em que se espera do estudante que produza um pequeno texto. Isso levou alguns autores a falar em dois tipos de dissertação, a argumentativa e a expositiva, o que elevaria para quatro os tipos textuais... (op. cit., p. 33).

Como registra Charaudeau, sobre a prática do modo narrativo,

Por um lado, este modo é objeto, sob diversas formas, de numerosos estudos teóricos, desde as antigas correntes da crítica literária até as correntes modernas da semiótica da narrativa. Por outro lado, uma longa tradição escolar, que persiste na didática moderna, fez dele seu principal objeto de ensino...trata esse objeto

essencialmente de três maneiras: a) por uma **prática de exercícios** que consiste em redigir, sob forma escrita e numa situação de comunicação não autêntica, um texto que é concebido para *descrever* ou *contar* acontecimentos... b) por uma **classificação de textos** ditos narrativos, tomada de empréstimo aos gêneros da história literária, gêneros que, como se sabe, se apóiam em critérios de ordens diferentes (tanto de forma quanto de conteúdo) ...c) por uma **pedagogia da explicação de texto** que constrói um discurso argumentativo sobre uma narrativa literária (ou qualquer outra forma literária), discurso para o qual se exigem qualidades de estilo (quase literárias). Além do mais, essa explicação deve tratar, ao mesmo tempo, da forma e do conteúdo. Há aí uma mistura de tipos de atividades discursivas, em virtude da situação particular do exercício, pois este não faz diferença entre *categorias de língua*, *categorias de discurso* e *situação de comunicação* (CHARAUDEAU, 2008, p. 151-152).

Acerca da produção de cunho argumentativo, Charaudeau ressalta que

A tradição escolar nunca esteve muito à vontade com essa atividade da linguagem (a argumentação), em contraste com o forte desenvolvimento do Narrativo e do Descritivo. Se as *instruções oficiais* recomendam que se desenvolvam as capacidades de raciocínio dos alunos, nada é dito sobre o modo de se chegar a isso (op. cit., p. 201).

Um último aspecto que gostaríamos de destacar tem a ver com a omissão da visão processual de escrita que predomina na maioria dos livros didáticos, cujo precursor é Garcia. Ele já previa a necessidade de serem cumpridas etapas de elaboração textual:

Comece o aluno por fazer, mais o menos a esmo, uma lista das idéias que lhe forem ocorrendo. É o estágio preliminar da análise ou divisão. Em seguida, procure arrumar essas idéias em ordem adequada, de acordo com as afinidades comuns, pondo no mesmo grupo as que se coordenam, e subordinando-as a um termo de sentido mais amplo... No decorrer da redação do texto e como consequência de imprevistas associações de idéias, podem impor-se novas alterações nesse plano primitivo, plano rascunho ou plano provisório, que, servindo, preliminarmente, apenas ao autor, não deve ser considerado como um leito de Procusto, como um molde rígido, mas sim como um roteiro maleável, remanipulável, sujeito a acomodações e reajustamentos ao texto... É certo que a elaboração do plano...toma algum tempo; mas não é tempo perdido... (GARCIA, 2003, p. 363 seq.).

Não podemos esquecer também sua preocupação com os gêneros não literários, chamados por ele de “técnicos”, e a distinção entre dissertar e argumentar:

Nossos compêndios e manuais de língua portuguesa não costumam distinguir a dissertação da argumentação, considerando esta apenas “momentos” daquela. No entanto, uma e outra têm características próprias. Se a primeira tem com propósito principal expor ou explanar, explicar ou interpretar idéias, a segunda visa sobretudo a convencer, persuadir ou influenciar o leitor ou ouvinte. Na dissertação, expressamos o que sabemos ou acreditamos saber a respeito de determinado assunto; externamos nossa opinião sobre o que é ou nos parece ser. Na argumentação, além disso, procuramos principalmente formar a opinião do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a razão está conosco, de que nós é que estamos de posse da verdade. Na dissertação podemos expor, sem combater idéias de que discordamos ou que nos são indiferentes (op. cit., p. 380).

Ainda com Garcia, encerramos este item com ele próprio demonstrando para nós de que forma o ensino dos conectivos contribuirá cada vez mais para que diminuam, senão acabem, as impropriedades relacionadas à falta de domínio no emprego adequado das conjunções, e de suas circunstâncias e relações, na produção textual de nossos alunos.

Portanto, em vez de “mandar” o estudante descobrir e classificar, num período, termos e orações..., deveríamos rumar em sentido contrário: das idéias que se têm em mente para os termos e orações capazes de traduzi-las. Por exemplo: em lugar de pedir ao aluno que classifique uma oração causal apontada num texto, seria mais rendoso sugerir-lhe que traduzisse a idéia de causa em estruturas sintáticas equivalentes, que não precisariam ser obrigatoriamente apenas orações subordinadas. Mas, para isso, torna-se indispensável, antes de mais nada, definir ou conceituar claramente o que é *causa*, o que é *motivo*, o que é *explicação*, depois dar o vocabulário...e os padrões com que indicar a mesma circunstância. Em seguida, por associação natural das idéias, surgirá oportunidade de mostrar a relação entre causa e consequência, e os moldes frasais adequados à sua expressão... O método é assim, como que *irradiante* nas suas implicações: de um centro de interesse (causa, por exemplo) se passa a outro... Esse critério justificaria, por exemplo, que se incluísem num capítulo sobre expressão das circunstâncias informações que, de outro modo, lhe seriam estranhas, como é o caso de breves noções sobre raciocínio dedutivo... Através desse processo de exposição, o estudante não sente que esteja fazendo análise sintática (e, de fato, não está), mas se vai servindo dela, suavemente, sem nomenclatura complicada, para assimilar as principais formas de expressão capazes de traduzir a mesma idéia que tenha em mente (op. cit., p. 75-76).

4.3 Atividades didáticas para um ensino produtivo

Deve haver sempre um paralelo entre a tradição gramatical e uma prática que se denomina “produtiva”, principalmente por causa de sua abordagem funcional, com a gramática a serviço, dentre outras coisas, da produção de textos. Pois, acima de tudo, precisamos “...considerar a língua como um instrumento de comunicação, de socialização e de desenvolvimento da capacidade argumentativa do aluno/falante (**acréscimo nosso**), cujo saber decorre de suas necessidades de dimensão individual e social” (SILVA et al, 2006).

A modalidade escrita da língua deve ser praticada sob o enfoque de uma metodologia de ensino produtivo, oportunizando tanto o reconhecimento de outras formas de expressão do pensamento quanto a aquisição de novos hábitos linguísticos.

A seguir, algumas estratégias que poderão ser transformadas em atividades, sem visar à mera identificação de palavras e expressões que traduzem as ideias de *causa* e *explicação*. Antes, que sejam desenvolvidas habilidades e competências de

produção de textos, incentivando-se o chamado **saber textual**.¹¹ Por exemplo, atividades como as propostas por Oliveira & Monnerat:

A respeito da relação tese-argumento, podemos propor...exercícios com frases sem a conjunção, para o aluno preencher as lacunas com uma conclusiva ou uma explicativa, identificando a tese e o argumento; reescritura de frases, em que ele tenha de substituir a construção **TESE *porque* (e sinônimos) ARGUMENTO por ARGUMENTO *portanto* (e sinônimos) TESE** e vice-versa; identificação, em textos, de teses e argumentos de extensão maior, que não se limitem a nível da frase, subentendendo entre esses constituintes textuais conjunções explicativas ou conclusivas, conforme o caso (2005, p. 98).

Conforme dissemos anteriormente, pretendíamos sugerir alguns critérios de abordagem semântico-discursiva, como forma de contribuir com o ensino produtivo das conjunções explicativas e causais, segundo o resultado a que chegamos: a existência daquelas que sempre assumirão valor semântico de explicação ou de causa, e outras que traduzirão tanto um quanto o outro sentido, por isso reconhecidas como tradutoras de dupla função.

Começando a falar sobre as conjunções e expressões exclusivamente explicativas ou exclusivamente causais, supomos que a “mera” classificação do respectivo valor semântico nada acrescentaria à análise. O aluno já teria a informação de que se trata de um conectivo de valor causal (*como*, por exemplo), de valor explicativo (*já que*, *uma vez que*, *visto que*...) ou de dupla função (*pois*, *porque*, *por* + infinitivo). Sendo assim, pensamos em como promover a aquisição de novas habilidades a partir desse conhecimento.

Primeiramente, valendo para todos os casos, teríamos de estabelecer no enunciado se a relação tese-argumento implica opinião ou fato-causa. Em segundo lugar, inclusive para os que exercem dupla função, se o fato expresso traduz uma relação lógica de causa e efeito ou, se apresenta uma relação discursiva ou argumentativa.

Somente para os explicativos e os bifuncionais: se o conectivo introduz uma assertiva, uma justificativa (ordem, pedido, pergunta, convite, exclamação, desejo, espanto, opinião, etc.), um argumento relatado ou, uma justificativa de ação; se o argumento apresentado é consensual ou não consensual; se a opinião possui

¹¹ Segundo Azeredo, 2002, p. 41, aquele “relativo ao domínio dos procedimentos de construção dos textos”.

conotação afetiva ou não; se o argumento representa algum grau de escalaridade ou não, etc.

Para os causais e os bifuncionais: se existe uma causa para o fato, e, se ela é física, psicológica, etc.; se a opinião relatada implica uma relação de causa-consequência; se a opinião relatada funciona também como fato-causa, etc.

A questão que consideramos crucial foi o estabelecimento da fronteira entre uma “justificativa de ação” e uma “causa propriamente dita”. O princípio geral a ser considerado é: se o enunciador teve a intenção de se justificar, se o ato de fala praticado é uma justificativa, sem dúvidas, teremos uma conjunção que introduz uma justificativa de ação. Mas, se o ato de fala praticado foi o de meramente narrar ou relatar um fato, trata-se de um conectivo introdutor de causa.

4.3.1 Desenvolvendo habilidades para a produção de textos

Com essas estratégias, nossa intenção é também contribuir para um ensino produtivo das noções de **causalidade** e **explicação**, de forma que se promova o desenvolvimento de competências e habilidades de compreensão e, principalmente, de produção de textos. Assim, os alunos se conscientizarão, entre outras coisas,

...do modo de funcionamento dos conectores interfrásticos, tornando-se aptos a utilizarem-nos adequadamente nos textos que produzem e a detectarem as relações estabelecidas por intermédio deles, nos textos que lêem, permitindo-lhes depreender o seu sentido global. Este será, sem dúvida, um passo importante no desenvolvimento da capacidade textual dos alunos, em língua materna (KOCH, 1992, p. 97-98).

a) Identificação, na estrutura textual, das relações de fato (enunciado de fato), causa, explicação, consequência, opinião, argumento, tese, etc.

b) Reconstrução textual, obedecendo à sequência lógica de informações.

c) Reorganização textual, com base na sequência lógica dos fatos, em mais de um universo de discurso.

d) Transformação de tese em argumento, e vice-versa.

e) Leitura, análise estrutural e elaboração de gêneros textuais de cunho argumentativo: artigo de opinião (carta do leitor), editorial, etc., e de gêneros

textuais de cunho narrativo: notícia, crônica narrativa, crônica argumentativa, etc.

f) Reelaboração de editoriais, com baixo índice de argumentatividade, e de notícias, com alto nível discursivo de engajamento.

g) Reconhecimento da relação existente entre o emprego de conectivos causais e explicativos e a pontuação.

h) Reconhecimento da função coesivo-enunciativa dos elementos de ligação, principalmente daqueles que expressam causa e explicação.

i) Reconhecimento das correlações entre: causa e explicação e os modos narrativo e argumentativo de organização do discurso; modos narrativo e argumentativo de organização do discurso e os gêneros textuais (crônica/notícia, dissertação escolar/editorial, etc.); os modos narrativo e argumentativo de organização do discurso e os tempos e modos verbais; a intencionalidade comunicativa/discursiva e a narratividade/argumentatividade; os princípios da produtividade, gramaticalidade e exemplaridade e os conectivos causais e explicativos.

j) Reconhecimento da diversidade de natureza sintático-semântica dos conectivos que expressam causa e explicação.

k) Elaboração de estruturas sintáticas paralelas, com a manutenção do sentido original do texto.

l) Reelaboração de estruturas sintáticas, alterando-se: o sentido original, o enfoque enunciativo-discursivo.

m) Identificação de análises textuais que (não) exemplificam uma tese defendida.

n) Identificação de opiniões e argumentos que (não) fundamentam uma tese defendida.

o) Identificação de causas/consequências que (não) correspondem ao fato enunciado.

p) Inversão (a)gramatical de construções causais e explicativas.

q) Identificação das inserções de outros modos de organização do discurso (o narrativo e o descritivo, por exemplo) naquele que estiver em estudo (o

argumentativo, por exemplo).

Finalmente, um último registro, feito num primeiro momento em que propusemos uma abordagem de estudo dos conectivos relacionada à produção textual:

Ao se observarem mecanismos sintático-semântico-pragmáticos, serão criadas alternativas de estruturas frasais para um mesmo conteúdo, o que não deixaria de ser uma prática sintática, porém, não tão tradicional, e, ao que parece, mais produtiva, principalmente para o desenvolvimento das atividades de leitura e produção de textos. [...] A prática sintática deve ir além de terminologias para que haja significação e se ofereçam ao aluno/falante mecanismos para uma verdadeira apreensão de sentidos, através de reflexões, análises e elaboração de novas estruturas (MAGALHÃES, 2005, p. 130).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a utilização dos recursos tecnológico e matemático-estatístico, tornou-se possível comprovar impressões de nossa intuição linguística, como usuários da língua, professores e pesquisadores.

A coleta de dados e a aplicação linguística dos resultados obtidos através do uso do aplicativo ***Simple Concordance Program*** e do Coeficiente de Correlação Linear de Pearson mostram que podemos desenvolver práticas de lingua[gem], em novos códigos e suas tecnologias. Todavia, incluindo perspectivas, saberes, caminhos, métodos, técnicas, meios, ferramentas, etc.

Vale salientar que, com base nos dados quantitativos, não visávamos meramente apresentar um levantamento de conjunções em seus respectivos gêneros e modos de organização textuais, mas, e principalmente, subsidiar essa reflexão acerca do ensino de Língua Portuguesa.

O propósito final desta pesquisa não é outro senão estimular a elaboração de novas abordagens sobre aspectos linguístico-gramaticais, considerando os vários exemplos já existentes, objetivando a reconstrução do conhecimento e dos sentidos expressos, a partir dos elementos verbais. Para tal, ressaltamos a necessidade de uma aplicação adaptada de estudos semântico-discursivos aos níveis de ensino médio e fundamental, a fim de promovermos o desenvolvimento de habilidades e competências de produção de textos.

O ensino dos conectivos causais e explicativos apenas deixará de ser puramente descritivo, ampliando-se o estudo dessas categorias gramaticais. Também será desenvolvida a admissão de outras possibilidades de expressão das noções de **causalidade** e de **explicação**, o que se efetivará não só com as conjunções explicativas e causais que a tradição escolar vem difundindo, mas também com outras palavras e expressões por meio das quais isso se torna possível.

Acreditamos que a tradição descritiva da língua não deve ser mais a âncora dos estudos da modalidade escrita em língua materna, lembrando também a necessidade de revisão, principalmente de alguns tópicos abordados na gramática normativo-descritiva. Por exemplo, o caso da noção de **causalidade**, tratada em

sentido amplo e, no da **explicação**, como sinônimo de causa, motivo, razão, sem que isso signifique abandono da tradição escolar. Não sem críticas, toda a terminologia tradicional apresentada pela gramática normativo-descritiva pode até ser aproveitada, mas, sempre como meio, e não, como fim em si mesma.

O ensino gramatical se constitui um desafio de como trabalhar conteúdos, de forma integral e, acima de tudo, produtiva. Dessa forma, as capacidades a serem desenvolvidas devem ir além dos conteúdos pragmáticos, importando as noções que tenham aplicação prática, isto é, que sejam funcionais. Lembramos que a modalidade linguística presente na mídia impressa, em geral, se constitui um oportuno objeto de investigação, assim como a própria produção escolar.

Trata-se de mais uma reflexão intradisciplinar sobre escrita e gramática, representando mais uma proposta de análise da teoria de produção textual pela chamada “gramática”, significando competência linguística do aluno/falante.

Com a sugestão não apenas de identificação, mas, e principalmente, de compreensão e (re)elaboração de estruturas causais no discurso narrativo e de estruturas explicativas no modo de organização textual argumentativo, demonstramos os moldes um ensino produtivo de português. Inclusive, com a possibilidade de análise e produção de diversos (sub)gêneros textuais.

Ampliou-se também a tradicional descrição de aspectos gramaticais a partir de orações, geralmente de cunho literário, para uma análise que as observa num contexto discursivo e situacional bem mais amplo de suas ocorrências. Além disso, a prática classificatória das chamadas orações coordenadas sindéticas explicativas e das orações subordinadas adverbiais causais foi aprofundada em seus valores semânticos e, em seus empregos discursivos.

Sabemos que somente o domínio de estruturas linguísticas possibilita a produção textual, e, pelo fato de o ensino de língua portuguesa geralmente privilegiar as abordagens descritiva e normativa, tem passado despercebida a

importância da Sintaxe como estratégia de escrita.

Por fim, esta é mais uma proposta de análise dos recursos linguísticos, envolvendo os seguintes aspectos: a teoria gramatical (descritiva e normativa) que seria imprescindível a um desempenho linguístico proficiente do aluno/falante; exemplos de abordagem a partir de conteúdos morfossintático-semânticos e discursivos, por exemplo, que estimulariam a reconstrução dos conhecimentos, a observância dos elementos verbais (disponíveis na língua) que são responsáveis pela construção dos sentidos; a real necessidade de uma reestruturação nos currículos dos ensinos fundamental e médio, para que cumpramos as finalidades previstas para a disciplina Língua Portuguesa.

Sugerimos um outro enfoque no processo ensino-aprendizagem, com uma abordagem produtiva, mais funcional, não essencialmente classificatória e conteudista, de forma que o ensino de gramática, com a contribuição dos estudos do discurso para o ensino da língua materna, promova o desenvolvimento de habilidades e competências, em particular, de produção de textos.

REFERÊNCIAS

ABAUURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. *Gramática – Texto: análise e construção de sentido*. São Paulo: Moderna, 2006.

ABREU, Antônio Suárez. *Curso de Redação*. São Paulo: Ática, 2001.

_____. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALMEIDA, Fernando Afonso de. Enunciação, ethos e gênero de discurso na análise da interação. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

AMARAL, Emília et al. *Novas palavras: língua portuguesa – ensino médio*. 2. ed. Vols. 2 e 3. São Paulo: FTD, 2005.

ANGELIM, Regina Célia Cabral. *A Argumentação*. Rio de Janeiro: UFRJ/CEP, 2001.

_____; SILVA, Edila Vianna da. Variação, gênero e ensino. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português – encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

_____; *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, Oswald. *L'argumentation dans la langage*. Bruxelles, Pierre Mardaga, 1988.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

_____. *Ensino de português: fundamentos, percursos, objetos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. A quem cabe ensinar a leitura e a escrita? In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. *Fundamentos de Gramática do Português*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Iniciação à sintaxe do português*. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____; ANGELIM, Regina Célia Cabral. Argumentação no jornalismo escrito. In: CARNEIRO, Agostinho Dias. (Org.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

AZEVEDO, Adriana M. Tenuta de. *Tempo, modo e aspecto verbal na estruturação do discurso narrativo*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

BASTOS, Lúcia Kopschitz. *Coesão e coerência em narrativas escolares*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa. Sintaxe do português: de uma abordagem histórica para uma perspectiva inovadora. In: VALENTE, André C. (Org.). *Língua portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001a.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 16. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001b.

_____. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BELCHIOR, Margarida et al. *As novas tecnologias da informação no 1º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Gabinete de Estudos e Planeamento, Ministério da Educação, 1993.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. *Gramática da Língua Portuguesa*. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro: FENAME/MEC, 1972.

BRETON, Philippe. Trad. Viviane Ribeiro. *A argumentação na comunicação*. Bauru: EDUSC, 1999.

BRITO, Ana Maria. *Subordinação adverbial*. In: MIRA MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. (Orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Manual de Expressão Oral e Escrita*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CAMARGO, Thaís Nicoleti. Língua padrão e cidadania. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília. *Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004.

CARNEIRO, Agostinho Dias et al. *A narração*. Rio de Janeiro: UFRJ/CEP, 2001.

CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.

CARVALHO, Laiz B. de. *Gramática: uso e interação*. São Paulo: Saraiva, 2006.

CEREJA, William Roberto. Ensino de língua portuguesa: entre a tradição e a enunciação. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. (Orgs.). *Língua e Transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002.

_____; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. 6. ed., v. 2 e 3. São Paulo: Atual, 1998.

_____. *Português: linguagens*. 8º e 9º ano. São Paulo: Atual, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Chapitres 11, 12 et 13. Paris: Hachette, 1992.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Para uma nova análise do discurso. Agostinho dias Carneiro (Trad.). In: CARNEIRO, Agostinho Dias. (Org.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

CITELLI, Adilson. Texto jornalístico e educação. In: AZEREDO, José Carlos de. (Org.). *Letras & Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2001.

CLEMENTE, Ivo; KIRST, Marta. (Orgs.). et al. *Linguística aplicada ao ensino de português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

CRESPO, Antônio Arnot. 19. ed. *Estatística fácil*. São Paulo: Saraiva, 2009.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. *O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião*. In: DIONÍSIO, Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento et al. *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *O livro didático de português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

DOOLEY, Robert A.; LEVINSON, Stephen H. *Análise do Discurso: conceitos básicos em linguística*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

EDITORA ABRIL. *Manual de redação e estilo – Um manual prático de redação para jornalistas, escritores, editores, estudantes e profissionais ou amadores*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

EPSTEIN, Isaac. Quando um fato se transforma em notícia no jornalismo e na ciência. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília. *Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. 5. ed. 2ª impressão. São Paulo: Ática, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. O processo de coordenação e subordinação: uma proposta de revisão. In: STAUB, Augustinus; CLEMENTE, Elvo (Org.) et al. *Linguística aplicada ao ensino de português*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

FERREIRA, Mauro. *Aprender e praticar gramática*. São Paulo: FTD, 2007.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2000.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual de redação*. São Paulo: Publifolha, 2007.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 23. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

GAVAZZI, Sigrid; EDUARDO, Silvana. Lugares/valores argumentativos no ensino médio. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005a.

_____; RODRIGUES, Tânia Maria. Verbos dicendi na mídia impressa: categorização e papel social. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005b.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

GUEDES, Paulo Coimbra. *A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?* São Paulo: Parábola, 2006.

GUIMARÃES, Elisa. Sintaxe e coesão no texto. In: VALENTE, André C. (Org.). *Língua portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e Argumentação: um estudo de conjunções do português*. Campinas: Pontes, 1987.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

_____. O padrão escrito contemporâneo: mídia, manuais de redação e adjacências. In: AZEREDO, José Carlos de. (Org.). *Letras & Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____; JOBIM, José Luís. *Curso prático de redação*, v. 1 e 2. Rio de Janeiro: J.L.Jobim, 2000.

ILARI, Rodolfo. GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____. Argumentação sintática e gramática escolar. In: *A LINGUÍSTICA e o ensino da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

INFANTE, Ulisses. *Textos: leituras e escritos – Literatura, língua e redação*, v. 2 e 3. São Paulo: Scipione, 2000.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos. In: KIRST, Marta Helena Barão et al. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

_____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

LEFFA, Vilson José. A língua portuguesa no novo milênio: a pesquisa como fonte de conhecimento para o ensino. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. (Orgs.). *Língua e transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002.

LEITE, Cilia Coelho Pereira (Madre Olívia). *Análise semântica: Treinamento Progressivo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LONGACRE, R. *The paragraph as a grammatical unit*. In: GIVÓN, T. (ed). *Syntax and Semantics. Discourse and Syntax*. Vol. XII. New York: Academic Press, 1979.

MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo linguístico*. 9. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

MAGALHÃES, Aurení da Silva. Princípios da textualidade X Princípios reguladores aplicados à análise do gênero 'Redação de Vestibular'. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 10, 2006, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNL*. Rio de Janeiro, 2006. p. 150-162.

_____. *O ensino de análise sintática e seus reflexos na competência de leitura e produção de texto: aspectos funcional e pragmático-textual*. 2005. 190 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Martins Fontes, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *O livro didático de português – múltiplos olhares*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Apresentado em Série Debates 1 do Curso de Mestrado em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

MARI, Hugo et al. Processo enunciativo: análise de alguns atos de linguagem. In: CARNEIRO, Agostinho Dias. (Org.). *O Discurso da Mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

MARTINS, Eduardo. *Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo*. 3. ed. São Paulo: O Estado de São Paulo/Moderna, 1997.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

_____; MARTOS, Cloder Rivas. *Gramática pedagógica*. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

MOKVA, Ana Maria Dal Zott; COMASSETTO, Leandro Ramires; FONTANA, Nauria Inês. Linguística de corpus: como utilizá-la em gramática. *Revista Voz das Letras*. Concórdia, SC, n.1, 2. sem. 2004.

MONNERAT, Rosane Santos Mauro. Processos de intensificação no discurso publicitário e a construção do ethos. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MÜLLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary. *Normas e Padrões para Teses, Dissertações e Monografias*. 5. ed. Atual. Londrina: Eduel, 2003.

NASCIMENTO, Karina Chrysóstomo de Sousa. Mecanismos argumentativos no jornalismo escrito. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

NEVES, Iara C. B. et al. *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. 4. ed. Porto Alegre: EDUEFRGS, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática – história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: UNESP, 2002a.

_____. *A modalidade*. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP/FAPESP, v. 6, 2002b.

NUNES, Clarice. *Diretrizes Curriculares Nacionais – Ensino Médio*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. Gêneros textuais e conceitos afins: teoria. In: VALENTE, André C. (Org.). *Língua portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.

_____; ROSA, Paulo César Costa da; BARBOSA, Renata Calheiros Alves. *Redação e Pesquisa*. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília. (Orgs.). *Língua Portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2005a.

_____; MONNERAT, Rosane Santos Mauro. O emprego de algumas conjunções no texto. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005b.

_____ et al. *Aplicação Pedagógica da Linguística do Texto*. Rio de Janeiro: UFRJ/CEP, 2001a.

_____. *Descrição do Português à Luz da Linguística do Texto*. Rio de Janeiro: UFRJ/CEP, 2001b.

_____. Contribuição ao Estudo do Modo Argumentativo de Organização do Discurso: análise de um texto jornalístico. In: CARNEIRO, Agostinho Dias. (Org.). *O Discurso da Mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

OLIVEIRA, Ramon de. *Informática educativa: dos planos e discursos à sala de aula*. Campinas: Papyrus, 1997.

PAIVA, José da Costa. *A causa através das estruturas linguísticas*. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

PASCHOALIN, Maria Aparecida; SPADOTO, Neusa Teresinha. *Gramática: teoria e exercícios*. São Paulo: FTD, 2008.

PASQUALE, Cipro Neto; INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2008.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves et al. Abordagem funcional e estética do texto no ensino de Língua Portuguesa. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar (Org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação*. Rio: Europa, 2003.

_____. O Professor de Língua Portuguesa: modos de ensinar e de apre(e)nder. In: AZEREDO, José Carlos de. (Org.). *Língua Portuguesa em Debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.

PERELMAN, Chaim. *Tratado da argumentação: uma nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____. *Para uma nova gramática do português*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2000.

RANAURO, Hilma. *Significação e relação: a carga semântica dos elementos conectivos*. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2004.

RANGEL, Egon. Livro Didático de Língua: o retorno do recalcado. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *O livro didático de português – múltiplos olhares*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

REVAZ, Françoise. *Le récit dans la presse écrite*. Pratiques Revue, l'Université de Metz/Fr, nº 94, p. 19-33, juin, 1997.

REINALDO, Maria Augusta G. de Macedo. A Orientação para Produção de Texto. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *O livro didático de português – múltiplos olhares*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Gramática aplicada da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

ROCHA, Décio. Reflexões sobre uma prática pedagógica: desafios e possibilidades do ensino/aprendizagem de linguística. In: AZEREDO, José Carlos de. (Org.). *Língua Portuguesa em Debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC/Mercado de Letras, 2000.

SANTOS, Leonor Werneck dos Santos. O ensino de língua portuguesa e os PCN. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Lições de texto: leitura e redação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.

SCHMIDT, Siegfried J. Trad. Ernst F. Schurmann. *Linguística e teoria de texto*. São Paulo: Pioneira, 1978.

SILVA, Vera Lúcia Paredes. *Othon Moacyr Garcia – Um precursor dos estudos de discurso no Brasil*. Artigo publicado em Cadernos do CNLF, 2009, v. 12, nº 11.

SILVA, Hayla Thamida; FERREIRA, Michelli Bastos; PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. *Operadores Argumentativos – uma proposta produtiva de ensino*. Artigo publicado em Cadernos do CNLF, 2006, Série X, nº 12.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SIMÕES, Darcília et al. Ensino da língua nacional: reflexões teóricas e prática didática. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília. (Orgs.). *Língua portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2005.

SOUZA e SILVA, Maria Cecília P. De; KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística aplicada ao português: sintaxe*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SQUARISI, Dad. *Manual de redação e estilo*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2005.

TERRA, Ernani; CAVALLETE, Floriana Toscano. *Português: linguagens*. 8º ano. 3. ed. Projeto Radix. São Paulo: Atual, 2006.

_____. *8ª série*. São Paulo: Scipione, 2005.

THEREZO, Graciema Pires. *Como corrigir redação*. Campinas: Alínea, 1999.

TOULMIN, Stephen. *Os usos do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Tipologia textual, ensino de gramática e o livro didático. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília. (Orgs.). *Língua e Cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004.

_____. *Gramática: ensino plural*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. Campinas: HUCITEC/UNICAMP, 1989.

VOESE, Ingo. *Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2004.

APÊNDICE A – Tabela e gráfico de gênero textual do modo argumentativo de organização do discurso

Tabela 3 - Gênero textual *Editorial*, conectivos explicativos e o modo argumentativo de organização do discurso.

i	EXPLICATIVOS (x_i)	CAUSAIS (y_i)	($x_i y_i$)	(x_i^2)	(y_i^2)
1	6	3	18	36	9
2	3	8	24	9	64
3	4	7	28	16	49
4	5	4	20	25	16
5	2	5	10	4	25
6	3	4	12	9	16
7	5	11	55	25	121
8	10	2	20	100	4
9	8	2	16	64	4
10	3	5	15	9	25
	$\sum x_i = 49$	$\sum y_i = 51$	$\sum x_i y_i = 218$	$\sum x_i^2 = 297$	$\sum y_i^2 = 333$

Calculando:

$$\begin{aligned}
 n &= 10 & \sum x_i y_i &= 218 \\
 \sum y_i^2 &= 333 & \sum x_i^2 &= 297 \\
 \sum y_i &= 51 \\
 \sum x_i &= 49
 \end{aligned}$$

$$\begin{aligned}
 r &= \frac{10 \times 218 - (49 \times 51)}{\sqrt{10 \times 297 - 49^2 \times 10 \times 333 - 51^2}} = \frac{2180 - 2499}{\sqrt{2970 - 2401 \times 3330 - 2601}} = \frac{-319}{\sqrt{569 \times 729}} = \\
 &= \frac{-319}{\sqrt{414801}} = \frac{-319}{644,05} = -0,495
 \end{aligned}$$

Gráfico 3, referente à Tabela 3.



APÊNDICE B – Tabelas e gráficos de gêneros textuais do modo narrativo de organização do discurso

Tabela 2 – Gênero textual *Crônica*, conectivos causais e o modo narrativo de organização do discurso.

i	CAUSAIS (x_i)	EXPLICATIVOS (y_i)	$x_i y_i$	x_i^2	y_i^2
1	12	1	12	144	1
2	14	3	42	196	9
3	3	10	30	9	100
4	4	7	28	16	49
5	9	4	36	81	16
6	6	7	42	36	49
7	11	10	110	121	100
8	5	5	25	25	25
9	2	1	2	4	1
10	1	0	0	0	0
	$\sum x_i = 67$	$\sum y_i = 48$	$\sum x_i y_i = 327$	$\sum x_i^2 = 632$	$\sum y_i^2 = 350$

Calculando:

$$n = 10 \quad \sum x_i y_i = 327$$

$$\sum y_i^2 = 350 \quad \sum x_i^2 = 632$$

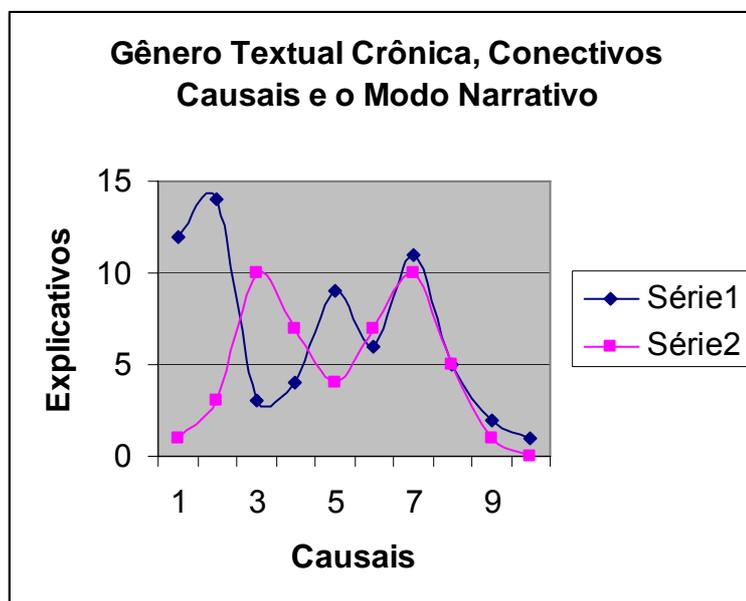
$$\sum y_i = 48$$

$$\sum x_i = 67$$

$$r = \frac{10 \times 327 - 67 \times 48}{\sqrt{10 \times 632 - 67^2 \times 10 \times 350 - 48^2}} = \frac{3270 - 3216}{\sqrt{6320 - 4489 \times 3500 - 2304}} = \frac{54}{\sqrt{1831 \times 1196}}$$

$$= \frac{54}{\sqrt{2189879}} = \frac{54}{1479,82} = 0,036$$

Gráfico 2, referente à Tabela 2.

Tabela 4 – Gênero textual *Notícia*, conectivos causais e o modo narrativo de organização do discurso.

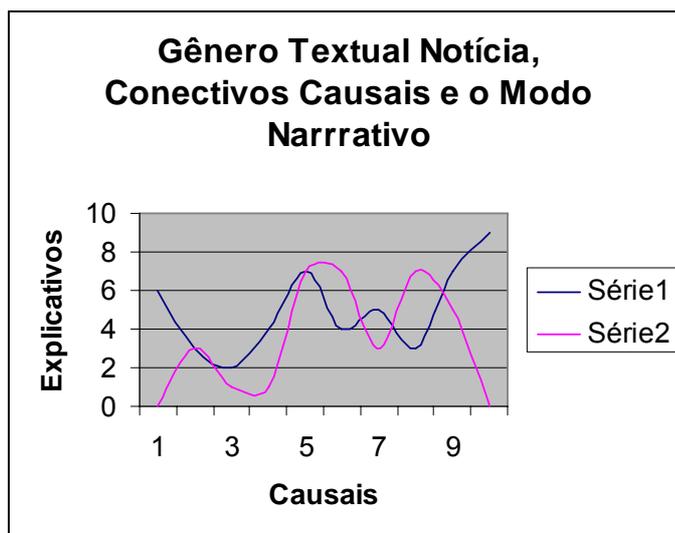
i	CAUSAIS (x_i)	EXPLICATIVOS (y_i)	$x_i y_i$	x_i^2	y_i^2
1	6	0	0	36	0
2	3	3	9	9	9
3	2	1	2	4	1
4	4	1	4	16	1
5	7	7	49	49	49
6	4	7	28	16	49
7	5	3	15	25	9
8	3	7	21	9	49
9	7	5	35	49	25
10	9	0	0	81	0
	$\sum x_i = 50$	$\sum y_i = 34$	$\sum x_i y_i = 163$	$\sum x_i^2 = 294$	$\sum y_i^2 = 192$

Calculando:

$$\begin{aligned}
 n &= 10 & \sum x_i y_i &= 163 \\
 \sum y_i^2 &= 192 & \sum x_i^2 &= 294 \\
 \sum y_i &= 34 \\
 \sum x_i &= 50
 \end{aligned}$$

$$\begin{aligned}
 r &= \frac{10 \times 163 - 50 \times 34}{\sqrt{10 \times 294 - 50^2 \times 10 \times 192 - 34^2}} = \frac{1630 - 1700}{\sqrt{2940 - 2500 \times 1920 - 1156}} = \frac{-70}{\sqrt{440 \times 764}} = \\
 &= \frac{-70}{\sqrt{336160}} = \frac{-70}{579,79} = -0,12
 \end{aligned}$$

Gráfico 4, referente à Tabela 4.



ANEXO A – *Corpus Imaturo*, subgênero *Dissertação de Vestibular*.

Dissertação 202

Sentido inverso

Quando nos propomos a fazer algo, pensamos sempre no melhor. Dificilmente, levamos em consideração a possibilidade do erro. Raramente, percebemos que alguma coisa pode sair com algum defeito, diferente da forma como planejamos, anteriormente.

Neste sentido, quando nos deparamos com uma situação inesperada, porém, certamente inevitável, as conseqüências são mais desastrosas. Não trabalhar com a possibilidade do erro nos torna mais vulneráveis à decepção, o que dificulta uma possível reação em condições adversa.

O mesmo processo pode ocorrer em momentos de crise, nas mais diversas possíveis, quando nos deparamos sem perspectivas de mudanças e de atitudes diante dos problemas surgidos. Principalmente, **porque** jamais imaginamos que aquilo pudesse acontecer. A falsa realidade produzida em nossa imaginação impede-nos de enxergar tais crises, nas ocasiões em que estas chegam sutilmente, e somente nos permitem notá-las em períodos críticos, quando as dificuldades aumentam.

Desta forma, o inesperado e o medo passam a inibir um projeto que, independente de sua natureza, reformulado e/ou com um pouco mais de persistência poderia resultar em êxito. O erro, o defeito ou a crise deixam de ser vistos como um elemento capaz de mover o ser humano no sentido do progresso e passa a agir no sentido inverso.

Dissertação 207

Defeito, característica comum a todos nós, afinal quem é perfeito? Essa, com certeza, é uma pergunta fácil de se responder, **pois** sabemos que “ninguém é perfeito”. Muitas vezes essa frase é utilizada como uma espécie de desculpa, para justificar um erro, um defeito, os quais, às vezes, são julgados como impossíveis de serem resolvidos, mudados.

“Eu nasci assim, vou ser sempre assim, vou morrer assim”, a famosa “Síndrome de Gabriela”, uma das “Síndromes” mais sérias e, com certeza, uma das causadoras de inúmeros problemas na sociedade. Tal problema se sanado, poderia quem sabe, mudar o mundo, mudar a história; **já que** a intolerância, a incapacidade de reconhecer os próprios erros e a acomodação por parte das pessoas as tornam incapazes de fazer algo para mudar. Há ainda o fator crise, existe crise em toda a parte, nos cercando por todos os lados, a crise pode até ser um “mal necessário”, mas não um mal constante, existem vários tipos de crise, algumas necessárias e importantes ao amadurecimento e crescimento como pessoa, como ser humano, porém existem ainda as crises que vêm para destruir, e essas sim, devem ser exterminadas e vencidas. Apesar delas (crises), há ainda a imaginação que vem acompanhada, muitas vezes pela mentira.

Viver num mundo tão errado, com tantas crises, defeitos e até mesmo imaginação é realmente uma tarefa muito difícil, talvez uma das mais difíceis, porém somos todos seres humanos **e por isso** passíveis de erro, mas não podemos justificar tais erros na célebre frase “Errar é humano”. Devemos estar atentos a

fatores como erros, defeitos e etc, que são tão sérios e passam, por muitas vezes despercebidos; os maiores problemas que temos poderiam ser resolvidos a partir da percepção de fatores que são, às vezes, julgados insignificantes.

Dissertação 212 Ø

A ciência esta baseada pela controvérsia, na qual aparece o erro, recurso a imaginação humana, estimule para almejar a busca de erro e encontrar resultados satisfatórios.

Todo método científico esbara na dialética, paradoxo claro e objetivo da realidade, tendo como exemplo o incentivo ao selvagem mundo capitalista pela mídia, constituindo por uma grande parcela de desprovidos historicamente de seus direitos e deveres básicos, e uma monstruosa e pequena parcela de industriais e banqueiros, isto é, jóias do monopólio assalariado, homens estranguladores do pobre. No entanto, podemos tirar a seguinte idéia sobre o sistema propagado pela globalização, intercâmbio simultâneo e com disparidades sociais e econômicas no mundo historicamente subdesenvolvido, onde encontramos coca-cola misturada muita das vezes a países abaixo da subsistência.

A partir daí é que a pequena parcela do mundo capitalista deveria repensar através de uma imaginação tão criativa a busca; para solucionar os desniveis sociais e econômicos refletidos não só pela globalização, e sim pela intolerância gerada mediante o lucro.

Dissertação 215 Ø

“ As consequências do erro”.

O ato de descobrir ou de simplesmente experimentar merece máxima atenção.

Principalmente quando consideramos possibilidades de erros.

Ao fazemos experimentações onde modificamos o modo de vida de uma criança, por exemplo, podemos esbarrar em situações que provoquem marcas profundas.

Quando fazemos suposições de pensamentos julgando-nos capazes de conhecer o que se passa na mente do outro geralmente caímos em graves erros com consequências gravíssimas.

Experimentar é preciso. Sobretudo se visa a melhoria de vida e a adaptação ao meio em que se vive. Está claro também que em toda experimentação há a necessidade de correr riscos.

Porém há casos em que o objeto de pesquisa deve ser bem manejada com bastante cuidado. Ou corremos o risco de perdemos uma ótima chance de descoberta para sempre.

Dissertação 218 Ø

Hoje em nossa sociedade a maior parte da população é carente. Seja de condições básicas para sobrevivência como alimentação, saneamento, seja de educação, transportes adequados. Portanto necessita do mínimo que acreditamos ser o necessário para termos uma vida digna.

Em meio a tantos erros e crises que estamos expostos diariamente, temos ainda na busca pela cultura, no estudo da sociedade, na análise, científica dos fatos a esperança de mais a frente encontrarmos um porto com maior estabilidade e segurança.

Sendo que para que tenhamos sucesso em nossa busca, não devemos como a tempos é feito trabalhar em cima do erro que ocorreu, da crise que já está instalada, claro é necessário elimina-la, mais necessário também acima de tudo prevenir para que estas se quer venham a acontecer.

Dissertação 221 Ø

O caos da sociedade

Há momentos em que tudo parece dar errado são graves os problema políticos, econômicos, e as vezes nem em imaginação se pensa de forma otimista.

A crise assola, a população fica apática e tensa, mas sempre pode piorar, a vida pode se tornar um caos em meio a tantas perturbações.

Um erro pode ser fator decisivo **por tornar** pessoas em grandes fracassados e isso se já não nos sentirmos.

Psicologicamente todo e qualquer problema afeta várias ações pessoas podem perder o ânimo e tempo pelas perturbações sentidas.

Portanto, tem de haver sempre a preocupação em todos os momentos tantos problemas podem apagar a bela linda pontinha de esperança e transformar sonhos em pesadelos que parecem intermináveis, tornando todo o ambiente, tudo o que vemos e sentimos em crises e falhas.

Dissertação 226

Avaliando Profissões e Situações

Tudo na vida deve ser bem escolhidos para que não haja problemas futuros, assim são as profissões, algumas delas não podem ocorrer erros ou falhas, ainda que “errar é humano”

Dentro deste conceito estão os médicos que **por serem** médicos e lidarem com a vida do ser humano não deveriam cometer erros, **pois** podem ser causadas mortes, pessoas podem ficar defeituosas e com base nisto é uma profissão onde erros inadmissíveis. Porém na are da politica, lá onde estão nossos representantes se eles não forem dignos de seus cargos e cientes da situação de um todo, não a si próprios poderiam ser causadas crises, e sim a nós que vos colocamos la e muita das vezes as crises não são razoáveis, exemplo disto são as crises de saúde e fome que estão em alta nos dias de hoje. Contornando mais uma vez iremos as indústrias que estipulam preços as suas mercadorias, que adquiridas por nós devem ser perfeitas direito muitas vezes não respeitados algo que ao invés de ser dado de ser reclamado, para assim haver uma satisfação geral.

Para que nada disso ocorra, pensar e refletir estudar e avaliar, devem se tornar habitos comuns para uma bela escolha e uma convivência harmonica.

Dissertação 231 Ø

Muitos cientistas afirmam que a ciência apenas evolue através da busca de soluções para problemas ou crises vividos por uma sociedade ou toda a humanidade. Esta é uma verdade quase total, e pode trazer algumas conseqüências perigosas.

Ao dependermos de crises e idéias que os contornem para nos desenvolvermos, estamos admitindo que isto desenvolvimento, no mínimo, depende de condições aleatórias, como a sorte e as coincidências. Não tenho a pretensão de denegrir a imagem de cientistas que, após incessantes pesquisas, acabaram por descobrir algo ao acaso (como Einstein, por exemplo). Mas as conseqüência de algumas crises podem ser muito danosas para dependermos, delas.

Como exemplo posso citar uma possível crise energética ocasionada pelo fim das fontes de petróleo. É fácil imaginar o que algo assim pode causar. É igualmente fácil lembrar que existem alternativas à utilização deste combustível, mas por que esperarmos até a chegada da crise? Não sabemos se as alternativas, são perfeitamente aplicáveis, e estaremos mais uma vez dependentes da capacidade de improvisação ou de sorte de criarmos ou descobriremos uma nova alternativa.

Embora seja reconhecido que existem diversos interesses envolvidos nesta questão, este foi um exemplo prático.

Não se pode negar que for parte da sabedoria saber utilizar a sorte e o acaso em prol de nossos objetivos, o mesmo se aplica à capacidade humana de improvisar. Porém, depender de erros para acertar pode ser muito perigoso.

Dissertação 276

EMPECILHOS

Vivemos no século XXI e muitos afirmam que erro, a crise, a imaginação e o defeito são importantes para a Ciência. Mas sabemos que estes aspectos acabam por prejudicar o pleno desenvolvimento da mesma.

No primeiro momento devemos enfatizar que a Ciência é construída para beneficiar a humanidade e alavancar o progresso social. Sendo assim deve ser veloz e ao ser passível de erros e crise acaba **por retardar** toda a experiência científica. O que dificulta, por exemplo, a cura para doenças que nós assolam.

Numa segunda análise podemos citar o caráter empírico da Ciência em tempos remotos. Sendo assim, a imaginação permeava as conclusões científicas em detrimento da razão, o que ocasionava resultados sem comprovação científica. Somente com o Iluminismo é que a razão e a comprovação passaram a permear o campo das ciências em busca da verdade,

Não podemos esquecer também que a Ciência não pode depender dos defeitos para solucionar às questões. Deve antes estar baseada no acerto para evitar fatos inesperados.

Em virtude dos fatos mencionados podemos concluir que a Ciência é prejudicada por fatores como: erros, crises, imaginações e defeitos. Devemos portanto criar mecanismos para que a Ciência possa sempre progredir para chegar a verdade dos fatos.

Dissertação 277

Errar pra que

Há quem diga que errar é bom para aprendermos, mais a realidade dos erros é bem dura, e nós não vemos por ai ninguém feliz **porque** errou.

Um indivíduo se atrasou para chegar no serviço e quando está proximo do ponto de onibus o perde chegando assim duas horas atrasado e encontra seu chefe com uma carta de demissão na mão.

Quando chega em casa em torno do meio dia e vai comunicar a sua família, é interrompido pelo seu filho de dezoito anos para comunicar que sua namorada está grávida e desiste de fazer o comunicado.

Já pela noite na sua cama após ter falado com sua mulher sobre o problema se pega a pensar nos erros e conclui: Se ele não cometece o erro de se atrasar, seu chefe não cometece o erro de mandalo embora e seu filho não cometece o erro de engravidar a namorada, tudo ficaria bem.

Errar é fatal e as consequências podem ser terríveis como o de não passar no vestibular ou piores como no caso do personagem do texto.

Dissertação 279

se controlar para conviver.

O ser humano, é composto por diferentes e consideráveis características, com seus defeitos, erros, passando constantemente por graves crises e imaginações. Como solucionar todos esses problemas cotidianos?

Há quem diga, que cada pessoa possui a sua personalidade, composta por características particulares, ou seja, que não são comuns a todos os indivíduos. Aliás, é devido a isto que realmente vivemos na diversidade, e se faz necessário aprender a respeitar à condição de cada um, mesmo não condizendo as suas opiniões.

Em contrapartida, defeitos, erros, crises e imaginações, em excesso passam a incomodar, **haja vista que** podem ser grandes impecílios à convivência em sociedade. Todavia, se agrava pelo fato de que os problemas recaem significativamente, sobre a pessoa que carrega consigo esta exagerada personalidade.

Assim sendo, para solucionar o problema é importante rever a conduta que se deve ter na convivência em sociedade, a diversidade nos impõe essa condição, a fim de que possamos sem exageros convivermos uns com os outros.

ANEXO B – Corpus maduro, subgênero Editorial.**Editorial 001****Terça-feira, Abril 05, 2005 O Globo****Oportunidade**

Confirmada a participação de policiais na maior chacina da história do estado, aumenta ainda mais a responsabilidade do poder público. Não se trata apenas de punir com rigor os culpados de um crime grave. É necessário ir além, **por ele não ser** um fato isolado: é preciso limpar a corporação policial, recuperar sua credibilidade. O assassinato indiscriminado de 30 pessoas na Baixada Fluminense, tudo indica em retaliação ao acertado enquadramento disciplinar de policiais, ultrapassou os limites.

Tudo isso é óbvio e já foi dito em outras ocasiões. Mas apesar dos clamores, normais nessas circunstâncias, o que se costuma observar é um Estado incapaz de tomar as decisões drásticas que a situação requer.

Antes de mais nada é preciso admitir e entender o que está em questão. Os protagonistas da barbárie da semana passada em Nova Iguaçu e Queimados irão se juntar a inúmeros outros que usam a farda e o distintivo como escudo para cometer crimes. Mas não se está diante de um fato comum. A chacina estabeleceu um marco nas arbitrariedades cometidas por policiais. E é sempre possível algo mais grave vir a acontecer. Tudo depende de como o Estado reagirá.

O problema é que, apesar da manifesta boa intenção de autoridades e de muitas promessas veementes de punição, tem-se a impressão de que a banda podre da polícia é invencível. Prisões são feitas, expulsões efetuadas, mas, cedo ou tarde, surge novo escândalo causado por maus policiais.

Daí a intervenção na corporação precisar ser ampla e contar com apoio federal. É extensa a lista de desencontros entre os Palácios Guanabara e do Planalto causados por desavenças político-partidárias. Mas há temas-chave — e a segurança da população é um deles — em que projetos pessoais têm de ficar em segundo plano. Agora mesmo, a anunciada vinda da Força Nacional para o Rio é uma oportunidade para os dois governos trabalharem de fato juntos nessa área estratégica.

O desafio de sanear a polícia é tão grande quanto imprescindível — o que também não é novidade. Mas são décadas de desmandos e de condescendência de governantes. O resultado é o que se vê.

Editorial 002
Sexta-feira, Dezembro 16, 2005 O GLOBO
Todos por um

O Rio de Janeiro já tem um pólo gás-químico em funcionamento, que expandirá indústrias já existentes e deve atrair várias outras para a região metropolitana. E está por se decidir mais um grande investimento neste setor: uma refinaria de petróleo que terá sua produção voltada para insumos petroquímicos.

A escolha do estado para abrigar essa refinaria se deve à proximidade das fontes de matéria-prima (será processado óleo pesado, extraído da Bacia de Campos) e dos centros consumidores.

Mas a microlocalização da refinaria vem sendo motivo de disputa, que poderia ser até saudável se não resvalasse para o plano político. O governo estadual tem preferência por uma localidade em Campos, no Norte Fluminense, base política original da governadora Rosinha e do seu secretário e marido Anthony Garotinho, pré-candidato à Presidência da República.

Os investidores que inspiraram o projeto e convenceram a Petrobras a assumi-lo se inclinam por Itaguaí, entre outras razões, **porque** acreditam que ali já existe infraestrutura adequada para uma indústria com essas características, incluindo a proximidade com o Porto de Sepetiba.

Prefeitos da Baixada que no momento são adversários políticos do casal Garotinho têm feito pressão junto ao presidente Lula, para que o governo federal influencie sua controlada Petrobras a optar por Itaguaí.

Existe o risco de a disputa, resvalando para o plano político, inibir os investidores. Se a escolha recair em Itaguaí e isso for interpretado como derrota da governadora, órgãos estaduais responsáveis pelo licenciamento da obra poderiam ter má vontade com o projeto, onerando-o até a ponto de inviabilizá-lo. Mas a opção por Campos não deve ser feita apenas por causa desse temor.

Na verdade, é justo que o governo estadual se proponha a conceder benefícios para que uma região como o Norte Fluminense, que tem menos oportunidade de atrair grandes projetos propulsores de desenvolvimento, possa compensar suas deficiências. No entanto, qualquer que seja a decisão dos investidores, ela precisa ser respeitada e comemorada pelo Estado do Rio de Janeiro como um todo.

Editorial 003
Quarta-feira, Dezembro 28, 2005 O GLOBO
Manter as regras

Os escândalos do mensalão e do propinoduto petista serviram como uma espécie de senha para a retomada de projetos de reforma política. Mas como sempre acontece quando questões estratégicas são tratadas de forma açodada, o país corre o risco de o Congresso fazer uma reforma equivocada.

Venceu o prazo para mudanças na legislação eleitoral com vistas a 2006. Mas o perigo continua. E não apenas **porque** há quem conspire para atropelar a Constituição e reabrir esse prazo. Agora, outra tese gestada no imediatismo acaba de aparecer no horizonte: a do aumento do mandato presidencial para cinco anos, sem reeleição.

Se, antes, a crise servia para justificar a reforma política, nesse caso o que impulsiona os defensores dessa mudança na arquitetura político-administrativa brasileira são questões paroquiais, de interesse de tucanos e petistas. Principalmente dos primeiros, onde há disputa pela primazia em concorrer ao Planalto. Se o próximo presidente for do PSDB, os preteridos em 2006 se acalmarão com a certeza de uma chance em 2011, argumenta-se.

Ora, o país precisa de um período de estabilidade na regulação eleitoral, para deixar o sistema adaptar-se às regras aprovadas há relativamente pouco tempo. Em pelo menos dois períodos de eleições gerais (oito anos), a cláusula de barreira e a verticalização deverão melhorar a qualidade do quadro partidário, ao alijar legendas nanicas e de aluguel e forçar negociações sérias de alianças, a partir de projetos e idéias, sem propinodutos e similares. O que não impede que, nesse meio tempo, se aperfeiçoe a legislação com o endurecimento das penas para os crimes eleitorais e se torne mais rígida a fidelidade partidária.

Apenas um presidente se submeteu ao teste da reeleição: Fernando Henrique. É pouco para se avaliar a norma. Na prática, como nos EUA, o mandato é de oito anos, com um recall no quarto. Se o presidente, governador ou prefeito demonstrar competência, recebe a segunda parte do mandato. Caso contrário, não.

Como estaria hoje o humor de boa parte da sociedade diante da perspectiva de ter de esperar o final de 2007 para avaliar o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, visivelmente desgastado pelos escândalos recentes? Quanto mais se estenda um governo avariado, pior para qualquer país.

Editorial 004

Sexta-feira, Dezembro 23, 2005 O GLOBO

Alerta geral

Petistas, com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva à frente, adotam a conhecida tática de político apanhado em delito: negar sempre, mesmo diante da mais contundente prova, do mais demolidor depoimento. Tem sido até enfadonha a cantilena da fantasiosa falta de provas do mensalão, sempre acompanhada da tentativa de desqualificar o crime de uso de caixa dois na política, já muito apropriadamente tachado de "coisa de bandido" pelo ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos.

A tática já havia ultrapassado a fronteira entre o terreno da esperteza e o campo do cinismo há muito tempo. Desde o início dos trabalhos da CPI dos Correios, com a revelação das constantes e sugestivas visitas de políticos ou de assessores e familiares — caso do ex-presidente da Câmara João Paulo Cunha — à agência do

Banco Rural em Brasília, elo do valerioduto.

A comprovação da festança com dinheiro ilegal, crime indiscutível, ganhou o reforço da confissão pública do marqueteiro do PT, Duda Mendonça, de que recebera num paraíso fiscal, em dinheiro também sujo, pelos serviços prestados à campanha de vários candidatos do partido, inclusive Lula.

É possível que petistas continuem repetindo o bordão. **Pois** o presidente não passou a negar aquilo pelo qual pedira desculpas e se declarara traído? Porém, depois de mais um relatório preliminar da CPI dos Correios, divulgado na terça-feira, essa tática de dissimulação autista talvez já não satisfaça o mais ingênuo e crédulo dos militantes petistas, descendente direto da finada Velhinha de Taubaté.

O que o relator da CPI, deputado Osmar Serraglio, revelou reforça com traços mais fortes e nítidos os contornos do grande esquema de bombeamento de recursos públicos e privados, de forma ilegal, para o propinoduto destinado a atrair políticos para a base parlamentar do governo e anabolizar com altas dosagens de dinheiro vivo decisões importantes no Congresso.

Se havia alguma dúvida de que o aparelhamento petista do Banco do Brasil (leia-se: Henrique Pizzolato, diretor de marketing do banco, depois afastado) foi peça-chave na malha de financiamento espúrio do esquema, agora não existe mais.

Soterra-se, espera-se que de vez, outra versão inverossímil, a dos financiamentos levantados pelo publicitário Marcos Valério, sócio do tesoureiro do PT, Delúbio Soares, no propinoduto, como fonte dos recursos desse grande golpe contra a moralidade pública. Estava mesmo certo o vice-presidente José Alencar, com sua experiência de empresário, ao não levar a sério esse álibi tosco — ou rudimentar.

Os levantamentos da CPI — ainda a serem detalhados — confirmam que o artifício do adiantamento de recursos do Banco do Brasil para as agências de publicidade de Marcos Valério, por meio da subsidiária Visanet, era uma gazuza manejada por Pizzolato — com autorização de Gushiken, defende-se ele — para fazer escoar dinheiro público, e de acionistas do banco, para o propinoduto.

A farsa dos empréstimos já havia sido demolida. A ausência de registros da operação nos livros contábeis das agências de Marcos Valério — só feitos posteriormente — e o descasamento entre a obtenção dos créditos junto ao BMG e Banco Rural, segundo informações de Valério, e a liberação do dinheiro na outra ponta do propinoduto, em Brasília, já tinham desmoralizado essa versão de conveniência do publicitário e traficante de interesses mineiro e o PT.

Agora, com o maior detalhamento das transferências feitas pelo aparelho do PT incrustado no Banco do Brasil para o propinoduto, sob o disfarce de adiantamentos às agências de publicidade, a história dos empréstimos fica mais clara. Eles não existiram como operação bancária usual. Serviram apenas para lavar o produto do assalto praticado no BB.

Sabia-se de uma primeira operação de R\$ 35 milhões, pagos pela Visanet/BB à agência DNA, dos quais R\$ 10 milhões fizeram uma escala no BMG antes de se

transformarem num "crédito" de R\$ 9,9 milhões, remetidos por Valério ao PT. O novo relatório da CPI esquadrinhou um negócio semelhante. Ao todo, calcula por enquanto o relator da CPI, do Banco do Brasil saíram no mínimo R\$ 19,7 milhões para o valerioduto.

Já não fazia mais sentido a ladainha petista da inexistência do mensalão. Afinal, a periodicidade é o que menos importa no fluxo do propinoduto. Sabe-se agora que até transferências semanais existiram.

Fica confirmado o crasso erro da absolvição do deputado mineiro Romeu Queiroz, intermediário de pagamentos ilegais ao PTB. O relatório serve também de alerta para a Câmara levar a sério os demais processos de cassação. Não é admissível que o mapa da corrupção político-eleitoral em fase de montagem na CPI dos Correios passe pelo Congresso sem produzir efeitos proporcionais à dimensão do escândalo que ele revela.

Editorial 008

Domingo, Dezembro 18, 2005 O GLOBO

Risco Bolívia

A candidatura de Evo Morales, que se as pesquisas estiverem certas será eleito hoje presidente da Bolívia, arrastou o país andino para uma encruzilhada.

O deputado e líder cocaleiro — favorito não só do presidente Hugo Chávez, da Venezuela, mas também de Luiz Inácio Lula da Silva, do Brasil — já anunciou a intenção de nacionalizar as refinarias bolivianas, se for eleito. Para os eleitores, isso é promessa de campanha, que, no entanto, se vier a ser cumprida, não garantirá aos bolivianos um futuro pacífico e risonho. Para a Petrobras, que administra as refinarias, e portanto para os interesses do Brasil, que investiu pesadamente na Bolívia para garantir o abastecimento de gás, é ameaça gravíssima.

Pior ainda, talvez, é a hipótese de Evo, como é universalmente conhecido, vencer nas urnas e não ser confirmado pelo Congresso, como prevê a Constituição. Poderia ser o estopim de uma guerra civil, que para muitos parece inevitável, **tendo em vista** a polarização das forças políticas e as profundas divergências entre as províncias ricas, com aspirações autonomistas, e as mais pobres, com ressentimentos históricos.

Evo despertou a admiração dos despossuídos do seu país — um dos mais pobres da América Latina — tanto pelas idéias incendiárias como pela biografia de menino sem futuro que se tornou um dos mais importantes líderes políticos bolivianos.

Embora por suas posições radicais ele seja em parte responsável pela instabilidade política, os seguidores acreditam que a chegada à Presidência de um índio aimara representaria o fim de 180 anos de opressão e exploração. Para a elite sua provável eleição é quase certeza de um violento processo de fragmentação nacional. Já a classe média aos poucos se deixa embalar por suas promessas de uma Bolívia menos corrupta e mais justa, vendo em sua liderança a possibilidade de mudanças sem ruptura.

Se Evo for levado pelas realidades da Presidência a deslocar-se para o centro, é possível que as expectativas da classe média se concretizem. Caso persista na rota da radicalização, o Brasil, apesar das simpatias declaradas de Lula, muito provavelmente será chamado a desempenhar o papel de mediador. O partidarismo açodado de Lula será um complicador.

Editorial 011

Sexta-feira, Dezembro 16, 2005 O GLOBO

Riscos eleitorais

As duas mais recentes pesquisas eleitorais — do Ibope, sob encomenda da Confederação Nacional da Indústria, e do DataFolha — agravam as perspectivas sombrias das pretensões reeleitorais do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e tornam mais dura a disputa entre os tucanos José Serra, prefeito de São Paulo, e Geraldo Alckmin, governador do estado, pela preferência no PSDB para concorrer ao Planalto em 2006.

As duas sondagens colocam pela primeira vez Serra à frente de Lula já no primeiro turno. Mas também retratam o fortalecimento do governador paulista Geraldo Alckmin, que nas duas pesquisas deu um salto de seis pontos. **Como** tem grande potencial de crescimento, **por ser** pouco conhecido fora de São Paulo, ele aumentou o cacife na disputa interna tucana.

Lula, por sua vez, parece retroceder para a faixa de 30% do eleitorado, nicho tradicional petista — pelo menos era dessa dimensão o voto cativo no partido antes do escândalo do mensalão e do propinoduto. Ferido o PT no órgão vital da ética, ninguém sabe ainda qual o real resíduo desse eleitorado fiel, **pois** o escândalo continua a ter desdobramentos.

Intrincados — e perigosos para o país — são os prováveis desdobramentos de uma persistente perda de substância eleitoral do presidente da República. O risco está no fortalecimento das teses populistas existentes no governo e no PT. Caso o cenário das pesquisas se repita, a tendência é o aumento das pressões para atos de irresponsabilidade fiscal e monetária.

Será um erro capital, um suicídio político de Lula e do PT, pelo recuo que provocará no país. Se forem por essa via, o presidente e os petistas arruinarão o que construíram até agora. Os defensores dessa alternativa se esquecem que inflação baixa transformou-se em patrimônio da sociedade.

Não fosse o populismo um caminho equivocado em si, as pesquisas mostram um fato crucial: Lula perde espaço também no eleitorado de renda baixa. Ou seja, o Bolsa Família não "compra" votos, como alguns devem apostar. **Talvez por uma razão**: seriam de outra natureza as causas da corrosão das pretensões eleitorais de Lula. O desgosto com a crise ética do PT e a ineficiência administrativa do governo parecem soterrar o manejo político-eleitoral do assistencialismo.

Editorial 015 Ø
Terça-feira, Dezembro 06, 2005 O GLOBO
Face do terror

A violência que estrangula a população está há algum tempo numa assustadora tendência de agravamento. Numa visão retrospectiva, cada crime grave tem sido superado por um mais selvagem. Mesmo quando há momentos de certa trégua, a paz relativa é quebrada, e sempre de forma dramática.

O cardápio dos crimes é variado. Há delitos em que são nítidas as impressões digitais da banda podre da polícia. Há outros, relacionados diretamente ao tráfico de drogas. Por exemplo, os tiroteios que ameaçam milhares de pessoas obrigadas a trafegar em vias de acesso à cidade.

Para confirmar essa deterioração da segurança pública surge agora o primeiro ato de terrorismo clássico cometido pelo tráfico contra a população. Fazer o maior número de vítimas possível entre pessoas comuns é objetivo prioritário do terror. E foi o que aconteceu no ataque ao ônibus da linha 350, Passeio-Irajá, semana passada, em Brás de Pina.

Esse crime inominável, que carbonizou cinco pessoas, entre elas uma criança de um ano de idade, e deixou mais de uma dezena de feridos, revelou outra faceta trágica: a da cooptação de adolescentes pela criminalidade. Mesmo policiais experientes baquearam diante da frieza do depoimento de uma adolescente de 13 anos ao confessar a participação no ataque ao ônibus. Sem se comover, disse que a ordem do chefe do tráfico local era matar todos queimados, em represália à morte de um comparsa num confronto com a polícia.

A multiplicação do envolvimento de menores com o crime prova que o Estado brasileiro não consegue romper a correia de transmissão da violência entre gerações. E quanto mais jovem, mais sanguinário costuma ser o bandido. A tragédia de Brás de Pina atesta a incapacidade do poder público de quebrar essa cadeia sucessória na criminalidade.

Na essência do problema está a ausência de políticas públicas efetivas em campos como saúde (planejamento familiar) e educação. Há, também, nesse pano de fundo, deficiências na legislação penal, onde se destaca um Estatuto do Menor deslocado da dura realidade das ruas.

O que mais será preciso acontecer para o Estado e a sociedade se mobilizarem de forma radical contra a debacle social que não pára de destruir a vida nas regiões metropolitanas brasileiras?

Editorial 018 Ø
Sexta-feira, Dezembro 02, 2005 O GLOBO
Poder paralelo

Barbárie, crime hediondo, ato de terrorismo, afronta à sociedade — são muitos e muito indignados os epítetos com que as próprias autoridades classificam a ação dos narcotraficantes em Brás de Pina, que na terça-feira atearam fogo a um ônibus

e mataram queimadas cinco pessoas, entre elas uma criança de 1 ano.

Nenhum adjetivo, na realidade, é adequado. A desenvoltura com que os bandidos agem no Rio de Janeiro já produziu uma sucessão interminável de episódios chocantes, mas raras vezes o horror chegou a tal ponto — e ao mesmo tempo demonstrou de maneira tão flagrante como o Estado é ineficiente, inepto e omissivo na tarefa que só a ele cabe, de combater a criminalidade.

Por isso mesmo, não há como festejar o assassinato de quatro homens que aparentemente estavam entre os perpetradores da atrocidade. O que a população, que se sente mais indefesa do que nunca, quer e precisa não é que criminosos sejam fuzilados depois de cometer crimes — pela polícia, por facções rivais ou por quem quer que seja — mas que sua ação seja reprimida, que seja possível confiar minimamente na proteção que deveria ser concedida pelo poder público. Esse segundo episódio sangrento, pelo contrário, apenas deixa mais nítido que isso por enquanto é absolutamente impossível.

Agora, como era de se esperar, vêm as promessas: ocupação pela polícia de morros próximos, apuração rigorosa dos crimes, punição severa dos responsáveis e assim por diante. O governo federal corre a oferecer ajuda e o estado e a prefeitura dizem, naturalmente, que todo o possível será feito, sem que no entanto se fale do que é realmente imprescindível — uma política de segurança integrada e cuidadosamente planejada, que envolva os três níveis de administração pública.

Até agora, e mesmo depois dessa ação bárbara, o que se vê, em lugar de articulação, é disputa, reivindicação de verbas. Em suma, jogo de empurra, enquanto a cidade continua à mercê dos marginais e, entre uma e outra bala perdida, na expectativa do próximo episódio de brutalidade. É deprimente que essa visão, que se poderia julgar profundamente pessimista, deva ser classificada de realista.

Editorial 028

Terça-feira, Novembro 15, 2005 O GLOBO

Suicídio eleitoral

Depois que o ministro Antonio Palocci se retirou de cena na sexta-feira, sob ataque também do PT — uma manobra do partido de apoio à posição da chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, contra a austeridade fiscal — o presidente Luiz Inácio Lula da Silva emitiu nota para reafirmar a manutenção da política econômica; ressaltar, mais uma vez, que a política é de sua responsabilidade e tentar abafar o vozerio em torno da saída de Palocci do governo.

Lula precisará, porém, fazer mais, se de fato deseja manter intacta a receita que transformou a economia no único grande êxito da sua gestão. Mais do que isso, se pretende salvar o governo e proteger seu futuro político.

A fragilidade de Palocci, causada pela sucessão de histórias que surgem do círculo próximo do ministro nos tempos de prefeitura de Ribeirão Preto, tem sido aproveitada dentro do governo e no PT para bombardeios sucessivos à política

econômica, sem que seja levado em conta que o alvo final é o próprio presidente e suas chances de reeleger-se.

No centro da polêmica está um oportuno projeto de estabilidade fiscal a longo prazo, em detalhamento por economistas do Ipea, sob a coordenação do ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, e com respaldo de Palocci. Os ataques a Palocci, além de uma tentativa de acerto de contas da esquerda do PT com os "neoliberais" da Fazenda, parecem ser uma corrida para abrir-se uma trincheira que dê algum acesso ao Tesouro nacional nas eleições do ano que vem.

Como todas as atenções estarão voltadas em 2006 para o uso de caixa dois, e qualquer tipo de ilegalidade financeira na campanha, a manipulação dos gastos públicos com fins eleitoreiros deve ser o objetivo de muita gente próxima ao Palácio do Planalto. Mesmo que a sabotagem da filosofia de responsabilidade fiscal que a Fazenda tenta seguir de forma determinada ponha em risco o governo e as pretensões eleitorais do presidente.

Esquecem que a sociedade já deu provas de não aceitar a volta da inflação, em nome do que seja. Até mesmo do crescimento, **pois** a opinião pública sabe que inexistente desenvolvimento sustentado com alta de preços. Engatilha-se um tiro de fuzil no próprio pé da administração petista.

Editorial 031

Domingo, Outubro 09, 2005 O GLOBO

Biografia em jogo

À medida que tramita o lote inicial de indicações para cassação formuladas pelas CPIs dos Correios e do Mensalão, é previsível que aumentem as pressões para a retirada de nomes da lista. O primeiro teste foi a passagem da relação de 13 deputados pela Corregedoria da Câmara. **Por ela estar** sob controle de um seguidor de Severino Cavalcanti, o deputado Ciro Nogueira, do PP piauiense, justificava-se o temor quanto ao destino que teria o relatório. **Por pressão da opinião pública**, o lobby do perdão prévio foi contido e o parecer pela manutenção do texto recebido das CPIs saiu vitorioso, mesmo que por apenas um voto.

Mas o risco de tudo virar uma indigesta pizza foi apenas adiado. Agora, cabe à Mesa da Câmara decidir o que fazer. Ela tem poderes amplos para qualquer coisa: simplesmente encaminhar o relatório ao Conselho de Ética, a partir do que os deputados indiciados não poderão mais se valer do recurso execrável de se auto-inocentar pela renúncia; ou alterar a lista, como se temia ocorresse sob o comando de Ciro Nogueira.

O presidente da Câmara, Aldo Rebelo, ex-ministro do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, respeitável parlamentar comunista, chega ao mais importante momento da sua carreira de político. Rebelo afirmou que reservaria o fim de semana para estudar os processos.

Na verdade, não precisará gastar muito tempo nessa análise. Provavelmente, se dedicará a refletir sobre o seu futuro.

Aldo Rebelo decepcionará o baixo clero, os parlamentares envolvidos no mensalão e indicados à degola que tanto comemoraram de forma ostensiva a sua vitória na eleição da presidência da Câmara? Ficarão do lado de sua biografia ou não?

O presidente da Câmara tem de ser justo, é claro. E também não pode se apegar a alianças políticas e a relacionamentos pessoais. Tampouco deve se submeter a pressões. Afinal, está em questão a imagem do Congresso. Por isso, Rebelo, na reunião decisiva que terá com os demais integrantes da Mesa na terça-feira, precisará propor o envio do relatório ao Conselho de Ética sem mudanças. A distribuição de dinheiro ilegal entre partidos e políticos pelo propinoduto do PT é fato comprovado. Qualquer decisão que não leve isso em conta afetará de forma irreversível a credibilidade do novo presidente da Câmara.

Editorial 037

Terça-feira, Setembro 27, 2005 O GLOBO

Dois governos

A pouco mais de um ano do fim, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva se consolida como o governo das ambigüidades, **por carregar** as mesmas visões e práticas contraditórias encontradas no PT.

Os conflitos vêm de longe. Enquanto correntes petistas se mantiveram fiéis a propostas de política econômica cujo resultado seria a desestabilização do país, Lula e auxiliares tiveram a sensatez de redigir a Carta ao Povo Brasileiro, na campanha eleitoral de 2002, pela qual os princípios de macroeconomia seguidos por qualquer país sério foram mantidos. Em contrapartida, o governo permitiu o aparelhamento da máquina pública, por petistas e aliados, com resultados desastrosos e conhecidos.

Para cada acerto o Planalto tem produzido um erro. Se o bom senso tem levado a que se acumulem superávits primários nas contas públicas (sem contar os juros da dívida interna) acima da meta de 4,25% do PIB — única forma benigna de se resolver o problema da dívida — o outro governo Lula atua em sentido contrário e cria novas empresas estatais. Como revelou O GLOBO, o governo já fundou 34 estatais, num grave retrocesso na tendência de redução da presença do Estado na economia, iniciado no governo Sarney. O governo pode se defender alegando que muitas dessas empresas derivam da expansão da Petrobras. A questão é saber se todas seriam necessárias e se estão sendo utilizadas para os fins devidos. Pelo menos uma dessas subsidiárias da Petrobras, como se noticiou, foi utilizada para empregar um apaniguado do ainda ministro Luiz Gushiken.

Outra aberração é o Banco Popular, um apêndice do Banco do Brasil e que serviu apenas para abrigar um aparelho petista, produzir prejuízos e irrigar o caixa das agências de publicidade de Marcos Valério. Essa face de ambigüidades do governo fica ainda mais nítida quando, ao lado do êxito na luta contra a inflação — mesmo que se possa criticar alguma overdose nos juros básicos — se constata o crescimento constante dos gastos públicos primários. O fato é preocupante, **até porque**, faça-se justiça, trata-se de uma distorção herdada da gestão FH. Essas

despesas, que em 1998 eram de 19,5% do PIB, chegaram a 21,6% em 2002 e este ano devem atingir 22% do PIB. Explica-se por que a carga tributária, que no início da era FH situava-se em aproximadamente 28% do PIB, atinge hoje 36%, índice asfixiante. Ou seja, o imprescindível superávit primário tem sido financiado pelo contribuinte e cortes nos investimentos públicos.

O governo se beneficia de uma conjuntura externa especial, em que o mundo cresce e o comércio se expande a altas taxas. Com isso, as exportações ajudam a puxar a economia interna, aumentando a arrecadação. No período de doze meses encerrado em julho, por exemplo, a Receita Federal arrecadou R\$ 207,3 bilhões, uma expansão de 14% em termos reais.

Não é segredo, esta conjuntura não será eterna. Haverá um momento em que Lula, ou quem estiver no Planalto, terá de optar por um desses dois tipos de governo: o perdulário e estatizante ou o que segue as regras da responsabilidade fiscal, e não as cartilhas de uma visão ideológica das décadas de 50 e 60, aposentada pela História.

Editorial 038

Quinta-feira, Setembro 15, 2005 O GLOBO

O começo

A cassação do deputado Roberto Jefferson confirmou as previsões. Detonador de uma crise política já a esta altura histórica, Jefferson, ex-presidente do PTB, deputado fluminense, tentou assumir o papel de mocinho no enredo do escândalo, mas terminou punido, com justiça.

Foi por meio de Jefferson que começou a vir à tona o esquema de corrupção montado pela cúpula do PT para que, com o auxílio técnico do especialista em traficância financeira no mundo político Marcos Valério, o tesoureiro Delúbio Soares, o secretário-geral do partido, Sílvio Pereira e outros comprassem apoio parlamentar para ampliar a base do governo no Congresso.

Mas, na verdade, Jefferson era parte do esquema, **por presidir** um dos partidos escolhidos pelo PT para servir de barriga de aluguel a deputados dispostos a comercializar o voto. A participação do deputado petebista no escândalo também se deu pela via do aparelhamento da máquina pública, que, como todo aparelhamento, tem objetivos espúrios.

No caso do PTB, é indiscutível a ação de indicados do partido no Instituto de Resseguros do Brasil, IRB, e nos Correios para arrecadar fundos com empresários privados. Na prática, trata-se de desvio de dinheiro público para outros e obscuros fins, **já que** essas comissões costumam ser recuperadas pelos empresários na forma de preços superfaturados cobrados ao Estado.

Nada teria sido denunciado pelo agora ex-deputado, se ele não houvesse se sentido traído pelo então ministro da Casa Civil José Dirceu, no caso do funcionário do segundo escalão dos Correios, Maurício Marinho, flagrado embolsando de um empresário a "peteca" de R\$ 3 mil, em nome do próprio Roberto Jefferson.

A decisão do plenário da Câmara fortalece a instituição do Poder Legislativo. Mas também aumenta a responsabilidade do Congresso, no prosseguimento das investigações pelas diversas CPIs. A mesma firmeza demonstrada no caso de Jefferson precisa se repetir a cada passo, em cada comissão de inquérito. Sem que seja concedido privilégio a ninguém. Somente assim os políticos recuperarão o respeito que precisam ter da sociedade.

Editorial 039

Quinta-feira, Setembro 15, 2005 O GLOBO

Ponto final

O aparecimento do cheque do mensalinho pago ao presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti, era inexorável — pelo conjunto da obra do deputado do PP pernambucano. Nada mais coerente com o perfil do líder do baixo clero do que a crônica do achaque relatada pelo empresário Sebastião Buani, concessionário do restaurante Fiorella, da Câmara, obrigado a pagar propina ao então primeiro-secretário da Casa para manter a concessão.

Severino tentou resistir. Deu negativas erráticas na semana passada, enquanto fazia uma turnê por Nova York. Na volta ao Brasil, procurou proteger-se sob o guarda-chuva do governo, tendo mantido uma conversa com Jaques Wagner antes de tentar se explicar, sem êxito, numa entrevista coletiva no domingo.

Na conversa com o ministro, Severino teria pedido apoio, com o argumento de que sem ele na Mesa da Câmara estaria aberto o caminho para o processo de impeachment de Lula. A barganha — uma chantagem — foi desmentida. Mas, coincidência ou não, o PT, até ontem pela manhã, antes de Buani apresentar o cheque, cerrava fileiras na defesa de Severino ---- o PT do Campo Majoritário, por óbvio.

O cheque de R\$ 7.500 sacado em julho de 2002 por Gabriela Kênia Martins, secretária de Severino, praticamente coloca um ponto final na curta e tumultuada passagem do líder do baixo clero pelo posto de segundo homem na sucessão da República. Ontem, durante parte do dia, ele ainda tentava o improvável, manter-se no cargo. Enquanto o cheque era mostrado à imprensa, Severino se trancava em casa.

De lá saíram duas versões inverossímeis. Uma dizia ser o cheque um empréstimo que Buani teria feito à secretária. Risível. Buani garantiu não ser agiota, o que pode ser comprovado facilmente. E **por que** Gabriela e Severino não deram essa explicação tão logo o empresário anunciou a existência do cheque? Depois, o dinheiro deixou de ser fruto de agiotagem para se transformar em repasse para a campanha política de um filho de Severino já falecido. Sem comentários.

Seja qual for o desfecho do caso — licença, renúncia, cassação ou cada alternativa a seu tempo ---- o affaire alerta para o risco das maquinações da baixa política como a que conduziu Severino Cavalcanti à presidência da Câmara.

Editorial 042 Ø
Sexta-feira, Agosto 26, 2005 O Globo
Vale a palavra

O depoimento do advogado Rogério Buratti na CPI dos Bingos gerou uma expectativa semelhante à que envolveu a ida de Roberto Jefferson à comissão dos Correios e à passagem do ex-ministro José Dirceu pelo Conselho de Ética da Câmara, no processo de cassação do mandato de Jefferson.

Ex-secretário de Antonio Palocci na prefeitura de Ribeirão Preto, acusado de traficar interesses em Brasília e lavar dinheiro, Buratti foi preso na semana passada, e no depoimento que prestou na sexta-feira ao Ministério Público, em Ribeirão, relatou a suposta existência de um mensalão regional de R\$ 50 mil destinado à prefeitura na gestão do ministro da Fazenda.

Paga pela empreiteira Leão & Leão, dona de um contrato de recolhimento e manejo de lixo no município, a comissão iria para os cofres petistas de Delúbio Soares. Apesar dos convincentes desmentidos e dos esclarecimentos dados com a devida rapidez por Palocci, o que diria ontem o ex-secretário, beneficiado pela lei da delação premiada, era uma preocupante incógnita, dada a importância crescente do ministro no fragilizado governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

Mas Buratti, embora tenha repetido a história do mensalão, também reafirmou não ter provas do pagamento da propina, apenas as confidências do amigo Ralf Barquete, secretário de Fazenda de Palocci em Ribeirão, pretendo receptor do dinheiro, e já falecido. Então, é a palavra de Buratti contra a de Palocci. Pela credibilidade do ministro, vale a dele. Some-se a isso que, como Palocci ressaltou na entrevista coletiva de domingo, apesar da extensa investigação conduzida pelo MP, até hoje não há qualquer prova efetiva da participação do ministro no suposto esquema — informação confirmada pelos promotores. O próprio Buratti, com a experiência de também ter sido diretor da Leão & Leão, afirmou nunca ter testemunhado Palocci tratar ou referir-se a esse mensalão regional. Com a principal testemunha do caso morta, não se pode ter dúvidas sobre em quem acreditar.

Mas isso não significa relegar a plano inferior as investigações em andamento. Há, tudo indica, um rico filão a ser explorado pelo MP no relacionamento incestuoso de prefeituras, e não só do PT, com prestadoras de serviço, conhecidas financiadoras de campanhas e de políticos por métodos escusos.

Editorial 071 Ø
Sábado, Janeiro 07, 2006 O GLOBO
Depois de Sharon

Com a saída de Ariel Sharon do cenário tornam-se sombrias as perspectivas, já de hábito tão incertas, para a paz no Oriente Médio. Se é verdade que em Israel ele conseguia conter os radicais religiosos, do outro lado perdia e continua a perder

força o presidente eleito da Autoridade Nacional Palestina, Mahmoud Abbas, e crescem em poder os extremistas do Hamas. A violência contínua criou uma situação de verdadeiro caos na Faixa de Gaza, que já torna muito improvável a realização das eleições parlamentares marcadas para o próximo dia 25.

O que parecia estar virtualmente definido era o futuro político de Israel. Nas eleições vindouras para o Knesset (o parlamento israelense) era franco favorito o Kadima, partido recentemente criado por Sharon, que dominava amplamente as pesquisas de opinião. Mas terá o Kadima futuro e eleitores sem esse líder forte como poucos?

Foi uma trajetória singular. O falcão Ariel Sharon lutou em todas as guerras de Israel, bateu-se pelos assentamentos nos territórios ocupados como indispensáveis para a segurança de seu país, adotou a política de demolição de casas de palestinos, confinou seu velho inimigo Yasser Arafat a seu bunker em Ramallah e determinou a construção do "muro de segurança". Mas numa reviravolta tão inesperada quanto notável, vista como um prenúncio de paz praticamente inédito na região, unilateralmente ordenou a retirada forçosa dos colonos israelenses da Faixa de Gaza e de partes da Cisjordânia.

Pelo seu percurso igualmente beligerante, Arafat parecia ser como que um reflexo de Sharon no espelho, e a animosidade e a intolerância dos dois com razão eram consideradas grande obstáculo à paz — até que, com a morte de Arafat, um novo Sharon começou a emergir.

A retirada dos assentamentos de Gaza não levaria automaticamente a um acordo definitivo de paz; mesmo o processo de traçar as novas fronteiras de Israel ainda não foi sequer esboçado. Mas era, ou parecia ser, um novo começo.

Antes visto como vilão, Ariel Sharon não chegou a mudar sua imagem para a de herói com a tarefa crucial que não pôde completar. E cujo desfecho está agora mergulhado em incerteza.

ANEXO C – *Corpus imaturo*, subgênero *Crônica*.

Crônica 004

O Rio sediará o Pan

O Rio de Janeiro foi escolhido para sediar o Pan-Americano de 2007. **Devido à** proximidade do evento o governo está se mobilizando para terminar toda a infraestrutura deste grande evento.

Ao meu ver falta muito a ser feito e muito pouco tempo para se concluir os projetos. Com certeza, isso foi uma “jogada” por parte do governo para superfaturar essas obras. Invés de ter se programado, o governo resolveu deixar tudo para em cima da hora. Agora, operários trabalham durante vinte quatro horas por dia para tentar finalizar os projetos.

Contudo, espera-se que o descaso do governo não manche o evento, **pois** o mesmo trará dinheiro para o país através do turismo e gerará empregos para a população.

Crônica 005

O dia de azar

Fernando se considerava um mulato de sorte com apenas 26 anos estava para se casar com uma bela mulher, uma morena de corpinho violão. Depois de um ano de namoro e seis meses de noivado finalmente ia se casar, apesar de que nem conhecia o pai da noiva.

No dia do tão esperado casamento apesar do bom humor do Fernando ele sentia que tinha acordado com um sério caso de azar, **pois** ao se levantar deu uma topada no pé da cama, se cortou fazendo a barba e pegou um engarramento a caminho da igreja.

Porém quando o casamento começou ele esqueceu essas ideias e se concentrou no mais importante dia de sua vida. Ao final da cerimonia quando saia da igreja um senhor de meia idade lhe barrou o caminho. No momento que Fernando com um sorriso no rosto se dirigiu ao velho, tomou um forte tapa no rosto e antes de conseguir reagir tomou outro mais forte ainda, quando se recuperou do atordoamento interrogou a esposa com o olhar que acanhado revelou que o velho era seu pai. Plz! Que bela maneira de conhecer o sogro.

Muitas horas depois o casal já estava de volta a casa arrumando as malas para a viagem de lua de mel que ocorreria as 5 horas da manhã do dia seguinte ou seja daqui a 6 horas.

E apesar do cansaço e da necessidade de arrumar as malas a esposa recém casado com seu ar matreiro conseguiu o que queria de seu marido.

Depois lá pelas três da manhã Fernando se levanta e se dirige ao banheiro mais no caminho tropeça nas malas e se estatela no chão. Pronto. Quebrou o nariz. Sangue e mais sangue escorre pelo rosto, enquanto ele e a esposa escancam o sangramento e poem gelo para evitar o inchaço, tudo inutil, o nariz cresceu tanto que parecia uma bola e quando olharam o relógio viram que ja era quase 4:30 da manhã, tiveram que ir correndo até o aeroporto.

Chegando lá descobriram que não havia carregadores e Fernando se virou para levar as malas até a area de espera e de la viram pela tela de

programação que o voo deles foi cancelado **devido o** mal tempo. Então Fernando se lembra do dia e fala: Realmente eu acordei com um sério caso de azar.

Crônica 007

Um fato inusitado

João da Silva morado da favela da Rocinha **por falta de** opção, consegue com muito sacrifício um carro usado antigo.

Naquela mesma noite, toca na rádio da polícia: “_Suspeita de contrabando de droga em Botafogo, encaminhar viaturas e sentinelas para averiguar o caso”.

Blits se instalam nas principais avenidas do bairro Policiais estão por toda a parte a procura de pistas...

João nesse momento encontrava-se junto aos seus cinco filhos e mais um outro que ainda estava no ventre de sua esposa a qual também se encontrava presente, naquele humilde barraco.

De repente, sua esposa sente dores de parto e sua bolsa estoura, **por ela ter** pressão alta, eles entram no carro e saem desesperadamente em direção ao hospital central de Botafogo.

Os policiais querem parar João na Avenida principal, desesperado ao ver sua esposa hipertensa desmaiar, ele acelera ainda mais, eles atiram e acertam João na cabeça.

Enquanto isso, o verdadeiro traficante louro de olhos azuis, bem apresentado passa com sua Bleizer novíssima por eles tranqüilamente sem ser parado e quando os moradores da Rocinha ficam sabendo do fato inusitado, começam uma rebelião.

A tropa especial da polícia sobe na favela para abafar a rebelião. Há troca de tiro para todo lado, muitos inocentes estão mortos, inclusive os cinco filhos de João e de sua esposa... ninguém sabe notícias.

Crônica 008

O empadão maldito

Era segunda de manhã, tinha acabado de chegar ao colégio depois de três horas bem dormidas de viagem, estava com fome, e como se fosse coincidência um aluno estava vendendo empadão no alojamento, não resistindo comprei, ao começar a comer vi que o empadão era muito ruim, então dei para outro aluno, como iria pagar na próxima semana, ele anotou no espelho do seu armário o meu nome e a quantidade de dinheiro que devia.

Depois de uma semana, teve revista de armário para ver se tinha alguma irregularidade, ao passar revista no armário do aluno que estava vendendo empadão, viram o meu nome no espelho, **como** era proibido qualquer tipo de comércio fui devidamente papirado.

Dois dias depois, fui julgado e tomei cinco impedimentos que somados com outros cinco me deu vários dias a bordo, ficando preso sem ir para casa um mês.

Depois destes acontecimento aprendi a não compra nada a fiado, e nunca mais comi empadão.

Crônica 011

A ponte

Lembro-me bem daquele dia, era uma sexta. Há pouco estávamos todos na porta do colégio, era mais um dia de aulas chatas, e o encontro dos alunos na porta do colégio antes do toque do sinal, se tornava quase um ritual.

Sempre antes do início das aulas planejavamos o que iríamos fazer naquele dia, antes, depois ou até mesmo durante a aula, matá-las já era algo costumeiro para nós, não havia o menor problema, nós matávamos as aulas daquele dia e voltávamos para o colégio ao término de todas elas, assim não deixávamos suspeitas.

Naquela sexta-feira, decidimos que iríamos à ponte dos pescadores, era uma ponte antiga, com mais ou menos oito metros de altura, de concreto meio gasto e com algumas vigas expostas ao tempo. Achávamos que era divertido pular daquela ponte, era engraçado ver os saltos diferentes de Marcelo, as cambalhotas de Filipe ou os quase ornamentais saltos de João. Eu era sempre o último a pular, gostava de ter certeza de que na de errado poderia acontecer, sinceramente, nem gostava muito de saltar, sempre tive um certo medo, e quer saber a verdade, achava aquilo meio idiota e arriscado, confesso que estava ali **porque** gostava da companhia deles, sempre fui um cara tímido, quieto e até de certo modo receoso à certas aventuras.

Era sexta-feira, estávamos matando aula, Felipe e João já haviam pulado, restavam apenas eu e Marcelo. Marcelo começou a caçoar de mim **porque** eu sempre era o último, falava que só ia pular depois que eu pulasse, aquilo me deixou ainda mais nervoso, e quando ele veio em minha direção querendo me impurrar, eu gelei, começamos a lutar em cima daquela ponte velha, eu era mais forte, e **por estar** com medo não tive noção da minha força, eu o empurrei...

Tínhamos quatorze anos naquela época, Marcelo era um grande amigo, nossas famílias eram amigas, conviver com a sua perda tem sido difícil, carregar a culpa **por ter** causado sua morte é ainda pior. Nós nunca mais fomos os mesmos, sei que ele jamais me culparia, foi uma brincadeira, mas se eu pudesse realizar um desejo impossível, não pensaria duas vezes, todos sabem muito bem o que seria.

Crônica 012

A viagem

Viajar nunca foi muito fácil para mim, quando viajo de avião carro, ônibus ou até mesmo de navio, eu passo mal, sinto enjôo, não consigo dormir e algumas vezes minha pressão cai e fico tonto. Dentre todas as viagens que já fiz a pior de todas foi a minha última. **Como** moro em São Paulo e estudo em Angra dos Reis toda vez que vou para casa passo oito horas dentro de um ônibus, a viagem naturalmente para mim não é boa e além disso a única empresa que faz a linha Angra - São Paulo vai pela pior estrada que tem, o ônibus vai pela estrada Rio – Santos, essa via tem muitas curvas o que faz-me sentir pior ainda para piorar o ônibus da empresa não é nem um pouco confortável. Todos esses fatores já seriam

suficientes para a minha ida para casa ser um inferno, mas a última vez que fui para casa teve um toque especial. Tomei o ônibus que sai as 15:00 horas, já no começo da viagem uma criança começou a chorar e passou pelo menos umas duas horas chorando, sentou-se ao meu lado um estrangeiro que pelo visto e pelo fedor não tomava banho a uma semana. Na primeira cidade que paramos embarcou uma outra criança acompanhada de sua mãe, um pouco antes do meio do caminho a criança passou mal e vomitou no ônibus, **como** o ar condicionado não estava funcionando direito e as janelas são lacradas e não dá para abrir o cheiro que ficou no ônibus era insuportável. Após uma longa e maldita viagem cheguei em casa e para a minha sorte choveu o final de semana todo.

Crônica 021

A Escolha

Fui dormir tarde neste dia e a vontade de acordar logo era muito maior do que o cansaço que sentia. O dia seguinte seria muito importante para mim **porque** a escolha que iria fazer poderia mudar completamente minha vida.

Acordei durante a madrugada, pensando que o céu já estava claro, porém frustrei-me ao ver que a escuridão da noite ainda estava presente. Com muita dificuldade consegui dormir novamente.

Às 7 horas da manhã levantei-me num pulo e em minha face estava estampada uma grande ansiedade pelo desenrolar daquele dia. Arrumei-me rapidamente e saí de casa rapidamente embalado de nervosismo e indecisão.

Em meia hora cheguei ao local que poderia ser a minha felicidade ou decepção: a Universidade. Eu estava prestes a escolher uma área da minha profissão e era muito importante para mim.

Passados vinte anos deste acontecimento, agora vejo o quanto ingênuo era, **pois** a coisa mais importante para minha vida eu já tinha: Minha família e meus amigos. E essa escolha não era tão importante quanto isso.

Crônica 025

CRISES NA ADOLESCÊNCIA

Há sete anos atrás, com onze anos, eu era aquele garoto que achava que já tinha crescido o suficiente e que podia fazer tudo o que quisesse e ir a qualquer lugar independentemente da opinião dos meus pais.

Foi então, que numa tarde como outra qualquer, eu estava em casa sem fazer nada e resolvi ir ao Shopping. Meu irmão, que era mais velho do que eu dois anos, estava em casa e disse para eu não ir, **já que, como** não tinha ninguém para me acompanhar e teria que ir sozinho. E então eu disse:

_Pode deixar que eu vou sozinho numa boa.

_Nossos pais não vão gostar nada disso - disse meu irmão.

Eu me achando o adulto responsável me vesti e fui para o ponto ônibus.

Ao chegar no Shopping comprei coisas desnecessárias, como qualquer outro adolescente faria, e fui para o fliperama para passar o tempo. Depois lanchei e resolvi ir embora, feliz com as "bujingangas" que carregava. Fui até o ponto de ônibus mais próximo, estava escurecendo e o ponto de ônibus estava deserto.

Não demorou muito e o ônibus chegou, eu fiz sinal para ele parar e no mesmo instante um homem armado se aproximou mandou eu ficar quieto, pegou as minhas compras, minha carteira, me empurrou para dentro do ônibus e saiu correndo. E foi assim que eu voltei para casa, de carona no ônibus e com uma mão na frente e outra atrás. Quem mandou ser rebelde.

Crônica 026

O último Carnaval

Chegou fevereiro, de início não era uma notícia boa, **visto que** tínhamos, eu e minha turma inteira, que voltar ao colégio para fazer uma segunda chamada de inglês e, para isso, teríamos que passar uma semana lá. Porém, depois dessa semana, tínhamos um restinho das férias, e que férias, **pois** a última semana era a de Carnaval, o tão esperado e planejado Carnaval. Foi em Saquarema que eu e um grupo de amigos decidimos passar esse clima de festa. Chegamos lá. A primeira coisa que fizemos foi largar as malas na nossa casa alugada e ir para a praia. Todas as noites íamos a cidade onde havia dois trios elétricos. Dançávamos. Bebíamos. Conhecíamos pessoas novas, principalmente as garotas, **já que** tínhamos outros interesses com elas e, muitas vezes, conseguíamos o esperado. Infelizmente, no terceiro dia fiquei doente e no quarto tive que me separar dos meus amigos e voltar para casa, mas quando iniciamos as aulas tudo que lembrávamos era toda a diversão que tivemos e até hoje rimos dessa histórias.

Crônica 045

A grande mão

Estou triste. Aliás triste não, magoado. Uma mágoa comparável a dor da perda de um ente querido. Observando os fatos, vejo que tenho motivos de sobra para estar assim. Era mais um dia no estafante cotidiano daquele colégio interno. Havia um clima de intenso desgaste entre os alunos, **uma vez que** era período de provas. Até mesmo discussões mais sérias eram observadas. Foi nesse contexto de extremo nervosismo que o desastre aconteceu. O amigo OMDE, amigo de longa data, foi o personagem principal dessa tragédia.

Você deve estar se perguntando que fato pode ser tão grave. Abuso de poder. Porém, para o diretor daquele Colégio, pedir a um calouro que ele faça uma tarefa não se enquadra nesse artigo, mas no de trote. E trote é passível de expulsão. Você já sabe o resultado.

Aqui começa a minha discussão. Até onde outro ser humano pode interferir nas nossas vidas? Vivemos para pagar impostos, cumprir nossos deveres e exercer nossos direitos. ONDE era um modelo exemplar de cumprimento dessas metas, porém por um simples não, seu caminho foi desviado. Assim, esta é a pergunta que não consigo achar uma resposta. Quem controla nossas vidas, Deus?

Crônica 061

A exposição da vida

Uma menina da alta sociedade de uma pequena cidade relacionava-se ao mesmo tempo com dois homens, e isso foi exposto na internet.

No dia seguinte o pai da menina não conseguia olhar para o espelho sua mãe apenas chorava e ela quase foi linchada pelos seus colegas de faculdade, faculdade de direito onde se estuda até onde vai a liberdade do ser humano.

Um choque fatal atingiu essa família, **pois** a sociedade que coloca o livro “O doce veneno do escorpião” como best-seller foi a mesma que renegou a menina do interior, **por que** esses dois parâmetros? Pensa a menina nos seus momentos de reflexão.

A sociedade não está pronta para aceitar a realidade, o caso de Bruna Surfistinha ainda está distante da maioria das pessoas, mas uma menina do interior está próximo de todos, poderia ser em qualquer lar.

Tendo em vista essa aproximação de ator considerados abominados, a sociedade reagiu, mostrando que apesar de tudo ainda quer zelar pelos valores da família.

Por fim a menina recorreu aos meios judiciais para reparar sua ferida moral, enquanto isso sua família procura outra cidade para viver.

Crônica 076 Ø

Voltando para casa

Ao chegar no Rio, após uma exaustiva viagem Angra-Rio, me aproximo de um taxi, que parecia estar esperando a minha volta.

O taxista, um senhor de idade, bem vivido, pergunta logo o itinerário. Parecia estar trabalhando a muito tempo naquele dia. O individuo, que não tive a oportunidade de perguntar o nome, apenas reclamava da vida e do trânsito. Num momento de muito silêncio, tive a ingenuidade de puxar uma conversa. Queria saber como estava o meu Flamengo, a violência, como foi a novela essa semana. Com poucas palavras o homem para o carro num sinal na entrada da Ilha, comenta que vive apenas para o trabalho e volta a reclamar de tudo e de todos.

Aprendendo com meu erro, paro e reflito sobre a vida. Penso como foi a semana, como será o meu fim de semana, como será o meu futuro. Em meio de devaneios, percebo que o taxi está perto de casa. Rapidamente indico as ruas e finalmente vejo minha bela residência.

O senhor fala o preço da corrida e pede que eu saia com certa rapidez. Pago e saio do carro, vendo na porta de casa, os olhos de minha mãe, esperando apreensiva ao meu regresso.

Ela vem ao meu encontro, me abraça forte, enquanto vejo o taxi descer rapidamente a rua. Naquele momento percebo que tive a melhor conversa da minha vida, comigo mesmo.

Crônica 079 Ø

Saudade

De fato, um dos piores momentos do dia para um jovem estudante é a ida matinal para a escola.

As faces amassadas pelo travesseiro, os livros pesando nas costas... Costumava acompanhar este movimento sazonal com uma enorme preguiça e, muitas vezes, sentiam inveja dos alunos do turno da tarde que tinham mais horas de sono e até podiam dar-se o luxo de assistir os programas de desenho na TV, sem falar na Xuxa!

Bons tempos aqueles... Mas confesso que custei a perceber que um dia cresceríamos (a Xuxa nem tanto...) e todos acabariam acordando cedo! Caras amassadas, pastas pesadas... Ah! Que saudade!

Crônica 086 Ø

Domingo de Sol

Numa tarde de domingo, dia 5 de fevereiro de 2005, eu estava indo comprar pão com meu cachorro, chegando a padaria, eu vi uma família não muito grande, com três pessoas, sentada ao meio fio perto da entrada da padaria.

Entrei comprei meus pães e sai. O meu cachorro se assustou com um carro na rua e pulou em cima de mim, rasgando totalmente o saco que estava com os pães. Imediatamente a família que se encontrava próximo da entrada da padaria, correram para catar os pães que estavam no chão. Eu meio assustado pensei que eles iam me assaltar, foi quando o homem que parecia ser o mais velho daquela família, juntou todos os pães e me deu. Foi naquela hora que percebi que a forma como eu havia tratado aquela família, quando entrei na padaria, foi totalmente fora dos padrões de que aquela família merecia, tratei-os com desprezo, mas logo voltei atrás e percebi que eles eram especiais e mereciam um pouco mais de mim, foi quando voltei até eles e lhes ofereci um ótimo café da manhã, mas tenho certeza que esse café que eu lhes ofereci, não chega nem perto do que realmente eles merecem.

Crônica 088 Ø

Um dia após outro

Um belo dia acordei pensando que iria ser diferente dos outros porém não foi o que aconteceu. Eu escovei os dentes, fiz barba, me arrumei e tudo isso em 25 minutos para descer para o “reunir” ainda correndo. Tomei o meu café com pão e fui para a sala de aula onde dormir nas duas primeiras aulas. Mas quando pensei que o dia seria igual aos outros a professora entrou na sala me dando duas péssimas notícias: o primeiro é que teria um trabalho de língua portuguesa para entregar em pouco tempo valendo nota na 3ª avaliação e a segunda é que a prova do 2º bimestre teria a possibilidade de cair uma redação. Apesar de ter feito o trabalho com o título: “Um dia após outro” terminei o dia com a nítida sensação de ter produzido algo diferente.

Crônica 097 Ø

Meu 30ª serviço final de semana

Um jovem de estatura baixa e com um rosto nada amistoso ficou de serviço e lamentava o seu destino: os serviços de finais de semana.

Em uma conversa amistosa e sincera este jovem relatou fatos acerca de todos os serviços que o foram atribuídos e seus “defeitos”, sendo os “defeitos” predominantes em relação aos fatos. Este jovem, pensativo, relatou com convicção o orgulho que tinha em ver o “superior” relatar os seus méritos, no entanto, foi firme ao falar sobre os maus exemplos que passavam em seu caminho, um exemplo disso foram seus colegas irem para seus respectivos lares e rirem de seu destino tao triste.

Alegria, temores e tristeza surgiam nesta alma, no entanto a esperança de um futuro promissor leva-o a seguir em frente.

ANEXO D – *Corpus* maduro, subgênero *Notícia*.

Notícia 002

Analfabetismo: pior do que na Bolívia

O Globo 19/09/08

Brasil tem taxa de 10%: 14 milhões de jovens e adultos não lêem nem escrevem

A melhoria de renda e de emprego, assim como a queda na desigualdade, não está sendo acompanhada, no governo Lula, por avanços na educação. Nessa área, segundo dados da Pnad/2007 divulgados pelo IBGE, o país enfrenta um retrocesso. O número de estudantes de 15 a 17 anos nas escolas caiu 1,6%. O Brasil tem mais analfabetos que países como Bolívia e Suriname.

O governo Lula chegou ao quinto ano com 14,1 milhões de jovens e adultos analfabetos no país, segundo a última Pnad. A pesquisa foi realizada em setembro de 2007 e revelou que o país permanecia com uma taxa de analfabetismo de dois dígitos - 10% (incluindo o Norte rural) - entre a população de 15 anos ou mais. Em números absolutos, havia mais iletrados que a população da Suécia e da Noruega juntas. De 2006 para 2007, a taxa brasileira caiu de 10,4% para 10%. No Nordeste, 19,9% da população permaneciam sem saber ler e escrever.

O ligeiro recuo na taxa nacional, porém, nada contribuiu para melhorar a posição do Brasil num ranking latino-americano de 22 nações: o país ocupava a 15ª posição, atrás de Bolívia (9,7% de analfabetos), Suriname (9,6%), México (7,6%), Paraguai (6,3%), Chile (3,5%) e Argentina (2,4%). Em situação pior, estavam apenas República Dominicana (10,9%), Jamaica (14%), El Salvador (14,5%), Honduras (16,9%), Nicarágua (19,5%), Guatemala (26,8%) e Haiti (37,9%). Cuba tem a menor taxa: 0,2%.

A comparação usou dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

- É preocupante. O número de analfabetos ainda está muito alto - disse o representante da Unesco no Brasil, Vincent Defourny.

O IBGE calcula também o chamado analfabetismo funcional, que considera a população com menos de quatro anos de estudo. No ano passado, 21,6% dos brasileiros estavam nessa situação. No Nordeste, o índice alcançava 33,5%, ou seja, mais de um terço da população.

O secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação, André Lázaro, disse que o ritmo de redução é inferior ao desejado, mas acentuou a tendência de queda: em 2004, a taxa era de 11,4% e caiu para 11,1%, em 2005, e 10,4%, em 2006.

- É lenta, mas consistente.

Lázaro criticou o governo de São Paulo, lembrando que o estado tinha o segundo

maior número de analfabetos no país, atrás somente da Bahia, mas não investia em ações para combater o problema.

- São Paulo tem o segundo maior número de analfabetos, mas nenhum programa de alfabetização de jovens e adultos - disse Lázaro.

O Brasil Alfabetizado foi lançado em 2003, quando a prioridade do governo Lula era erradicar o analfabetismo na gestão do então ministro Cristovam Buarque. O programa investirá R\$300 milhões este ano para atender 1,3 milhão de jovens e adultos. Segundo Lázaro, 30% das matrículas costumam ser de quem já sabe ler e escrever.

Até hoje, o governo desconhece o impacto do programa, **pois** não sabe quantos alunos efetivamente são alfabetizados. Em 1992, a taxa de analfabetismo brasileira era de 17,2%.

Nesse período de 15 anos, a maior redução ocorreu no Nordeste: de 32,7% para 19,9%.

Não é preciso ir longe para ver que o analfabetismo vai demorar a acabar em Pernambuco, onde os próprios órgãos oficiais calculam que há 100 mil crianças fora da escola. Alberto Barbosa da Silva, de 13 anos e morador de Cabo de Santo Agostinho, é uma delas. Já tentou estudar duas vezes, mas não conseguiu aprender nada. Diz que não gosta de colégio. No ano passado, matriculou-se, mas só ficou no colégio por um mês. Não sabe ler, escrever e nem mesmo assinar o nome. Sua tia, Edite Barbosa da Silva, de 28 anos, parou de estudar ao 18. Coursou até a 4ª série: sabe ler e escrever "mais ou menos".

No Nordeste, as taxas de analfabetismo chegam a 19,9%. Mas há municípios, como Gameleira, onde 25% dos maiores de 20 anos não sabem ler nem escrever. No meio rural, esse número chega a 57%.

Notícia 008

Chávez afasta cônsul da Venezuela em Houston e agrada os EUA

O Globo 11/11/2008

CARACAS - O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, informou na terça-feira que demitiu o cônsul venezuelano em Houston **por violar** regras ao abrir novos escritórios. A manobra deve colocar ponto final em uma polêmica surgida depois de os EUA terem reclamado da atitude do diplomata.

O consulado de Houston é importante para a Venezuela porque a cidade é um centro aglutinador de grande parte dos negócios do país latino-americano no setor petrolífero. Apesar das conturbadas relações mantidas entre os dois países, a Venezuela continua a ser um dos maiores fornecedores do combustível para os Estados Unidos, seu maior comprador.

O governo americano afirmou ter convidado os funcionários venezuelanos a deixarem o país depois de uma nova base para o consulado em Houston ter sido montada sem a autorização prévia dos EUA. Chávez frisou, no entanto, que os venezuelanos não foram expulsos pelo governo americano.

- Nós afastamos o cônsul e esclarecemos a situação - afirmou Chávez em uma entrevista concedida ao canal estatal de TV da Venezuela, segundo um comunicado divulgado pelo Ministério da Informação.

O presidente expulsou o embaixador americano da Venezuela em setembro. Desta vez, Chávez evitou alimentar a tensão, culpando o cônsul **por agir** sem ter recebido autorização formal nem mesmo da Embaixada da Venezuela em Washington.

Desde a vitória nas eleições presidenciais americanas do democrata Barack Obama, na semana passada, Chávez tem feito ofertas aos EUA para aliviar as tensões. Apesar de analistas políticos afirmarem haver poucas chances de a postura mais simpática durar muito, espera-se uma melhora nas relações durante um período curto de tempo, enquanto os dois lados tentarem mostrar que não são o responsável pelos conflitos.

Notícia 011

Lucro da Vivo salta quase trinta vezes, para R\$ 129,8 milhões

O Globo **11/11/2008**

SÃO PAULO - A operadora de celular Vivo fechou o terceiro trimestre de 2008 com lucro líquido de R\$ 129,8 milhões, volume quase trinta vezes maior que o ganho apurado em igual período de 2007, de R\$ 4,4 milhões. A melhora foi consequência da aquisição da Telemig e também de um crescimento orgânico da receita e das margens da companhia. Levando em conta os números do resultado combinado, com a Telemig já considerada no terceiro trimestre do ano passado, o lucro apresenta avanço de 204,7%, saindo de R\$ 42,6 milhões para R\$ 129,8 milhões.

Entre julho e setembro deste ano, a receita operacional líquida da Vivo foi de R\$ 4,078 bilhões, com um salto de 25,5% sobre o mesmo intervalo de 2007. Na comparação que incorpora a Telemig, o crescimento foi de 13,7%. A empresa fechou o mês de setembro com uma base de 42,27 milhões de clientes, o que revela uma alta de 35% em 12 meses e de 20,6% considerando apenas o crescimento orgânico.

Com relação às vendas, o destaque foi o desempenho da receita com dados e Serviços de Valor Agregado (SVAs), que aumentou 40,6% (no resultado combinado), para R\$ 364,5 milhões.

Ao mesmo tempo, os custos e despesas operacionais da companhia mostraram evolução mais modesta, saindo de R\$ 2,415 bilhões no ano passado para R\$ 2,761 bilhões este ano no resultado publicado, com alta de 14,3%. Nos números combinados, a alta de despesas foi de 4,4%.

Desta forma, a Vivo teve lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) de R\$ 1,316 bilhão no terceiro trimestre deste ano, um salto de 57,9% sobre 2007 (e de 39,8% considerando a Telemig). A margem Ebitda, que mede a relação entre este indicador e a receita líquida, atingiu 32,3%, um avanço de 6,6 pontos em relação aos 25,7% do ano anterior (26,3% com Telemig).

De acordo com o presidente da empresa, Roberto Lima, a Vivo começa a mostrar melhores resultados após resolver questões estratégicas como a adoção da tecnologia GSM e o aumento da cobertura nacional. Atualmente, os clientes GSM já representam 62% da base da empresa, ante pouco mais de 20% em setembro do ano passado. Isso permite ganhos de escala em termos de custos de infra-estrutura, a venda de aparelhos mais baratos, o uso mais intenso do celular por clientes em viagens na Europa, por exemplo, e também a captura de tráfego de mais estrangeiros no Brasil.

Já o aumento da cobertura, com a entrada em Minas Gerais e também nos estados do Nordeste em que a empresa ainda não atuava - processo que ainda está em andamento - eleva a base de clientes e também traz benefícios ligados ao serviço de roaming.

Ao ser questionado se a Vivo manterá este nível de margem Ebitda alcançado no trimestre, Lima não quis se comprometer com resultados, **já que** a empresa não divulga previsões (guidance) sobre o futuro, mas disse que " tem o objetivo de mantê-la elevada ", diante dos investimentos que são necessários no setor.

Ao longo deste ano, a Vivo deve realizar um investimento total de R\$ 6,1 bilhões, sendo R\$ 2,7 bilhões ligados à Telemig, R\$ 1,2 bilhão por conta da licença de operação da tecnologia 3G e o restante em infra-estrutura. Apenas no terceiro trimestre, os investimentos somaram R\$ 868 milhões.

Notícia 012 Ø

Busca por Osama bin Laden será prioridade de Obama, diz jornal

O Globo 11/11/2008

RIO – O presidente eleito dos EUA, Barack Obama, vai adotar uma estratégia mais regional para a guerra do Afeganistão, o que incluiria conversas com o Irã, segundo reportagem da edição desta terça-feira do jornal "Washington Post". Obama também pretende voltar a se concentrar nas buscas por Osama bin Laden, afirmou o "Post", citando assessores de segurança nacional do democrata. O futuro governo vai ainda destacar a importância de dar continuidade ao combate aos talibãs baseados no Paquistão – onde acredita-se que Bin Laden esteja escondido -, mas quer lembrar que a luta contra os terroristas islâmicos começou em 11 de setembro de 2001 e que o líder da Al-Qaeda continuará sendo a prioridade da política de segurança americana.

“Esse é nosso inimigo e deve ser nosso principal alvo”, disse ao jornal um assessor de Obama falando sobre Bin Laden”.

Crítico declarado da estratégia do governo Bush de priorizar a guerra no Iraque, Obama também quer manter o compromisso firmado na campanha de mandar mais tropas para o Afeganistão, onde o número de soldados americanos mortos atingiu este ano o maior nível desde o início da ofensiva dos EUA, em 2001. A medida deve agradar setores do Exército, que criticam, entretanto, sua proposta de ordenar o retorno das tropas americanas no Iraque dentro de 16 meses.

A equipe de Obama ainda está avaliando os documentos confidenciais que o presidente eleito recebeu na semana passada da CIA (Agência Central de Inteligência), mas alguns pontos da estratégia do próximo governo já estariam desenhados. O Irã, por exemplo, foi mantido à distância pelo governo Bush, mas pode ser chamado na formulação de uma nova estratégia para o Afeganistão, segundo um oficial de alta patente citado na reportagem do “Post”.

“Conforme olhamos para o futuro, seria útil termos um interlocutor” para explorar objetivos comuns, disse essa fonte ao jornal sobre o Irã.

De acordo com esse funcionário, os iranianos “não querem extremistas sunitas no governo do Afeganistão mais do que nós”. Segundo os assessores de Obama, o presidente eleito deverá também apoiar as negociações entre o governo afegão e integrantes “reconciliadores” do Talibã, um esforço recente ao qual o Departamento de Estado americano tem sido indiferente.

Notícia 013 Ø

Articulista do ‘Washington Post’ aposta em Al Gore como secretário de Estado

O Globo 11/11/2008

RIO – A lista do primeiro escalão do futuro governo de Barack Obama deve começar com Al Gore. Esta é a opinião de Richard Cohen, importante articulista do “Washington Post”. Em editorial, Cohen afirmou que “se existe uma única indicação que Obama poderia fazer para mostrar o quão dramaticamente as coisas vão mudar em Washington esta seria a de Al Gore – ex-deputado, ex-senador, ex-vice-presidente e atual Guardiã do Planeta – como secretário de Estado”. O jornalista acrescenta, com uma pitada de humor: “Para todos os outros aspirantes ao cargo, sinto muito – esta é a uma verdade inconveniente”.

Para Cohen, Gore é o mais capacitado para conduzir e preparar os EUA para as mudanças mundiais:

“Você pode imaginar uma anúncio mais forte para uma nova direção diante do aquecimento global e da preocupação geral com o nosso explorado planeta? Gore venceu o Nobel da Paz por seu trabalho nessa área (e um Oscar) e sua indicação seria um sinal de uma significativa mudança em relação à indiferença da Era Bush,

que deu de ombros ao Tratado de Kyoto. Em um só golpe, os EUA emergiriam como o líder das nações em um esforço para salvar o planeta de nós mesmos e poderia se preparar para as conseqüências de um mundo transformado.”

“ Para todos os outros aspirantes ao cargo, sinto muito – esta é a uma verdade inconveniente “

O democrata Gore votou a favor da Guerra do Golfo (contra o Iraque, que invadira o Kuwait), em 1991, e contra a Guerra do Iraque (2003) – da mesma forma que Obama.

Antes das primárias democratas para a Presidência, o nome de Gore era fortemente citado como possível candidato à Casa Branca. Recentemente, Gore afirmou que os EUA “precisam fazer um resgate de emergência da civilização humana”.

Para o cargo de secretário do Tesouro, Cohen joga as suas fichas em Lawrence Summers, ex-reitor de Harvard. “Ele é um liberal, mas não um daqueles que provocam alarme nos mercados”, escreveu.

Notícia 016 Ø

Estratégia: Obama apoiaria contato entre Cabul e rebeldes e buscaria auxílio do Irã

O Globo 11/11/2008

WASHINGTON - O futuro governo Obama planeja explorar uma estratégia mais regional na guerra no Afeganistão - incluindo possíveis conversas com o Irã - e olha com simpatia o nascente diálogo entre o governo afegão e "elementos reconciliáveis" do Talibã, de acordo com assessores para segurança nacional do presidente eleito.

Segundo a edição do Globo desta quarta-feira, Barack Obama também pretende renovar o compromisso de perseguir Osama bin Laden - uma prioridade que acredita que o presidente George W. Bush menosprezou após anos de tentativas fracassadas de capturar o líder da al-Qaeda. Criticando Bush durante a campanha, acusando-o de se concentrar no Iraque às custas do Afeganistão, Obama também pretende enviar mais tropas a Cabul.

Essa abordagem deve ser bem recebida por um certo número de funcionários do governo que defendem um curso mais agressivo e criativo para o conflito em deterioração. Os ataques talibãs e as mortes entre soldados americanos são os mais altos desde que a guerra começou em 2001.

Alguns comandantes militares olham com cautela para o compromisso de Obama de ordenar a retirada das tropas do Iraque em 16 meses - uma ordem que conselheiros dizem que ele deverá dar já nas primeiras semanas no cargo. O almirante Michael Mullen, chefe de Estado-Maior Conjunto, chamou tal cronograma de perigoso.

Outros desconfiam do futuro governo, que vêem como despreparado para as guerras de contra-insurgência que vêm consumindo suas Forças Armadas nos últimos sete anos.

Notícia 018

PMDB pressiona governo para reaver pasta da Justiça e dar em troca comando do Congresso

O Globo 11/11/2008

BRASÍLIA - Com a polêmica sobre a Operação Satiagraha rondando a Polícia Federal e o Ministério da Justiça, setores do PMDB vislumbram a possibilidade de o partido voltar ao comando da pasta e pressionam o governo a demitir o ministro Tarso Genro. Segundo reportagem de Maria Lima e Adriana Vasconcellos publicada nesta quarta-feira no GLOBO, dirigentes do PMDB dizem que a intenção não é ampliar seu espaço no governo, mas fazer uma troca, levando para o lugar de Tarso o ministro da Defesa, Nelson Jobim - operação relacionada diretamente à eleição dos novos presidentes da Câmara e do Senado.

Disposto a fazer o senador Tião Viana (PT-AC) presidente do Senado, Lula, que pretende discutir a sucessão no Congresso quando chegar de viagem da Itália, estaria disposto a aceitar a troca se, em contrapartida, o PMDB desistir de lançar um candidato. A negociação facilitaria o acordo entre PT e o PMDB, que lançariam Michel Temer (PMDB-SP) para suceder Arlindo Chinaglia (PT-SP) para a presidência da Câmara.

Segundo peemedebistas, o ex-presidente José Sarney (PMDB-AP) tem interesse na troca de comando no ministério, **pois** isso poderia tirar seu filho Fernando Sarney da mira da PF. O filho do ex-presidente é suspeito de ter movimentado mais de R\$ 2 milhões às vésperas da eleição de 2006, que teriam favorecido a campanha da irmã Roseana ao governo do Maranhão.

Notícia 020

Itagiba diz que CPI dos Grampos está à disposição de Protógenes e critica sigilo de Justiça

O Globo 11/11/2008

RIO - O presidente da CPI dos Grampos, Marcelo Itagiba (PMDB-RJ), afirmou nesta terça-feira que a comissão está à disposição para ouvir a versão do delegado Protógenes Queiroz, que coordenou a Operação Satiagraha, responsável pela prisão do banqueiro Daniel Dantas. Depois de passar as últimas semanas submersa, a comissão retoma os trabalhos nesta quarta-feira.

- É importante o delegado Protógenes poder colocar seu ponto de vista. A CPI está à disposição do delegado Protógenes para que ele venha e coloque a sua versão.

Se tiver a necessidade requerimentos, nós vamos votar requerimento nesse sentido - disse Itagiba em entrevista à rádio CBN.

- Na primeira vez que ele foi chamado à CPI, nosso objetivo era justamente trazer provas que permitissem a nós podermos ter elementos para a investigação feita contra o Daniel Dantas, que é acusado em outra vara criminal da prática de interceptação indevida junto com Kroll. Naquele momento, o delegado Protógenes foi muito reduzido na sua resposta **porque** muitas questões estavam sob sigredo de Justiça - completou.

O parlamentar aproveitou para criticar o sigilo de Justiça que, segundo ele, "só favorece ricos e poderosos".

- Sigredo de Justiça que nós devemos começar a questionar. O sigredo de Justiça hoje só favorece aos ricos e poderosos. Não permitindo que as pessoas e a imprensa de uma maneira geral tenham acesso a dados relativos a pessoas que praticam crimes. É uma questão que deve ser enfrentada senão fica um acobertamento da criminalidade do andar de cima - afirmou.

Itagiba comentou ainda o anúncio feito, na véspera, pelo ministro da Justiça, Tarso Genro, de que o inquérito sobre Daniel Dantas está sendo refeito.

- Espero que 'refazimento' (sic) do inquérito seja para aprimorar provas contra aquela organização criminoso de colarinho branco que se instalou no país. Espero que seja para corrigir algum desvio, algum excesso ou alguma possibilidade que esses indivíduos escapem dos crimes praticados - afirmou Itagiba, lembrando que já existe um requerimento aprovado para que Tarso compareça à CPI para prestar esclarecimentos.

- Ele deverá ser chamado em breve para prestar esses esclarecimentos. Não só ele como a própria Polícia Federal - acrescentou.

Indagado sobre os próximos passos da CPI, o deputado respondeu:

- A CPI vai continuar na sua trilha de demonstrar vários tipos de grampos indevidos, grampos ilegais, equipamentos que são utilizados. E desrespeito à lei, não só por delegados de polícia, por promotores, mas mesmo pelos próprios juizes, que autorizam as interceptações, não as fiscalizam, as concedem por prazo superior àquela a lei permite, além de fazer com que toda essa questão seja publicada e vazada.

A PF deverá indiciar o Protógenes por cinco crimes: quebra de sigilo funcional, desobediência, usurpação de função pública, prevaricação, grampos e filmagens clandestinas. A pena mínima prevista para os crimes é de três anos e meio. A Superintendência da PF em Brasília, porém, nega que o delegado vá ser indiciado ainda esta semana porque o inquérito não foi concluído.

Notícia 040 Ø**Mais dois curtas brasileiros são selecionados para Cannes, na Semana da Crítica****O Globo 24/04/2008**

RIO - Foram anunciados esta quinta-feira os filmes selecionados para a mostra paralela do Festival de Cannes, a Semana Internacional da Crítica (15 a 23 de maio). Dois curtas brasileiros estão na lista. "Areia", de Caetano Gotardo, dividirá as honras da cerimônia de abertura com o longa "Les sept jours", filme franco-israelense de Ronit e Shlomi Elkabetz. Outro curta brasileiro foi selecionado para a mostra competitiva da Semana da Crítica: "A espera" de Fernanda Teixeira.

A Semana da Crítica é a mais antiga mostra paralela do Festival de Cannes e tem como vocação descobrir novos talentos. **Por este motivo**, seleciona apenas filmes de estréia ou no máximo as segundas obras de cineastas.

Notícia 042**Autores de 'Almanaque anos 80', Luiz André Alzer e Mariana Claudino lançam 'Os 10 mais', que traz 250 listas reveladoras****O Globo 11/06/2008**

RIO - Depois do sucesso estrondoso do "Almanaque anos 80" e no rastro do interativo "O jogo do Almanaque anos 80", a dupla Luiz André Alzer e Mariana Claudino volta às livrarias com "Os 10 mais - 250 rankings que todo mundo deveria conhecer" (Agir). No livro, os jornalistas reuniram listas diversas (música, esporte, mundo, meio ambiente etc), que desmitificam uma série de "verdades" nas quais sempre acreditamos. Uma delas é a de que a Mônica está na lista de "Os 10 personagens mais antigos da 'Turma da Mônica'". Aliás, essa foi uma das descobertas que mais surpreenderam a autora.

- E olha que eu achava que ela tinha sido a primeira... Outra coisa que me surpreendeu foi descobrir que inconstitucionalissimamente não é a maior palavra da língua portuguesa. É apenas a décima maior. Outra é que os mexicanos bebem mais Coca-Cola do que os norte-americanos. Quem diria! - exclama Mariana. - Alzer e eu somos fanáticos por listas. Ele até já colecionava algumas, e foi quem deu a idéia de escrevermos o livro. Fiquei empolgada de cara, **porque** adoro pesquisar, comparar dados, escarafunchar mesmo.

" Foi surpreendente descobrir que Padre Marcelo Rossi foi o mais vendido, que Xuxa tem quatro discos nesta lista e Roberto Carlos, nenhum "

Lista, parece coisa fácil de fazer. Mas ter como critério usar informações oficiais torna o trabalho bem mais difícil. Assim, pesquisando, entrando em contato com instituições e comparando informações obtidas a partir de diversas fontes, Luiz André e Mariana chegaram ao resultado final. "Os 10 discos mais vendidos no Brasil" foi uma das listas que quase não entraram no livro. A Associação Brasileira de Produtores de Disco (ABPD) não tem os números de antes da década de 80

computados em seus arquivos.

- Foi uma trabalhadeira cruzar as listas que tínhamos. Tivemos que fazer o levantamento das vendas com todas as gravadoras. Depois, foi surpreendente descobrir que Padre Marcelo Rossi foi o mais vendido, que Xuxa tem quatro discos nesta lista e Roberto Carlos, nenhum. Ele sempre vendeu discos, mas os números eram regulares a cada lançamento. Já Marcelo Rossi foi um estouro quando apareceu - comenta Luiz André Alzer. - Outra lista trabalhosa foi a "As 10 maiores bilheterias do cinema nacional", **porque** só existem números a partir de 1993, quando houve a retomada do cinema no Brasil. Conseguimos confirmar com a Ancine e descobrimos que, dessa época para cá, só "Dois filhos de Francisco" entra na lista.

O livro traz também listas encomendadas a celebridades e profissionais ligados a esporte, música e televisão. Pedro Bial listou "Os 10 participantes mais interessantes do 'Big Brother Brasil'". Jean Wyllys, que ocupa o décimo posto na lista do apresentador, também fez a sua: "As 10 melhores boates gays". O ex-jogador de basquete Oscar Schmidt escreveu sobre "As 10 maiores desvantagens de ter 2,05 metros de altura" e Ana Maria Braga (acreditem!) compilou "Os 10 jogos de videogame mais divertidos".

- Nós mandávamos três opções de listas, mas deixávamos as pessoas livres para fazerem a sua própria. A da Ana Maria é bem atípica. Eu nem sabia que ela gostava de jogar videogame - diverte-se Luiz André.

" Como leitora, eu adoraria ter uma lista minha no mesmo livro em que estão Gilberto Braga e Nelson Motta, por exemplo. "

E não são só os famosos que podem personalizar suas listas. Para não deixar ninguém com água na boca, Luiz André e Mariana liberaram uma versão do livro que só pode ser comprada através de um site, produzido pela Agência Frog (que faz todos os sites para a Ediouro, detentora dos direitos do selo Agir): nele, qualquer um pode escolher seus "10 mais". E, de acordo com os autores, já tem muita gente comprando para dar de presente, aproveitando o embalo do dia dos namorados. Na capa do livro, uma tarja avisa: "inclui lista de..."

- É o primeiro livro no Brasil que permite esse tipo de participação do público. A proposta torna possível unir três tipos de listas: as que pesquisamos, as dos famosos e as personalizadas pelo leitor. Como leitora, eu adoraria ter uma lista minha no mesmo livro em que estão Gilberto Braga e Nelson Motta, por exemplo. Além do mais, tem cara de presente: para mãe, pai, namorado, mulher, amigos... Criamos um site para explicar melhor o projeto, por onde as pessoas encomendam suas listas. A questão da interatividade é uma tendência e vem ganhando cada vez mais espaço na internet. Agora, ela chega ao mercado editorial e à literatura - diz Mariana.

Notícia 043

Jogo, máfia e arranha-céus em pouco mais de cem anos na História de Las Vegas

O Globo 07/08/2008

LAS VEGAS - "A diferença entre a antiga e a nova Las Vegas é que uma termina onde começa a outra". Para espanto dos que o ouviam, o curador do Las Vegas Convention and Visitors Authority, Paco Alvarez, explica, enquanto mostra fotos históricas que a cidade de Las Vegas acaba nos limites entre o centro (Downtown), onde fica Fremont Street, e onde começa Las Vegas Boulevard, a Strip. A maior parte da Strip fica em Clark County.

- A Sahara Avenue divide o Clark County, com a Strip e Downtown, com a Fremont.

Sendo assim, fica combinado: a cidade de Las Vegas fica a duas milhas (3,6 quilômetros) ao norte da Strip - cujo final é marcado pela torre do Stratosphere Hotel, o quinto prédio mais alto nos Estados Unidos.

- Mas a Strip e a cidade cresceram juntas - pondera o pesquisador, nascido em Vegas - E, como a Strip não pode mais crescer no sentido sul **por causa do aeroporto**, a revitalização de Downtown e a expansão para novas áreas como Lake Las Vegas, e Handerson a leste ou Boca Park, a oeste, é facilmente compreendida.

De fato, percorrendo a Strip (a pé, sempre a pé, entrando e saindo dos hotéis-cassinos), percebe-se que Las Vegas cresce para o alto, enquanto se observa a construção de novos complexos hoteleiros de arranha-céus com dezenas de andares. Cercada de montanhas, a cidade espremida em um vale tem restrições para construções. E as áreas citadas por Alvarez, Lake Las Vegas, Handerson e Boca Park já formam um circuito off-strip, onde também sopram os ventos da revitalização e do desenvolvimento.

Em Downtown, hoje estão sendo investidos US\$ 24 bilhões no projeto de revitalização:

- A idéia é fazer de Downtown, que fica no centro desta área cercada por montanhas, uma área mais agradável para os pedestres caminharem, com um ambiente boêmio, onde as pessoas podem passear e se esbarrar, num clima amigável.

A Fremont Street foi fechada ao tráfego em 1994. Em 1995, a Fremont Experience entrou em cena para atrair turistas também à noite. Um telão luminoso (as lâmpadas já foram trocadas por leds) estende por cinco quadras propiciando um show de luzes e sons. Em cartaz Fred Mercury e sua banda Queen, com "We are the champions". O telão costuma transmitir os shows que acontecem nos palcos colocados ao longo da Fremont. Com sorte, você também poderá assistir ao clipe de US - "I still havent found what I`m looking for - gravado bem ali, em meio aos letreiros luminosos já conhecidos mundo afora de hotéis-cassinos da 'clássica' Las Vegas, como o Golden Nugget, 4 Queens, Binions's, e lojas de entretenimento para adultos.

Las Vegas foi fundada em 1905, após um leilão de terras. A região era uma fonte de água para os espanhóis que exploravam a região. O leilão aconteceu exatamente

onde hoje está o Plaza Hotel e Cassino - numa das extremidades da Fremont Street. Também foi ali naquela `praça` que surgiu o primeiro hotel da cidade: o Golden Gate Hotel e Cassino em 1906.

O Mirage foi o primeiro megaresort a mudar a paisagem na Strip. À época, um empreendimento considerado astronômico, **pois** precisava faturar US\$ 1 milhão ao dia para atingir seu break-even (igualar resultados para os acionistas).

- Dos tempos iniciais de Las Vegas, ainda existem os hotéis cassino Sahara, um dos mais antigos e o The Frontier, o primeiro a ser aberto na Strip, o que derruba o mito construído a partir dos filmes que retratam o crescimento da cidade nos anos 40, de que Bugsy Siegel tenha sido o pioneiro com o Flamingo. Tem ainda o Hotel El Cortez, que deu início à vocação turística da cidade. Em seguida vieram os gangster, como o lendário Bugsy Siegel. O Flamingo veio depois - conta Paco Alvarez.

Em Las Vegas ficção e realidade se misturam, dando vida às lendas difundidas pelo cinema. O atual prefeito da cidade, Oscar Goodman, em seu terceiro mandato (reeleito duas vezes, no cargo desde 1999), fez uma ponta no filme "Cassino" interpretando o papel dele mesmo, como defensor de personalidades da máfia local (antes de ser prefeito), como advogado do personagem de Robert de Niro. Bugsy Siegel, o mafioso cujo nome esteve ligado a muitos cassinos que ainda resistem, foi interpretado nas telas por Warren Beatty (Bugsy, 1991). Nos palcos dos hotéis cassinos, muitos astros e estrelas do mundo pop construíram ali bens sucedidos momentos de sua carreira: Frank Sinatra, Elvis Presley, Elton John, que ainda se apresenta na cidade entre muitos outros artistas, comediantes, mágicos, produções da Broadway, grupos como o Cirque du Soleil, que replica em diversos palcos da cidade diferentes espetáculos.

Dos hotéis-cassinos enfileirados na Fremont, o Golden Nugget contribui para a história da cidade **por ter** abrigado as temporadas de Frank Sinatra. Além disso, o cassino tem uma piscina inacreditável conjugada a um aquário de tubarões, que permite que você deslize num toboágua passando no meio do tanque dos tubarões. Há 16 tubarões e quatro arraias convivendo ali harmoniosamente com o olhar curioso dos hóspedes do hotel. Para evitar que os tubarões se reproduzam são mantidos apenas machos ou fêmeas de uma ou outra espécie. Eles vivem em cativeiro cerca de 30 a 35 anos. Ah, é possível jogar na piscina também.... e, num dos corredores do hotel, esta à mostra a maior pepita de ouro em exibição no mundo, que foi encontrada na Austrália em 1980. O camarim de Frank Sinatra é mantido até hoje com móveis e decoração da época, mas que não fica aberto ao público (somente sob consulta) e Kenny Rogers - ex-diretor de entretenimento da casa antes de se tornar cantor famoso

Notícia 057 Ø

Morte assombrou Ingrid Betancourt no cativeiro na Colômbia

O Globo 04/07/2008

BOGOTÁ, Colômbia (Reuters) - Ingrid Betancourt iniciava cada dia de seu cativeiro às 4h da madrugada - com frio e deprimida, mas acordada no escuro à espera de ouvir as palavras de incentivo a serem ditas pela mãe dela, no rádio.

A refém era assombrada por pensamentos suicidas e por temores de que seria morta. Com frequência acorrentada a uma árvore pelo pescoço, dentro de acampamentos secretos montados em áreas de mata e tomados por insetos e lama, Ingrid Betancourt perdeu o apetite.

Muitas das vezes em que comeu, ela vomitou.

"A morte é a companheira mais fiel de um refém", afirmou a repórteres na quinta-feira. "Nós vivíamos ao lado da morte. E a tentação do suicídio sempre nos acompanhou."

Mantida durante seis anos pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), ela era a principal moeda de troca de um grupo de 44 reféns de destaque que a mais antiga guerrilha da América Latina desejava usar para obter a libertação de rebeldes presos.

Na quarta-feira, porém, essa cidadã franco-colombiana seqüestrada enquanto fazia campanha para a Presidência da Colômbia foi repentinamente libertada quando os militares conseguiram enganar os guerrilheiros, convencendo-os a libertar Betancourt e mais 14 reféns.

Ciente de que outros reféns haviam sido mortos ao longo dos anos, em meio a esse antigo conflito, a ex-candidata temeu por sua vida, com medo de que as Farc a matassem ou que morresse em um choque com as forças do governo.

De forma semelhante à maioria dos reféns, ela disse que as mensagens de amigos, parentes e simpatizantes divulgadas por rádio foram fundamentais para sua sobrevivência e ajudaram a combater o tédio dos dias nos quais os guerrilheiros obrigavam-na a recolher-se a sua rede de dormir às 18h.

O que fez com que prosseguisse mesmo nos momentos mais sombrios, contou, foram as lembranças de sua família, e em especial as da filha e do filho.

Junto de seus filhos novamente, na quinta-feira, a ex-candidata, 46, prometeu grudar neles e nunca deixar de cobri-los de beijos.

Os dois impediram-na de afogar-se no que descreveu como sendo um mar de desesperança. "Em cada aniversário deles, eu lhes cantava 'Parabéns pra Você'. Mesmo se trouxessem um biscoito ou a refeição tradicional de arroz e feijão, eu fingia que se tratava de um bolo e comemorava o aniversário deles em meu coração", escreveu certa vez Betancourt, do cativeiro.

"Eu sinto como se meus filhos estivessem com suas vidas em suspenso, esperando que eu saísse dali."

A ex-candidata começou a fumar enquanto no cativeiro. Ela usava alguns dos cigarros para obter produtos de primeira necessidade como um pedacinho de sabonete ou remédios para sua dor de estômago.

A refém tomava banho completamente vestida para não ser vista nua pelos homens encarregados de vigiá-la. Questionada sobre se havia sofrido algum tipo de violência sexual, Betancourt respondeu: "Eu tive experiências dolorosas. Mas não quero falar disso aqui, neste momento de alegria."

As tentativas dela de escapar renderam-lhe punições - ficar acorrentada pelo pescoço, ficar sem comida ou caminhar entre acampamentos descalça.

Em uma carta escrita para sua mãe e divulgada no ano passado, a ex-candidata afirmou: "Eu tentei manter minha cabeça acima da linha d'água. Mas, mãe, eu comecei a desistir. O meu sofrimento diário e o sofrimento de todo mundo parecem fazer da morte uma doce opção."

Notícia 067 Ø

Ratos invadem favela e amedrontam moradores

O Globo 21/04/2008

SÃO PAULO - A Favela Nova Esperança, parte do complexo Paraisópolis, na zona sul da capital, está sob ataque dos ratos. Moradores já foram mordidos e estão assustados. Eles passaram a dormir com a luz acesa para não serem incomodados pelos roedores. A principal aposta para combater a praga tem demonstrado pouca eficiência. Pelo menos um gato já fugiu da batalha. Outros estão sendo acusados de fazer corpo mole.

Os primeiros barracos da Nova Esperança foram erguidos em 1996, segundo a dona-de-casa Sebastiana de Oliveira, de 55 anos, uma das primeiras a chegar na comunidade. Os ratos, entretanto, já tinham ocupado o terreno há muito tempo.

- Sempre teve muito rato por aqui. E cada ratão gigante... Meu marido cansou de matar eles com estilingue. Ele ficava sentado na escada de casa só dando estilingada nos bichinhos - conta Sebastiana.

O estilingue não é mais usado no combate aos roedores. Alguns moradores apelaram para a distribuição de veneno em locais estratégicos.

- Mas acho que os ratos não se interessam mais pelo chumbinho - opina Viviane Benigno dos Santos, de 29 anos.

Ela e algumas vizinhas apelaram, então, para a mais antiga arma anti-ratos.

- Todo mundo aqui cria um gatinho. O problema é que os ratos são tão grandes que os gatos não dão mais conta - diz Sebastiana.

O bichano de Viviane é um exemplo claro. Ele fugiu de casa sem enfrentar os ratos de frente. O controle dos roedores na Nova Esperança é parte de uma preocupação maior dos moradores: evitar o contágio por leptospirose. A doença, transmitida pela urina do rato, causa dor de cabeça, febre, hemorragias, vômitos e manchas na pele. Não há vacina. Nenhum caso de leptospirose foi registrado entre os moradores.

- Eu não deixo as crianças saírem na chuva nem andar por aí sem o chinelo - conta Maria da Piedade Ramos, de 33 anos.

Os cuidados não impediram a dona-de-casa de ter os dedos das mãos mordidos.

- Eu estava dormindo, com o braço estirado para fora da cama. Aí, senti um estalo na ponta das mãos. Era um rato me mordendo. Fiquei com as duas mãos dormentes, mas depois passou - relata Maria da Piedade.

A mulher sequer procurou o posto de saúde. Os ratos também inspiram cuidados dentro de casa. Vanessa da Silva Fernandes, de 22 anos, não deixa nenhum alimento aberto em cima da pia.

- Tem que ser tudo tampado e bem guardado. Os ratos já até rasgaram uma embalagem de macarrão - diz a jovem.

A Subprefeitura de Campo Limpo diz que não foi procurada para fazer a desratização do local. Um esgoto a céu aberto contribui para a reprodução dos roedores. Resultado: em Paraisópolis, quando o gato sai - e quando ele não sai -, o rato faz a festa.

Notícia 082

Catedral de Santo Amaro precisa de reformas urgentes

O Globo 14/11/2008

SÃO PAULO - A paróquia de Santo Amaro, na zona sul da capital, é a segunda mais antiga do estado, ficando atrás apenas da paróquia de São Miguel. Apesar da importância histórica, a catedral de Santo Amaro está em péssimo estado. Ela foi fechada para a reforma, mas por enquanto só o telhado está sendo arrumado.

Em junho de 2007, uma parte do forro da catedral desabou. Ninguém se feriu, mas a igreja foi interditada. Os sinais de degradação estão por todos os lados. Nas paredes, infiltrações. Ação dos cupins no forro, no telhado e nas portas. O prédio todo está comprometido. A catedral, inaugurada em 1924, está no local onde, no século XVII, havia uma capela.

Na igreja, com estilo romano e tijolos de barro, foram realizados casamentos, batizados. As celebrações do local ficaram na memória das pessoas da região. Mas o que o que se vê hoje é bem diferente. O prédio só está de pé **porque** alguns andaimes sustentam a estrutura.

- A sua estrutura está completamente comprometida. Ele não tem mais uma auto-sustentação. Urgente, com toda certeza, não é algo que se pode esperar mais, é para agora - afirma Padre Vander Maia, administrador paroquial.

O último desabamento foi há duas semanas. Em março deste ano, começaram as obras para arrumar o telhado, mas também é preciso restaurar as paredes com os afrescos, os altares e o piso. Um orçamento é de R\$ 2,5 milhões. A Associação Cultural Santo Amaro tem só R\$ 250 mil, que conseguiu com empresas, moradores e com a direção da igreja católica em Santo Amaro. Um projeto para buscar recursos da lei federal de incentivo à Cultura ainda vai ser encaminhado para Brasília. Se os recursos não vierem, a obra pode até ser interrompida.

Notícia 088

Tirar carteira de motorista fica mais caro a partir de janeiro

O Globo 26/12/2008

BRASÍLIA - A reformulação das regras para os cursos de formação de condutores fez crescer de forma significativa a procura de candidatos pelas auto-escolas de

Brasília nas últimas semanas do ano. Isso **porque** a partir do dia 1 de janeiro o curso teórico, atualmente com 30 horas-aula, passará a ter 45, no mínimo. Já o curso de direção veicular, hoje com carga horária de 15 aulas de uma hora, será composto de 20 horas-aula.

O maior número de aulas significará também aumento no custo para a retirada da Carteira Nacional de Habilitação - que pode variar de 20% a 70%, segundo estimativas. As novas regras foram definidas em julho pela resolução 285 do Conselho Nacional de Trânsito (Contran).

Em algumas auto-escolas da capital federal, o crescimento de alunos foi de 40%. É o caso da Auto-Escola Defensiva que, em média, forma por mês cerca de 600 alunos. Esse número pulou para 840 em novembro e dezembro, segundo a gerente administrativa Anne Regina Ramos:

- Há uma corrida pelas auto-escolas nesta reta final do ano. Isso **porque** os cursos de formação ficarão mais complicados.

O presidente do Contran, Alfredo Peres da Silva, informou por meio da assessoria de imprensa, que os alunos matriculados até 31 de dezembro deste ano estarão enquadrados nas regras antigas. Entre as novidades da grade curricular, está a inclusão no curso teórico das conseqüências do consumo de bebida alcoólica e de drogas.

A explicação do Departamento Nacional de Trânsito (Denatran), para inclusão desse tema está relacionada com o início da Lei Seca e a determinação de tolerância zero com condutores alcoolizados.

Na Auto-Escola Brasília, o número de alunos triplicou nestes dois últimos meses do ano. Segundo o diretor Alfredo Carneiro dos Santos Júnior, o número médio de alunos saltou de 360 por mês para mais de 1050, o que levou à contratação de novos instrutores práticos, teóricos, além da compra de três veículos.

A maior carga de aulas teóricas vai fazer com que o curso básico de habilitação para carro simples na Auto-Escola Brasília suba de R\$ 450 para R\$ 740 - aumento de 64%. Mesmo com o aumento, Júnior acredita que o número de novos clientes não deve diminuir nos próximos meses **porque** a habilitação é um documento obrigatório.

Júnior explica ainda que os conteúdos obrigatórios nos cursos de formação de condutores eram dados rapidamente **por causa da** pequena duração da formação teórica.

O objetivo das novas regras, segundo o Contran, é melhorar a formação dos condutores e conseqüentemente reduzir o número de acidentes de trânsito. Segundo a resolução, o curso teórico abordará, entre outros, temas relativos à direção de veículos em situação de risco, equipamentos de segurança do condutor motociclista, condução de motocicletas com passageiro e cargas, cuidados com as vítimas de acidente de motocicleta.

Para os que desejam ter habilitação para motocicletas, a resolução passa a determinar que o curso de prática de direção seja realizado em via pública, mas que antes haja instrução em circuito fechado até o pleno domínio do veículo.

A designer Marcela de Holanda Peixoto, de 25 anos, ainda nem se matriculou em

uma auto-escola, mas nesta sexta estava se candidatando à sua primeira habilitação. Ela foi uma das pessoas que lotou a loja do Detran, no Shopping Center Recife. Era mais uma entre os 210 jovens que do meio-dia às 15h haviam corrido aos postos avançados da autarquia para se candidatar à carteira de motorista. O motivo: as novas regras para conseguir o documento. Pelos cálculos da candidata, ela gastaria R\$ 800, o dobro do que vai precisar reivindicando a habilitação até o fim deste mês.

- Vim apressada, **porque**, com as novas regras, eu precisaria de 45 horas-aula de curso teórico, mais 20 horas de prática de direção veicular. Pela resolução anterior, precisaria só de 30 horas de aulas teóricas, mais 15 horas de curso de prática de direção. Pelas contas que o meu pai fez, eu gastaria R\$ 400 com o modelo atual e o dobro com o que vai vigorar a partir de janeiro. Como tenho um irmão, Filipe, que também está tentando se habilitar, pelas novas regras meu pai não iria gastar menos de R\$ 1,6 mil com nós dois. É muito dinheiro - disse ela.

Marcela conseguiu se inscrever para se candidatar à habilitação e, embora só vá recebê-la no próximo ano (se passar nos testes), gastará a quantia que pretendia. A diretora da Loja Detran do Shopping Recife, Cristina Machado, assegurou à usuária que ela se beneficiará das regras antigas. E tirou uma dúvida comum a muitos dos candidatos que apareceram nesta sexta:

- A despesa maior será só com auto-escola mesmo. **Porque** as taxas cobradas para a habilitação, que hoje são de R\$ 155,08, serão corrigidas apenas pelos índices da inflação, cerca de 6%.